

ORIGINAL

Data de entrada: 15 / 05 / 07  
Prof.(s): Vladimir  
Curso: Filosofia  
Disciplina: Teoria do Conhecimento  
Ed. Página: 126  
Atendente:



# Francis Bacon

DA PROFICIÊNCIA E O AVANÇO DO  
CONHECIMENTO DIVINO E HUMANO

TRADUÇÃO:  
JULIA VIDILI



MADRAS®

Publicado originalmente em inglês sob o título *The Advancement of Learning*.  
 Direitos de tradução para todos os países de língua portuguesa  
 © 2006, Madras Editora Ltda.

Autor  
 William Vercoriani Costa

Tradução e adaptação  
 Equipe Técnica Madras

Tradução  
 Julia Vidali

Revisão  
 Vera Lucia Guimarães  
 Névia Aparecida Rosa A. Cruz  
 Sérgio Scuro de Souza  
 Denise R. Camargo

CTP-BRASIL, CATALUNYA, NA-PONTE  
 SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, SJL

01231

Ricco Francis, 1561-1626

Francis Bacon: Da Proficiência e o Avanço do Conhecimento Humano  
 Tradução Julia Vidali. - São Paulo: Madras, 2006

Tradução de: The advancement of learning

ISBN 85-770-00-0-4

I. Tema do conhecimento. 2. Ciência - Metodologia - Obras anteriores a 1800. 3. Língua. I - Obras anteriores a 1800. 4. Utopias - Obras anteriores a 1800. I. Título.  
 II. Título. Da proficiência e o avanço do conhecimento número  
 06-2211.

CDD 121

CDU 165

IN 5053

21.06.06

28.06.06

Os direitos de tradução desta obra pertencem à Madras Editora, assim como a sua adaptação e reedição. Fica, portanto, proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Madras Editora, ou pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição, em língua portuguesa, reservados pela



MADRAS EDITORA LTDA.

Rua Paulo Gonçalves, 88 - Santana

CEP: 05405-070 - São Paulo/SP

Caixa Postal 12209 - CEP: 02013-9-0 - SP

Tel.: (11) 6281-9773/6959-1127 - Fax: (11) 6959-3090

www.madras.com.br



## ÍNDICE

Introdução ..... 7

### O Primeiro Livro

Ao Rei .....	11
I .....	15
II .....	20
III .....	27
IV .....	35
V .....	44
VI .....	50
VII .....	56
VIII .....	63

### O Segundo Livro

Ao Rei .....	75
I .....	81
II .....	88
III .....	96
IV .....	99
V .....	103
VI .....	107
VII .....	110
VIII .....	119
IX .....	126
X .....	130
XI .....	139

XII	142
XIII	145
XIV	153
XV	159
XVI	165
XVII	165
XVIII	171
XIX	176
XX	180
XXI	187
XXII	195
XXIII	208
XXIV	238
XXV	240



## INTRODUÇÃO

“O s dois livros de Francis Bacon, *Da Proficiência e o Avanço do Conhecimento Divino e Humano ao Rei*, em Londres, impresso por Henrie Tomes, a ser vendido em sua loja em Graies Inne Gate, em Holborne, 1605.” Esse era o título original da obra que a leitora tem agora nas mãos – uma publicação viva que abriu o caminho para um novo mundo de pensamento. Foi o livro em que Bacon, no início do reinado de Jaime I, preparou a trilha para uma plena apresentação de seu *Newum Organum*, no instrumento de conhecer-lo.

O *Organon* de Aristóteles era um conjunto de tratados no qual o filósofo explicava a doutrina das proposições. O estudo desses tratados era uma das principais ocupações dos jovens que passavam da escola para a faculdade e evoluíram da Gramática para a Lógica, a segunda das Sete Ciências. Francis Bacon, aos 16 anos, estudava no Trinity College, em Cambridge, e percebia a improdutividade desse método de busca pela verdade. Era filho de sir Nicholas Bacon, Lord Guardião do Selo da Rainha Elizabeth, e nascera na York House, na rua Strand, a 22 de janeiro de 1561. Sua mãe era a segunda esposa do Lord Guardião e tinha uma irmã casada com sir William Cecil, mais tarde Lord e Burleigh. Sir Nicholas Bacon tinha seis filhos de seu casamento anterior e, com a segunda esposa, teve dois meninos, Antony e Francis, sendo Antony dois anos mais velho. A casa da família ficava em York Place e em Gorhambury, próximo a St. Albans, cidade de cujos nomes antigo e moderno Bacon mais tarde emprestou seus títulos de Ventham e St. Alban.

Antony e Francis Bacon entraram juntos para o Trinity College, em Cambridge, quando Antony tinha 14 anos e Francis 12. Francis permaneceu

em Cambridge apenas até os 16 anos; o Dr. Rawley, que foi seu professor mais tarde, relata que "enquanto ele era interno na Universidade, por volta dos 16 anos (je que Sua Excelência teve a bondade de comunica-lo a mim), começou a desgastar da Filosofia de Aristoteles. Não por falta de valor de autor, a quem imputava os mais altos atributos, mas pela inutilidade do estudo, por ser uma Filosofia (como Sua Excelência costumava dizer) forte apenas para disputas e contendas, mas estéril na produção de trabalhos para o benefício da vida do homem, mentalidade que manteve até o dia de sua morte". Bacon, aos 16 anos, foi enviado a Paris com o embalsamador de Annyas Paulet para iniciar seu treinamento para o serviço público, mas a morte de seu pai, em fevereiro de 1579, antes de completar as disposições que fazia para seu filho mais novo, obrigou-o a voltar a Londres e, aos 18 anos, a estabelecer-se na Hospedaria Gray para estudar Direito. Foi admitido como advogado em junho de 1582 e, nessa mesma época, aos 21 anos, escreveu um esboço de sua concepção de um Novo Organon que guiaria o homem a um conhecimento mais frutífero, em um pequeno tratado em latim intitulado "Teagueis Partes Maximus" (O Maior Fruto do Tempo).

Em novembro de 1584, Bacon assumiu seu lugar na Câmara dos Comuns como membro por Melcombe Regis, em Dorsetshire. Em outubro de 1586 representava Taunton. Mais tarde, foi membro por Liverpool, foi um dos que solicitaram a imediata execução de Mary, rainha dos escoceses. Em outubro de 1589 obteve a elevação da função de Escrivão do Conselho da corte Star Chamber, com um salário de 1.600 ou 2.000 libras por ano; mas para a sucessão a esse cargo teve de esperar até 1608. Anúnciação o obteve quando escreveu seus *Deis Livros sobre o Avanço do Conhecimento*, no Parlamento que se reuniu em fevereiro de 1593. Bacon representava Middlesex. Ressaltou as dificuldades de procedimento para a concessão de um triplo subsídio, por justa objeção à união dos Lordes com os Comuns em uma concessão monopolária, e um desejo de estender o prazo permitindo para pagamento de três para seis anos; do fato, foi estendido para quatro anos. A rainha ficou afrontada. Francis Bacon e seu irmão Anthony tiveram se ligado ao jovem Conde de Essex, que era seu amigo e protetor. O cargo de advogado-geral ficou vago. Essex pediu à Rainha que nomeasse Francis Bacon. A rainha deu o cargo a Sir Edward Coke, que já era advogado-geral assistente e, por nove anos, foi superior de

Bacon. Assim, o cargo de advogado-geral assistente ficou disponível e foi atribuído para Francis Bacon. A rainha, após delongas e hesitações, o condeceu em novembro de 1595, ao advogado sênior Fleming. O Conde de Essex consolou seu amigo lhe dando "Um pedaço de terra" - Twickenham Park -, que mais tarde Bacon vendeu por 1.800 libras. - o equivalente, digamos, a 12 mil libras no poder aquisitivo de hoje. Em 1597, Bacon retornou ao Parlamento por Ipswich e, neste ano, casou-se com a rica viúva de Sir William Hatton, com a ajuda de Essex, mas a dama desposou, no ano seguinte, Sir Edward Coke. Em 1597 Bacon publicou a primeira edição de seus *Ensaio*. Em um livrinho que continha apenas dez ensaios em inglês, com 12 "Meditationes Sacrae", que eram ensaios em latim sobre temas religiosos. De 1597 até o fim de sua vida, os *Ensaio* de Bacon foram objeto de contínuas adições e revisões. A segunda edição do autor, em que o número de ensaios foi aumentado de dez para 38, não foi lançada até novembro ou dezembro de 1612, sete anos depois dos dois livros sobre o "avanço do conhecimento", e a edição final nos *Ensaio*, em que o número foi aumentado de 38 para 58, ficou pronta em 1625. Bacon morreu a 9 de abril de 1626. A edição dos *Ensaio* publicada em 1597, sob Elizabeth, marca apenas o início de uma corrente de pensamento que mais tarde tomou um só curso junto com seus ensinamentos de Filosofia.

Em fevereiro de 1601 houve a rebelião de Essex. Francis Bacon se separara de seu protetor depois de lhe dar conselhos que foram ignorados. Bacon, agora conselheiro da rainha, não apenas se ergueu contra seu antigo amigo mas, com excesso de zelo, com o qual esperava, talvez, com novamente nas boas graças da rainha, por duas vezes emitiu violentos ataques contra Essex, mesmo sem ter sido chamado a dar declarações sobre o assunto. Em 25 de fevereiro de 1601, Essex foi decapitado. A seguir, o gênio de Bacon foi empregado em justificar esse ato com "Uma Declaração das Práticas e Traições tentadas e cometidas por Robert, Conde de Essex, e seus Cúmplices". Mas Jaime da Escócia, em cujo favor Essex intercedera, subiu ao trono após a morte de Elizabeth, em 24 de março de 1603. Bacon estava entre os muitos homens amados cavaleiros de Jaime I e teve de justificar-se sob essa nova ordem escrevendo "Sir Francis Bacon, suas justificativas para certas Imputações relatadas ao falecido Conde de Essex". Ele retornou no primeiro Parlamento de Jaime I, por Ipswich e



St Albans, e foi confirmado em seu cargo de conselheiro do rei em agosto de 1604; mas não foi indicado ao posto de advogado-geral quando o cargo ficou vago, nesse mesmo ano.

Essa era a posição de Francis Bacon em 1605, quando publicou este trabalho, no qual, no *Primeiro Livro*, apontava o descrédito lançado sobre o conhecimento pelas deficiências herdadas dos estudos e a nulidade de muitos dos estudos escolásticos ou do modo de lidar com eles. Assim como, segundo ele, especialmente por uma visão errônea ou deslumada a respeito da última finalidade do conhecimento, como se nele fosse buscada "uma diva para desobscurecer um espírito curioso e insaciável; ou um terrapço em que uma mente vagante e volúvel possa pastar, gozando de uma bela vista; ou uma terra sobranceira para que uma mente orgulhosa se eleve; ou um forte ou cidadela para comandar luta e contenda, ou uma loja, para lucro e comércio; e não um rico armazém para a glória do Criador e o alívio da condição humana". O restante do *Primeiro Livro* é ocupado por uma argumentação sobre a dignidade do conhecimento; e o *Segundo Livro*, Sobre o Avanço do conhecimento, é, como descrito pelo próprio Bacon, "uma parábola alegórica e ficcional, pelo conhecimento, com uma investigação das partes que nele permanecerem frescas e desperdiçadas, e não aperfeiçoadas e convertidas pela inéscia humana, com a finalidade de que tal projeto, traçado e registrado na memória, possa a um tempo trazer luz a qualquer designação pública e servir para acumular experiências voluntárias". Com uma espécie de análise exaustiva, Bacon traça um plano de todos os tempos de estudo, como um mapa intelectual, para ajudar o pesquisador em sua busca pelo caminho correto. O caminho correto é aquele por meio do qual ele tem as maiores chances de contribuir para o armazém de conhecimento na medida em que algo por que valia a pena trabalhar, o verdadeiro valor está no labor pela "glória do Criador e o enriquecimento da vida humana".

H.M.



## O PRIMEIRO LIVRO

AO REI

**H**avia, no tempo da lei, excelentes diácos e oferendas espontâneas; os primeiros vinham da observância ordinária, os outros, de uma disposição devota, da mesma maneira, pertence aos reis receber de seus servidores tanto os tributos obrigatórios quanto presentes de afeição. No primeiro deles, espero não falhar durante minha existência, de acordo com muitas mais humildes obrigações e a boa satisfação dos empregos a mim confiados por Vossa Majestade, quanto ao último, acredito ser mais respeitosa dar preferência a uma obrigação que pudesse refletir-se mais à realeza e excelência de sua pessoa individual que aos negócios de sua coroa e Estado.

Por essa razão, representando Vossa Majestade muitas vezes em minha mente e não a contemplando com o olhar inquisitivo do orgulho, para descobrir que aquilo que a Escritura diz ser inevitável, mas com o olhar observador do dever e da admiração, deixando de lado as outras partes de sua virtude e fortuna, fui tocado - sim, e possuído - por um extremo espanto diante de suas virtudes e faculdades: o que os filósofos chamam intelectuais, a grandeza de sua capacidade, a fidelidade de sua memória, a ligeza de sua apreensão, a penetração de seu julgamento e a facilidade e ordem de sua elocução; e muitas vezes pensei que, de todas as pessoas vivas que conheci, Vossa Majestade seria o melhor exemplo de um homem segundo a opinião de Platão de que todo o conhecimento é apenas lembrança, de que a mente do homem

pra natureza conhece todas as coisas e apenas revive e respira SIBS noções  
 justas e originais (as quais estão aprisionadas pela estorvidade e obscuridade  
 desse tabernáculo do corpo), observar tal luz da natureza em Vossa Majesta-  
 de, e tal prontidão para tirar chispa e fulgor mesmo da titania das ocasiões ou  
 da menor faísca do embriagem de outrem. E as Escrituras dizem do mais  
 sábio dos reis: "Que seu coração era como a areia de mar", a qual, embora  
 seja um dos maiores corpos, é formada pelas menores e mais finas particu-  
 las; da mesma forma Deus concedeu a Vossa Majestade uma combinação  
 admi-ável de compreensão, sendo capaz de alcançar e compreender os prin-  
 cipais assuntos e, mesmo assim, de tocar e apreender os menores; muito embo-  
 ra possa parecer uma impossibilidade da natureza ser o mesmo instrumento  
 adequado a trabalhos grandes e pequenos. É por seu dom da oratória, vem à  
 mente aquilo que Cornelio Tácito diz de Augusto César: *Augustus  
 profusus, et quod principem doceret eloquentia fuit* [Em Augusto, a  
 eloquência era fluente e tal como um vinho a um príncipe]. Pois, a bem con-  
 siderarmos, o discurso que é pronunciado com trabalho e dificuldade, o  
 discurso que sabe a afetação da arte e dos preceitos ou o discurso embolfa-  
 ndo seguido a imitação de algum padrão de eloquência, embora jamais tão  
 excelente, têm todos algo de servil e inutem a exposição das idéias. Mas a  
 maneira de discursar de Vossa Majestade é, de fato, principesca, fluente como se  
 gressasse de uma fonte e ainda corre e ramifica-se na ordem da natureza,  
 cheia de facilidade e felicidade, sem ameter ninguém e imitar a ninguém  
 um. É assim como, em sua situação de rei, parece haver uma emulação e  
 afirmação da virtude de Vossa Majestade em sua boa fortuna; uma disposi-  
 ção virtuosa com um governo afortunado, uma expectativa virtuosa (em dado  
 momento) de uma maior felicidade, com sua prospera prosse no devido tem-  
 po, uma virtuosa observação das leis do casamento, com o mais abençoado e  
 feliz fruto do matrimônio; um desejo virtuoso e muito cristão de paz com uma  
 afetuada inclinação dos príncipes vizinhos para o mesmo, assim, da mesma  
 maneira, esses assuntos intelectuais parece não haver menos alteração  
 entre a excelência dos dois nativis de Vossa Majestade e a universalidade  
 e perfeição de seu saber. Estou bem certo, pois, de que o que disse não é de  
 forma alguma uma exageração, mas uma verdade positiva e mensurada, e  
 essa verdade é que, desde o tempo de Cristo, não houve nenhum rei em  
 monarca temporal tão culto em toda a literatura e erudição divina e humana

Se alguém vier a porcionar e examinar com seriedade e diligência a sucessão  
 dos imperadores de Roma, dentre os quais César, o Ditador (que viveu alguns  
 anos antes de Cristo) e Marco Antônio eram os mais cultos, e deles passar  
 aos Imperadores da Grécia, ou do Ocidente, e dali para as linhagens da Fran-  
 ça, Espanha, Inglaterra, Escócia e o restante, perceberá que esse julga-  
 mento foi feito verdadeiramente. Já parece bastante para um rei se, graças  
 a sucessos extratos vindos da inteligência e do trabalho de outros homens,  
 não pudesse dominar alguns ornamentos superficiais e mestras de saber, ou  
 se favorecesse e promovesse o conhecimento e os homens instruídos; mas  
 de fato, beber nas verdadeiras fontes do saber — mas que isso, encontrar essa  
 fonte de saber em si mesmo, em um rei, e em um rei por nascimento — é  
 quase um milagre. E mais que isso, pois em Vossa Majestade encontra-se  
 uma rara conjunção, tanto da literatura divina e sagrada quanto da profana e  
 humana, assim, Vossa Majestade encontra-se investido dessa triplidade que  
 em grande veneração foi atribuída ao antigo Hebreus: o poder e a boa fortuna  
 de um rei, o conhecimento e a iluminação de um sacerdote e o saber e a  
 universalidade de um filósofo. Essa propriedade inerte e atribuído indivi-  
 dual de Vossa Majestade merecem ser expressos não apenas na fama e  
 adulação do tempo presente ou na história ou tradição das eras que virão,  
 mas também em uma obra sólida, memorial fixo e monumento inerte, que  
 traga um caráter ou assinatura do poder de um rei e da distinção e perfei-  
 ção desse rei.

Por conseguinte, conclui consigo mesmo que não poderia fazer a Vos-  
 sa Majestade uma melhor oblação que a de um tratado com esse fim; ele  
 consistirá destas duas partes: a primeira, a respeito da excelência do saber  
 e do conhecimento e da excelência do mérito e da verdadeira glória em sua  
 ampliação e propagação; a segunda, quais atos e obras particulares foram  
 adotados e empreendidos para o avanço do conhecimento; e, finalmente,  
 quais defeitos e depreciações encontrei em tais atos; com o objetivo de que,  
 embora eu não possa positivamente ou afirmativamente aconselhar Vossa Majes-  
 tade ou apresentar-lhe portamentos delimitados, possa estimular suas prin-  
 cipais cogitações a visitar o excelente tesouro de sua própria mente e,  
 dali, extrair particulares para esse fim agradável à sua magnanimidade e  
 sabedoria.



## I

(1) Na apresentação da primeira dessas partes — para desobstruir o caminho e, por assim dizer, estabelecer o silêncio para que os verdadeiros testemunhos a respeito da dignidade do conhecimento sejam mais bem ouvidos, sem a interrupção de objeções tacetas — preciso ser bem lembrado dos descreditos e desvalimentos que recebeu, todos nascidos da ignorância, mas uma ignorância severamente desarraigada, que aparece por vezes no zelo e na azeveja dos eclesiásticos, por vezes na severidade e arrogância dos políticos e por vezes nos erros e imperfeições dos próprios eruditos.

(2) Ouvi o primeiro tipo dizer que o conhecimento é uma daquelas coisas que deve ser aceita com grande limitação e cautela; que a aspiração a demasiado conhecimento foi a tentação e o pecado original que resultaram na queda do homem, que o conhecimento tem em si algo da serpente e que, portanto, quando entra no homem o faz machar: *ciencia macha* (a ciência macha); que Salomão faz uma censura, "Que de fazer muitos livros não há fim: e o muito estudar é enfado da carne", e, em outro ponto, "Que no conhecimento vasto há muito contrastamento e que aquele que aumenta o conhecimento aumenta a ansiedade"; que São Paulo faz uma advertência, "Que não nos deixemos corromper pela via Filosofia"; a experiência demonstraria como os eruditos foram fundadores de heresias, como as épocas cultas foram inclinadas ao ateísmo e como a contemplação das causas segundas nos afastava de nossa dependência de Deus, que é a causa primeira.

(3) Para revelar, portanto, a ignorância e o erro dessa opinião e a interpretação errônea em que se baseia, poderia mostrar que esses homens não observaram ou consideraram que não foi o puro conhecimento da natureza e da universalidade, um conhecimento por cuja luz o homem deu



nome as outras criaturas do paraíso quando foram trazidas diante dele de acordo com suas propriedades, o que deu ocasião a queda, mas foi o conhecimento arrogante do bem e do mal, com a ambição humana de ditar as próprias leis e de não mais depender dos mandamentos de Deus, que deu forma à tentação. Também não é a quantidade de conhecimento, por maior que seja, que pode fazer nuca a mente humana, pois nada pode preencher nem muito menos estender a alma do homem, sendo Deus e a contemplação de Deus, e, portanto, Salomão, ao falar dos dois principais sentidos da inteligência, a visão e a audição, afirma que a visão nunca se satisfaz de ver nem o ouvido de ouvir, e se não há satisfação, é porque o continente é maior que o conteúdo, assim, o próprio conhecimento e o espírito do homem, dos quais os sentidos são apenas informantes, são por ele deturpados da mesma maneira nestas palavras: coloca-as após o calendário ou efêmero que estabeleceu sobre a diversidade das épocas e estações para todas as ações e finalidades, que conclui desta forma, “Deus fez todas as coisas belas, ou decorets, no verdadeiro retorno de suas estações. Também pôs o mundo no coração do homem, porém o homem não pode perceber o trabalho em que Deus trabalha desde o início até o fim” — declarando, de forma nada obscura, que Deus formara a mente do homem como um espelho ou vidro, capaz de refletir a imagem do mundo universal e alegre por receber sua impressão, assim como o olho se rejoriza por receber a luz; e não apenas deleitosa por contemplar a variedade das coisas e a vicissitude dos tempos — mas também criada para perceber e discernir as ordens e os decretos que, por meio de todas essas mudanças, são infalivelmente observados. E embora ele insinue que a lei suprema ou summa da natureza (a que ele chama “o trabalho que Deus realizou desde o início até o fim”) não pode ser percebida pelo homem, mesmo assim isso não deprecia a capacidade da mente, mas deve ser associada aos impedimentos, como a brevidade da vida, má combinação de labores, má transmissão de conhecimentos de mão a mão e muitas outras inconveniências às quais a condição do homem está sujeita. O fato de nenhuma parcela do mundo ser negada à busca e à invenção do homem é declarado por ele em outro trecho, em que diz: “O espírito do homem é como a lâmpada de Deus, com a qual Ele explora as entranhas de todos os segredos”. Se tal é a capacidade de receber da mente do homem, fica manifesto que não há perigo na proporção ou quantidade

do conhecimento, por maior que seja; não há razão para crer que ele faça nuca a mente ou leve-a a exceder-se; é apenas a qualidade do conhecimento que, em maior ou menor quantidade, se absorve do sem o verdadeiro artifício, tem em si uma certa natureza venenosa ou maligna e alguns dos efeitos desse veneno, que não a ventosidade ou o inchaço. Esse venenoso veneno que sente de arididade, cuja fórmula tem o conhecimento tão soberano, é a caridade que o apóstolo imediatamente acrescenta à ciência anterior, pois assim diz ele: “A ciência usua, mas a caridade constrói”, nada diferente do que diz em outro ponto: “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como o bronze que soa ou como o címbalo que retine”. Não que não seja coisa excelente falar a língua dos homens e dos anjos mas, se não estiver ligada à caridade e for distante do bem dos homens e da humanidade, tem uma glória superficial e indigna, mais que uma verdade meritoria e substancial. E quanto à censura de Salomão sobre o excesso de escrita e leitura de livros, e a ansiedade do espírito derivada do conhecimento, e a admoestação de São Paulo para “não sermos seduzidos pela vã filosofia”, que essas passagens sejam apropriadamente interpretadas: elas de fato mostram de forma excelente as verdadeiras estações e limitações às quais o conhecimento humano está confinado e circunscrito, e mesmo assim sem nenhuma das restrições ou circunscritos que fazem com que ele não possa compreender a natureza universal das coisas; essas limitações são três: a primeira, “Que não depósitos toda nossa liberdade no conhecimento até o ponto de esquecermos nossa mortalidade”; a segunda, “Que apliquemos nosso conhecimento para obter repouso e satisfação, e não desgosto e aflição”; a terceira, “Que não pretendamos, com o estudo da natureza, atingir os mistérios de Deus”. No que diz respeito à primeira delas, Salomão a explica de forma excelente em outro ponto do mesmo livro, quando diz: “Perceba que o conhecimento afasta-se da ignorância assim como a luz da escuridão; e que os olhos do sábio permanecem alertas em sua cabeça, enquanto os do tolo vagam nas trevas; mas, acima de tudo, aprendi que a mesma mortalidade envolve a ambos”. E quanto à segunda, é certo que não haja desprezo ou ansiedade de mente que resultem do conhecimento, e não ser que seja apenas por acaso, pois todo o conhecimento e o passo (que é a sempre do conhecimento) dão uma impressão de prazer por si mesmos, mais quando os homens



temam firmes conclusões a partir de seu conhecimento, aplicando-o a seu caso particular e assim aplicando em si mesmos temores fracos ou vastos desejos. Ai surgem a circunspção e a inquietação mental de que se fala. Para esse caso, o conhecimento não mais é *Lumen siccum* [a luz seca], de que Heráclito, o Profundo, disse: *Lumen siccum optinet anima* [luz seca, elina melhor]; mas se torna *Lumen madidum* [luz úmida], ou *multivatum* [mucosa], sendo embebido e encharcado nos humores e nas afeições. Quanto ao terceiro modo, ele merece um pouco mais de atenção e não ser deixado para tras levemente, pois, se um homem pensa, por estudo e pesquisa das coisas perceptíveis e materiais, atinge essa luz graças à qual possa revelar a si mesmo a natureza ou vontade de Deus nesse caso, de fato estará contempido pela vã Filosofia; pois o estudo das naturas e obras de Deus produz (no que diz respeito às próprias obras e naturas) conhecimento, mas no que diz respeito a Deus não há conhecimento perfeito, mas especulação, que é um conhecimento fragmentado. E, portanto, com muita propriedade, disse um dos filósofos da escola de Platão que "os sentidos do homem têm uma semelhança com o Sol, que (como vemos) desce e revela todo o globo terrestre mas, ao mesmo tempo, obscurece e oculta as estrelas e o globo celestial, assim os sentidos descobrem as coisas naturais, mas encobrem e encobrem as divinas". Por isso, é bem verdade aquilo que precede, que diversos grandes naturas foram ignorantes quando buscavam alçar voo aos segredos da Deidade com as penas de cera dos sentidos. E quanto à ideia de que o conhecimento demasiadamente inclina um homem ao ateísmo e que a ignorância das causas segundas ocasiona uma dependência mais devota de Deus, que é a causa primeira, antes de tudo o bom fazer a pergunta que Jó fazia a seus amigos: "Mentireis em favor de Deus, acata como um homem mentiria por outro, por a agrada-lo?" Pois certo é que Deus não age na natureza senão pelas causas segundas, e se quisessem fazer acreditar em algo diferente, seria mera impostura, por assim dizer, a favor de Deus, mas nada mais além de oferecer ao Autor da verdade o impuro sacrifício de uma mentira. Mas, além disso, é uma verdade comprovada e uma conclusão da experiência que um conhecimento pequeno ou superficial de Filosofia pode inclinar a mente dos homens ao ateísmo, mas que um pequeno avanço nesse campo traz a mente de volta à religião. No início da Filosofia é quando as causas

segundas, mais próximas dos sentidos, se oferecem à mente do homem; se elas ali permanecem e se fixam, podem induzir o esquecimento da causa suprema, mas quando alguma avança mais um pouco e vê a ligação das causas e a obra da Providência, daí, de acordo com a alegoria dos poetas, ele facilmente aceitará que o mais alto elo da cadeia da natureza deve estar atado ao pé do trono de Júpiter. Para concluir, portanto: que ninguém possa pensar ou argumentar baseado em um fraco conceito de sabedoria ou em uma moderação erroneamente aplicada, que um homem possa ir longe demais na pesquisa ou que possa ser demasiadamente estudado no livro de palavra de Deus ou no livro das obras, dividindo na Filosofia de Deus; mas, antes, que os homens alcijem um progresso ou competência sem fim em ambos, contanto que saibam que devem aplicá-los à verdade, e não ao orgulho; à utilidade, e não à ostentação; e, novamente, que não misturem ou confundam imprudentemente esses conhecimentos





## II

(1) É quanto aos agríbrios que o conhecimento recebe dos políticos, são da seguinte natureza. Que o conhecimento amolece a mente dos homens e os torna menos aptos à honra e ao exercício das armas; que ele amolda e perverte a disposição dos homens para os assuntos de governo e política, tornando-os demasiado precavidos e irresolutos com a variedade de leis, ou demasiado peremptórios e seguros de si em virtude da severidade das regras, e assim, ou demasiado moderados e jactanciosos por causa da grandeza dos exemplos, ou demasiado incompatíveis e divergentes dos termos por causa da dissimilitude dos modelos, ou, ao menos, que ele desvia os esforços de homem da ação e dos negócios e os atrai a um amor pelo lazer e pelo isolamento; e que traz aos Estados um relaxamento da disciplina, já que cada homem fica mais impetuoso a discutir que a obedecer e executar. A respeito dessa ideia, Catóo, alcunhado o Censor, um dos homens mais sábios que já viveu, quando o filósofo Carneades veio em embaixada a Roma e os jovens de Roma começaram a apontar-se ao seu redor, faze nodos com a suavidade e grandeza de sua eloquência e conhecimento, disse em um discurso em uma sessão do Senado que deviam despedido o mais rapidamente possível, sendo ele influenciar e corromper as mentes e inclinações da juventude e, sem que percebessam, causaria uma alteração dos usos e costumes do Estado. A partir da mesma ideia em espírito, Virgílio, voltando sua pena em proveito de seu país e em detrimento de sua própria profissão, estabelece uma espécie de separação entre política e governo e artes e ciências, nos versos muito renomados em que atribui e restringe os primeiros aos romanos e africanos e entrega os outros aos gregos: *Tu reperit imperio populus, Romano, mentita; Hae tibi erunt artes,*

de. [Lembra-te, ó romano, de reger os povos pelo império; essas serão tuas artes, etc.] Da mesma maneira, vemos que Anito, acusador de Sócrates, usou, como artigo do ataque e acusação contra ele, o argumento de que ele havia, com a variedade e o poder de seus raciocínios e debates, afastado jovens da reverência às leis e costumes de seu país e que ele professava uma ciência perigosa e pernicioso, que pretendia fazer o povo parecer o melhor e suprimir a verdade por força de eloquência e palavra.

(2) Mas estas e outras semelhantes imputações têm mais a aparência da seriedade do que qualquer base de justiça; pois a experiência garante que, tanto nas pessoas quanto nos tempos, têm havido um encontro e uma concomitância entre o conhecimento e as armas, prosperando e distinguindo-se nos mesmos homens e nas mesmas épocas. Entre os romanos, pois, não poderia haver exemplo melhor nem maior que o par Alexandre, o Grande, e Júlio César, o Ditador, dos quais um foi aluno de Filosofia de Aristóteles e o outro, rival de Cícero em eloquência; ou, se algum homem preferir lembrar de estudiosos que foram também grandes generais, do que de generais que foram grandes estudiosos, que tomem Tráxinondas de Tebas, ou Xenofonte de Atenas, dos quais um foi o primeiro a enfraquecer o poderio de Esparta e o outro a procurar a abrir caminho para a derrocada da monarquia na Pérsia. E essa concomitância é ainda mais visível em épocas que em pessoas, tanto quanto uma arte é objeto maior que um homem. Tanto no Egito quanto na Assíria, Pérsia, Grécia e Roma, os mesmos períodos que são os mais renomados pelas armas são, da mesma maneira, os mais admirados pelo conhecimento, de forma que os maiores autores e filósofos e os maiores capitães e governantes viveram na mesma época. Não poderia ser de outra maneira, pois, assim como no homem, a maturidade da força do corpo e da mente vêm juntas em certa idade, exceto porque a força do corpo vem um pouco mais cedo, assim também nos Estados as armas e o conhecimento, das quais umas correspondem ao corpo, o outro à alma do homem, têm uma simultaneidade ou sequência próxima no tempo.

(3) É no que diz respeito a política e ao governo que o conhecimento possa ser em vez de capacitar e coisa muito improvável; sabemos que é considerado erro confiar um corpo natural a médicos empíricos, que comumente têm algumas receitas agradáveis nas quais confiam com grande audácia, mas que não conhecem nem a causa das doenças nem o caráter dos

pacientes, nem a gravidade das sustinias nem o verdadeiro método das curas. Sabemos que é um erro semelhante confiar em advogados ou heróis da lei que sejam apenas letrados de prática e não estejam atenciosos em seus livros e que com frequência são facilmente surpreendidos quando o caso está além de sua experiência, com prejuízo das causas de que se tratam; assim, por razão semelhante, só pode ser caso de dúvida a consequência surta em Estados condenados por estadistas empíricos, não misturados a heróis ou bases eruditas. Mas, pelo contrário, quase não há contra-exemplos afirmando que a grama vez tenha sido desastrosa o governo que estivesse nas mãos de governantes cultos. Por mais que tenha sido comum que homens políticos tenham depreciação e desacreditação em homens eruditos dando-lhes o nome de pedantes. Mesmo assim, nos registros do tempo, fica evidente em muitos casos particulares que o governo dos principais estados de idade (não obstante a infinita desvantagem desse tipo de situação política) superou, mesmo assim, o governo de príncipes de idade madura, exatamente pela razão que se busca deturmar, ou seja, porque naquela ocasião o Estado estivera nas mãos de pedantes. Pois assim estava o Estado de Roma nas primeiras cinco anos tão exaltados, da minoridade de Nero nas mãos de Seneca, um *patronus*, assim também esteve, pelo período de dez anos ou mais, durante a minoridade de Gordiano, o Moço, com grande aplauso e contentamento, nas mãos de Miséno, um *patronus*; também antes disso, na minoridade de Alexandre Severo, houve felicidade semelhante em mãos não muito diferentes, por razão do governo das melhores, que foram auxiliadas por professores e preceptores. Mas que isso, se um homem observar o governo dos bispos de Roma, dos quais notei o governo de Pio Quinto e Sixto Quinto em nossa época, os quais em seu ingresso eram vistos apenas como frades pedantes, ele descobrirá que tais papas faziam maiores coisas e procediam com base em princípios de governo mais verdadeiros que aqueles que haviam ascendido ao papado vindos de uma educação e criação em negócios de Estado e com princípios; pois embora homens criados no conhecimento por vezes faltem em descobrir o que seria conveniente e adequado ao momento, coisa a que os italianos chamam *ragioni di stato* [razões de Estado], sobre as quais o mesmo Pio Quinto não podia ouvir falar com paciência, desanimando-os invenções exatas a religião e as virtudes morais, mesmo assim, por outro

lado, para compensar, eles são peritos nas mesmas bases sólidas da religião, justiça, honra e virtude moral, as quais, se observadas esmeradamente, haverá pouca utilidade para as outras, não mais do que para um remédio em um corpo sadio e que siga uma dieta apropriada. Assim também não pode a experiência da vida de um homem fornecer exemplos e precedentes para conduzir a vida. Assim como ocorre por vezes que os netos, ou outro descendente, se pareçam mais com o ancestral do que o filho, assim também muitas vezes as ocorrências dos tempos presentes podem conformar-se melhor a artigos exemplares do que àquelas dos tempos próximos ou mediantes; e, por fim, a perspicácia de um só homem não pode ser comparada ao conhecimento, assim como os recursos de um homem não podem ser comparados ao tesouro público.

(4) Quanto às soluções ou indisposições particulares da mente para a política e para o governo, que se diz serem insinuadas pelo conhecimento; se fosse verdade que tal ocorre, seria preciso lembrar também que o conhecimento oferece a cada uma delas mais força de medicamento ou remédio que causa de indisposição ou enfermidade. Se, por alguma operação secreta, ele torna os homens perplexos e irresolutos, por outro lado, com simples preceitos, ele lhes causa quando e com que bases tomar uma decisão, e até mesmo como deixar certas assuntos em suspense, sem prejuízo, até que se chegue a uma resolução. Se ele torna os homens peremptórios e metódicos, ensina-lhes quais coisas são por natureza demonstráveis e quais são conjecturais, e também o uso de distinções e exceções, assim como a extensão de princípios e regras. Se engana pela desproporção e dissimilaridade dos exemplos, ensina aos homens a força das circunstâncias, os erros das comparações e todas as precauções a tomar para uma aplicação, de forma que, em todos esses pontos, ele corrige mais efetivamente do que pode perverter. E ele pode comunicar esses medicamentos à mente dos homens com muito mais força pela rapidez e penetração dos exemplos. Basta, pois, um bom olhar para os erros de Clemente VII, tão vivamente descritos por Guicciardini, que serviu sob seu comando, ou os erros de Cleto, pintados por sua própria pena em suas Epístolas a Atico, e ele rapidamente evitará ser irresoluto. Que olhe para os erros de Fíno e ficará ciente de como é ser obstinado e inflexível. Que apenas leia a fábula de Ixion, e ela o afastará de ser fútil ou imaginativo. Que olhe para os erros



de Cação II e nunca será um dia Antipódis, que andam na direção oposta à do mundo atual.

(5) É quanto à idéia de que a instrução dispõe os homens ao ócio e ao isolamento e os torna indolentes: seja coisa estranha se aquilo que acostuma a mente a um perpétuo movimento e agitação induzisse à inércia, uma vez que, ao contrário, se pode afirmar em verdade que nenhum homem ama o trabalho por si mesmo, a não ser os instruídos: pois outras pessoas o amam por lucro, como o mercenário que ama o trabalho pelo soldo, ou pela honra, que os eleva diante dos olhos dos homens e revigora sua reputação, que de outra forma se gastaria; ou porque ele os faz lembrar de seu poder e lhes dá ocasião de causar prazer ou desprazer, ou porque ele exercita alguma faculdade de que se orgulham, mantendo assim seu bom humor e a opinião agradável a respeito de si mesmos, ou porque ele os faz avançar em quaisquer outros de seus objetivos. Assim como se diz, dos velozes falsos, que alguns dos velozes dos homens estão nos olhos daqueles que os vêem, do mesmo modo as atividades desses homens estão nos olhos dos outros, ou, no menos, em favor de seus próprios desígnios; apenas os homens cultos amam o trabalho como uma ação de acordo com a natureza, agradável à saúde da mente assim como o exercício o é à saúde do corpo, obtendo prazer com a própria ação e não com aquilo que ela proporciona, de fonte que dentre todos os homens eles são os mais infatigáveis, se se tratar de qualquer trabalho que possa ocupar ou entreter sua mente.

(6) É se qualquer homem for sabroso: na leitura e no estudo, mas ocioso no trabalho e na ação, isso virá de alguma fraqueza de corpo ou molheza de espírito, como a descrita por Sêneca: *Quidam tam sunt umbratiles, ut pueri in umbra esse quicquid in luce est* [Há pessoas que amam tanto a sombra que acreditam que qualquer coisa que esteja na luz é pertubada], e não do saber: pode muito bem ser que tal traço na natureza de um homem o faça entregar-se ao estudo, mas não é o estudo que cria esse traço em sua natureza.

(7) É quanto ao conhecimento tomar muito tempo ou horas vagas: respondo eu que, por mais ativo ou ocupado que um homem seja ou possa ser, ele tem (sua dúvida) muitas horas vagas e ociosas enquanto espera as altas e baixas do negócio (exceto se for lento e sem iniciativa, ou muito pouco ou indignamente anticiioso para antever em coisas que poderiam

ser feitas melhor por outros) e então a questão é agerias como esses intervalos e momentos de lazer devam ser preenchidos e gastos, seja no prazer ou nos estudos, como foi bem respondido por Demóstenes a seu adversário Ésquines, que era conhecido pelo prazer e que lhe disse que "seus discursos deixam a lanterna". "De fato", disse Demóstenes, "há uma grande diferença entre as coisas que você e eu faremos à luz da lanterna". Assim, nenhum homem detém e supor que o conhecimento faça rejeitar os negócios, mas que manterá e defenderá as posses da mente contra a ociosidade e o prazer, que de outra forma poderiam inesperadamente entrar para prejuízo de ambos.

(8) Ainda quanto à outra idéia, de que o conhecimento pode solapar a reverência pelas leis e pelo governo, é certamente uma mera depravação e uma calúnia, sem nenhuma sombra de verdade. Dizer que um costume cego de obediência constitui uma submissão mais segura do que o dever ensinado e obedecido e afirmar que um homem cego pode andar com mais segurança com a ajuda de um guia do que um homem que vê guiado por uma lâmpada. É esta hora de discussão que o conhecimento toma o espírito dos homens gentil, generoso, dócil e flexível a autoridade, enquanto a ignorância os torna rudes, contrariados e rebeldes, e as provas ao tempo esclarecem essa afirmação, considerando que as épocas mais bárbaras, rudes e incultas foram as mais sujeitas a tumultos, sedições e perturbações.

(9) É quanto ao julgamento de Cação, o censor, eleito, bem punido por sua blasfêmia contra o conhecimento de uma maneira similar àquela com que olendem: pois, passados três anos, foi tomado por um extremo desejo de voltar à escola e aprender a língua grega, com a finalidade de ler e funde os autores gregos, o que bem demonstra que sua antiga censura ao saber grego era mais uma gravidade afetada do que algo conforme ao sentimento interno de sua própria opinião. E quanto aos versos de Virgílio, embora lhe agradasse enfrentar o mundo atribuindo aos romanos a arte do império e deixando aos outros as artes dos súditos, mesmo assim é bem evidente que os romanos nunca aprenderam a dar apoios a um império até o momento em que ascenderam ao cume das outras artes. Na época dos dois primeiros Césares, que praticavam a arte de governar na mais alta perfeição, viveu o melhor poeta, Virgílio Máior, o melhor historiador, Tito Lívio; o melhor compilador de textos antigos, Marco Varrão; e o melhor ou segundo melhor orador, Marco Cícero.



conhecidas da memória de homem. Quanto à acção de Sócrates, devemos lembrar a época em que foi perseguido; que era o período do governo dos Trinta Tiranos, as pessoas mais abjetas, sanguinárias e iníquas que já viveram; a sua revolução de Estado em pouco tempo terminou, mas Sócrates a quem haviam tomado criminoso, foi feito herói e sua memória, cumulada de honras divinas e humanas; e seus discursos, que haviam sido tratados de corruptores dos costumes, foram mais tarde reconhecidos como medicamentos soberanos da mente e dos costumes, e assim têm sido maestro em nossos dias. Que isso, portanto, sirva de resposta aos políticos, que em sua caprichosa severidade ou fingida gravidade quiseram atirar imputações ao saber, e redarguição a elas, cautelando (exceto por não sabermos se nossos trabalhos se estenderão a outras épocas), não foi necessária no presente trabalho, dados o amor e a reverência para com o conhecimento que o exemplo e a postura de dois príncipes tão cultos, a rainha Elizabeth e Vossa Magestade, que são como Castor e Pólux, *incedo sidera iustis resplandecentes*], estrelas de excelente luz e da mais benigna influência, fuzilaram em todos os homens de posição e autoridade em nossa nação.

— \* \* \* —



### III

(1) Agora, portanto, chegamos ao terceiro tipo de descrédito ou diminuição de crédito atribuída ao conhecimento pelos próprios estudos e que, quase sempre, lhe adere estreitamente: vem da situação da fortuna desses estudiosos, da seus costumes ou da natureza de seus estudos. Quanto à primeira, está além de seu poder, os segunda são acidentais e terceira, apenas, pode apropriadamente ser testada; mas como não estamos encarando a verdadeira medida, mas a apreciação e a idêia populares, não é impróprio falar um pouco dos dois primeiros. As depreciacões, portanto, que surgem a respeito do conhecimento vindas da fortuna ou condição material dos homens cultos vêm da escassez de meios, de sua vida isolada ou da mediocridade de seus empregos.

(2) Quanto à indigência, e como é a sina de muitos estudiosos normalmente começarem com pouco e não enriquecer tão rápida quanto outros homens, uma vez que não convertem seu trabalho principalmente em lucro e ganho, seria bom deixar o lugar comum do elogio da pobreza para algum outro, ao qual muito atribuiu Maquiavel sobre esse ponto quando ele disse que "a renúncia da clero teria sido seu fim há muito se a reputação e a reverência pela pobreza dos padres não houvesse mascarado o escândalo das superfuides e dos excessos dos bispos e prelados". Assim, um homem poderia dizer que a felicidade e a opulência dos príncipes e grandes homens teria há muito se transformado em ruína e barbárie se a pobreza do conhecimento não houvesse mantido a civilidade e a honra da vida; mas deixando de lado essas vantagens, vale observar quão reverenciada e honrada era a pobreza de fortuna durante certas épocas no Estado romano, que apesar disso era um Estado semi-paradoxo. Vemos, pois, que Tito Livio escreve em sua

introdução. *Caeterum aut ne unum negotii suscepti fallit aut nulla unquam respublica aut major, nec sanctior, nec bonis exemplis ditior fuit, nec in quibus non vixit avaritia, invidiositas, inimicivertus; nec ubi toties ac tam diu pauperum ac pauperum homines fuerit* (Quo o amor pela tarefa que empreendi me engana ou jamais houve república maior, mais santa, mais rica em bons exemplos do que Roma, também não houve outra que haja fechado as portas a avareza e ao luxo. Nenhuma em que a pobreza e a frugalidade tenham sido tanto, e por tanto tempo, honradas). Além disso, depois que o Estado de Roma já não era o mesmo, mas se regenerara, a pessoa que tomou para si a função de conselheiro de Júlio César após sua vitória, quando se tratava de saber como começaria a restauração do Estado, considerou que o mais imediato dentre os pontos seria acabar com a estima pela riqueza. *Verum haec et cuncta mala pariter cum honore pecunie deservant, si teque magistratus, neque alia magis cupienda, venalia erunt* [Esses males, o todos os outros, desaparecerão junto com o culto do dinheiro, logo que os cargos dos magistrados e outras coisas que desejassem o vulgo deixem de ser venais].

Para concluir este quinto assunto como se disse em verdade que *rubor est virtutis color* (o rubor é a cor da virtude), embora por vezes ele venha do vício, assim também se pode apropriadamente dizer que *paupertas est virtutis fortuna* [a pobreza é a sorte da virtude], embora em certos momentos ela possa proceder de má administração ou acidente. Salomão disse, tanto como censura: *Qui fortiter ad divitias non erit inanis* (Aquele que se atira sobre as riquezas não será inerte); quanto como preceito: "Compra a verdade e não a vendas; e assim com a sabedoria e o conhecimento", julgando que as riquezas deveriam ser empregadas para o conhecimento, não o qualificação à aquisição de riquezas. E quanto a solidão e obscuridade (como a opinião vulgar poderia pensar) da vida dos homens contemplativos, é tanta tão bom a exultação de uma vida solitária, não maculada pela sensibilidade ou pela indolência, em comparação com, e em desvantagem de, uma vida pública, por sua segurança, liberdade, prazer e dignidade, ou ao menos ausência de indignidade, que todos os que dele trataram o fizeram bem. Apenas acrescentare: o seguinte: que os eremitos esquecidos pelos Estados e que vivem longe das vistas dos homens são como as anagens de Cássio e Bruto no funeral de Júlio: não tendo sido eles representados como muitos outros foram.

Tácito diz, *Ex ipso praefigebatur quod non videbatur* [eles edificaram os entres pelo próprio fato de não estar visíveis].

(3) Quanto à mediocridade de seus empregos, o que mais é dilatado e desprezado é ser o governo da juventude comumente confiado a eles, como essa idade e a que tem menor autoridade, o desprezo a ela virado é transferido para os empregos que tratam com a juventude. Mas a injustiça dessa dilatação (se tirarmos essa questão da opinião popular e a juventude de volta à medida da razão) fica evidente no fato de muitos que os homens se interessam mais pelo que se põe em um novo recipiente do que em um recipiente já envelhecido, e mais pelo estaco que se coloca sobre uma planta jovem do que por aquele posto em uma planta crescida; de forma que os momentos mais fracos de todas as coisas costumam receber mais ajuízos e assistência. Você gostaria de ouvir os rabinos hebreus? "Sem jovens terão visões e seus velhos colherão", dizem eles que a juventude é a idade mais digna, pois as visões são aparições mais próximas de Deus que os sonhos. E deve-se notar que, mesmo tendo a condição de vida dos pedantes sido escurecida em todas, como inaquequadora da tirania, e que a moderna frivolidade ou negligência não prestem a devida atenção à escolha de mestres, escola e professores, a antiga sanadora das melhores épocas sempre fez uma questão justa, a de que os Estados ocupavam-se demasiado com suas leis e deixavam de lado as questões de educação, esse excelente papel da antiga educação foi, de algum modo, revivido recentemente pelos Jesuítas, dos quais, embora leve em consideração sua superstição, devo dizer, *quo meliores, eo dum careres* (quanto melhores, piores); e à vista disso, e de alguns outros pontos referentes ao conhecimento humano e aos assuntos incertos, devo dizer, como disse Aguilan de seu amigo Farnabazo, *Ides quam sit, unam mater esse* [É tal, que gostaria que fosses dos nossos]. Isso é o bastante no respeito do deserdito nascido do destino dos homens instruídos.

(4) Quanto à maneira de ser dos eruditos, trata-se de coisa pessoal e individual; e sem dúvida haverá entre eles, como em outras profissões, de todos os temperamentos, mas mesmo assim não é sem verdade que se diz que *abest studio in omnia*, o estudo tem influência e operação sobre os costumes daqueles que se entregam a eles.

(5) Mas após um exame preto e imparcial, não pode, por meu lado, encontrar nenhum deserdito ao conhecimento que possa ser visto nos mu-

ações dos eruditos, esses traços não lhes são inerentes por serem instruídos, exceto se o seguinte for uma falha (que foi supostamente a falha de Demóstenes). Cícero, Cato J., Sêneca e muitos mais, como as épocas sobre as quais lêem são com frequência melhores que a época em que vivem, e os deveres ensinados melhores que os deveres praticados, eles vão por vezes longe demais para levar as coisas à perfeição e transformar a corrupção dos costumes novamente na honestidade de preceitos ou exemplos de grande elevação. Todavia, encontram contra isso adveniências suficientes em seu próprio caminho. Sótem ao lhe perguntarem se havia dado a seus concidadãos as melhores leis, respondeu com sabedoria: "Sim, as melhores que eles poderiam aceitar", e Platão, percebendo que seu coração não poderia concordar com os costumes corrompidos de seu país, recusou-se a aceitar o cargo ou título, dizendo que "um homem tem de lidar com seu país como com seus pais, ou seja, com humildes persuasões, e não com dispúcias". O conselheiro de César faz a mesma advertência: *Non ad vetera instituta revocare quae jam dudum exoptata moribus habere solet* [Sem voltar as instituições antigas, há muito desprezadas em consequência da corrupção dos costumes]; e Cícero nota esse erro diretamente em Cato II, quando escreve a seu amigo *Lucio*: *Cato optato sentit sed nocet interdum republicae; loquitur enim tanquam in republica Platoni, non tanquam in pace Romuli* [Cato pensa muito bem, mas prejudica o Estado; com efeito, por vezes se expressa como se estivesse na República de Platão e não no pântano de Rômulo]. E o mesmo Cícero desculpa e justifica os filósofos por ir até tão longe e por serem tão exatos em seus preceitos quando diz: *Isti qui praecipitares virtutis et magistri, videntur fines officiorum paulo longius quam natura vellet protrahere, ut cum ad ultimum animo contendissent, ibi tamen, ubi oportet, consisterent* [Esses preceptores de virtude e mestres parecem adotar o termo dos deveres um pouco além do que quer a natureza, a fim de que, enfraquecendo-nos para atingir esse termo extremo, fiquemos onde convém que estejamos], e mesmo assim ele própria poderia ter dito: *maius sum nimis ipse meus* [estou acima de muitas coisas próximas], pois está em sua própria falha, embora não em grau tão extremo.

(6) Outra falha muito semelhante surge comumente em homens cultos que eles estimam a preservação, o bem e a honra de seu país ou senhor mais

que sua própria fortuna ou segurança. Assim disse Demóstenes aos atenienses: "Se poderdes nota-lo, os conselhos que vos dirijo não são tais que me elevem diante de vós e vos diminuam diante dos gregos, mas são de tal natureza que por vezes não é bom para mim oferecê-los, mas para vós é sempre bom segui-los". E da mesma maneira Sêneca, depois de ter consagrado a *quatuordecim Augustis* [o quinquentenário de Nero] a eterna glória dos governantes eruditos, manteve-se em seu honesto e leal caminho de conselhos bons e livres, mesmo depois de seu senhor tornar-se extremamente corrupto em seu governo. Isso não poderia ser diferente, pois o saber dota a mente dos homens de um real sentido da fragilidade de sua pessoa, a alticez mediocridade de sua fortuna e a dignidade de sua alma e vocação, de forma que, para eles, é impossível considerar que qualquer grandeza de sua própria fortuna possa ser um fim verdadeiro ou digno para sua existência e função, e, portanto, têm o desejo de prestar contas a Deus e a seus senhores abaixo de Deus (como os reis e Estados a que servem) com as seguintes palavras: *ego tibi haec feci* [eis o que ganhei para ti], e *não vobis* [eis o que ganhei para mim], conscientemente que os homens da espécie mais corrupta que são apenas políticos, que não têm o pensamento ancorado pelo conhecimento no amor e na apreensão do dever nem nunca pensam na totalidade, atribuem todas as coisas a si próprios e se colocam no centro do mundo, como se todas as libras devessem encostar-se a eles e em sua fortuna; nunca se preocupam, nas tempestades, com o navio do Estado, desde que possam salvar a si mesmos no escafo de sua própria fortuna; ao passo que os humanistas que sentem o peso do dever e compreendem os limites do amor-próprio costumam levar a bom termo seus cargos e deveres, mesmo correndo risco; e se são mantidos após mudanças selvagens e violentas e antes por causa da reverência que muitas vezes os partidos adversários têm pela honestidade do que a qualquer vantagem que pudessem tirar para seu próprio partido. Mas quanto a esse ponto do sentido agudo e estrita submissão ao dever com que o conhecimento dota a mente, por mais que a fortuna o repõe e que muitos, nas profundezas de seus próprios corruptions, e desprezados, receberá mesmo assim uma aprovação aberta e, portanto, não precisa realmente de refusações ou desculpas.

(7) Outra falha que ocorre comumente em homens cultos, que pode ser mais apropriadamente justificada do que sinceramente negada, é que



por vezes não conseguem dedicar-se a determinadas pessoas, falta essa que tem origem em duas causas: uma, porque a grandeza de sua mente não consegue concluir-se à apurada observação ou exame da natureza e aos costumes de uma só pessoa, pois esse é o discurso de um amante, e não de um sábio: *tantis magnam alter alicui tractatum curam* [somos um para o outro um retrato muito vasto]. Mesmo assim, deve reconhecer que aquele que não pode contrair a visão de seu mente, assim como entendê-la ou diluá-la, carece de uma grande faculdade. Mas há uma segunda causa, que não é uma incapacidade, mas uma rejeição fundada na essência e no discernimento. Os honestos e justos limites da observação de uma pessoa por outra não se estendem além de compreendê-la o suficiente, de formá-la não ofendê-la ou descohir como ser capaz de dar o conselho fiel, ou de formá-la a permanecer em guarda e proteger toda cautela razoável para si mesmo. Mas especular sobre outra pessoa com o intuito de saber como manejá-la, distorcer seu comportamento ou governá-la procede de um coração duplice e fãrdice e não inteiro e sincero: isto, na amizade, é falta de integridade; em relação a príncipes ou superiores é falta de obrigação. O costume do Jevante, que proíbe que os súditos encarem ou toquem os olhos nos príncipes, é bárbaro como cerimônia aparente, mas tem uma boa moral: os homens não devem, pois, com observações habéis e rendenciosas, adivessar e penetrar o coração dos reis, que a Escritura proclamou ser inescrutável:

18) Há ainda outra falta (com a qual concluirei este trecho) que com frequência se nota entre os sábios, que por vezes deixam de observar a decência e a discrição em seu comportamento e atitude e comecem excessivamente em questões pequenas e ordinárias, de forma que os espíritos vulgares formam sobre eles um julgamento, e respeito dos grandes assuntos, segundo o que pensam falar-lhes nas pequenas. Mas essa inferência quase sempre é enganosa, sobre o que os reticte ao que disse Temístocles, que parece arrogante e pouco civilizado se aplicado a ele próprio por sua própria boca, mas, se aplicado ao estado geral dessa questão, parece pertinente e justo: convidado a tocar um alaúde disse que "não sabia tocar, mas que podia fazer de uma pequena cidade um grande Estado". Assim, sem dúvida, muitas podem ser bem estudadas nos assuntos de governo e política, mas em pequenas ocasiões determinadas, deixam a desajar. Também cometeram ao

que disse Platão a respeito de seu mestre Sócrates, a quem comparou a aos vasos de areia dos droguitas, que do lado de fora têm anacões, corrias e outras figuras, mas que conturbam em seu interior licores e preparações preciosas e soberanas, reconhecendo assim que, em uma observação externa, ele não deixava de ter falibilidades superficiais e deformidades, mas por dentro estava cheio de excelentes virtudes e poderes. Eis o bastante sobre a maneira de ser dos eruditos.

19) Mas nesse mesmo tempo não tenho a intenção de deixar passar em branco certas situações e comportamentos abjetos e indignos nos quais diversos homens que professavam o conhecimento se equivocaram e foram longe demais, assim como os filósofos de panelas que, no período tardio do Estado romano, estavam normalmente na casa dos grandes, sendo pouco mais que solenes parasitas, tipo que inspira Luciano a fazer uma alegre descrição do filósofo que a grande doze levava consigo a passaro em seu coelho e fazia com que carregasse seu cãozinho, coisa que ele faz com muitos rapazes, mas de maneira indigna, e o pagem escarrocava, dizendo que "se perguntava se o filósofo estorpe acabaria se tornando um canino". Mas, acima de tudo, essa grosseira e palpável hostilidade na qual muitos não enfiar aviltaram-se e abusaram de sua mente e suas plumas, transformando pouco a pouco Du Dianas Hécathe em Helena e Faustina em Lucrécia, em muito diminuiu o valor e a usura do conhecimento. Nem mesmo a moderna dedicação de livros e escritas a protetores deve ser recomendada, pois que livro (se mente os que merecem tal nome) não devem ter benfeitores além da verdade e da razão. E o antigo costume era dedicá-los apenas a amigos e iguais ou iniciar os livros com seu nome, ou, se a reis e grandes personagens, àqueles para os quais o argumento do livro fosse adequado e apropriado. Mas esses e semelhantes procedimentos devem merecer mais reprovação que defesa.

110) Não que possa reprovar ou condenar a obsequiosidade ou dedicação de homens cultos a homens de fortuna. Boa foi a resposta dada por Diógenes a alguém que lhe perguntou com zombaria: "Como os filósofos são seguidores dos ricos, e não os ricos dos filósofos?". Ele respondeu de forma sôbria, mas contundente: "Porque os primeiros sabem do que têm necessidade, os outros não". De natureza semelhante foi a resposta dada por Anaxipo quando, ao fazer um pedido a Diotima e não encontrando



audiência, com a seus pés, e por isso Dionísio pôrou e escutou-o, e embebedou o que pedia; mais tarde uma pessoa, sensível à causa da Filosofia, reprovoou Aristigo por infligir a profissão da Hierarquia uma indignidade como a de atirar-se aos pés de um tirano por causa de uma demanda particular; mas ele respondeu que não fora sua culpa, mas de Dionísio, por ter os pés nevados nos pés. Também não se pode considerar que tenha sido a fraqueza, mas a discrição, o que o fez declinar da discussão com Adriano César desculpando-se, porque "havia razão para capitular diante de alguém que comandava trinta legiões". Essas reverências e outras semelhantes de curva-se quando for necessário e conveniente, não podem ser desaprovadas, pois, embora possam ter certa baixez por fora, em um julgamento feito com equidade devem ser consideradas submissões a ocasião e não a uma pessoa.



## IV

(1) Passo agora aos erros e vaidades que se misturam nos próprios estudos das erudições, o que constitui o ponto principal da presente argumentação; aqui meu propósito não é justificar esses erros, mas por meio de sua discriminação e separação, construir uma justificativa daquilo que for bom e correto e separá-lo de sua influência. Vemos que é das maneiras dos homens escandalizar e depravar aquilo que mantém a dignidade e a virtude, tirando vantagem do que é corrupto e degenerado, assim como os papais da Igreja primitiva costumavam difamar e corromper os cristãos com os erros e a corrupção dos heréticos. Mesmo assim não tenho, neste momento, a intenção de fazer qualquer censura nos erros ou entraves em matéria de conhecimentos, que são mais secretos e distantes da opinião vulgar, mas apenas falar daqueles que se veem em um próximo e, pela observação popular

(2) Assim sendo, há três vaidades principais nos estudos pelas quais o conhecimento foi grandemente caluniado. Julgamos vãs as coisas que são falsas ou frívolas, as que não têm verdade ou utilidade, e julgamos vãs as pessoas que são credulas ou meticolosas; e a meticolosidade está na matéria ou nas palavras, de forma que, na razão, assim como na experiência, existem estas tres cōfemidades (como se poderia chamá-las) do conhecimento: a primeira, o conhecimento fantasista; a segunda, o conhecimento contentoso; e a última, o conhecimento precioso, vãs imaginações, vãs alterações e vãs afetações; e com a última começou Martinho Lutero, guiado, sem dúvida, por uma providência mais elevada, mas em discurso de razão, percebendo como era grande a província que se encarregara de conquistar contra o bispo de Roma e as tradições de

geradas da leitura, e percebendo sua própria solidão, sem ser de modo algum auxiliado pelas opiniões de seu próprio tempo, foi forçado a despertar toda a Antiguidade e a chamar tempos idos em seu socorro para formar uma facção contra os tempos presentes. É assim que os antigos autores, tanto de Teologia quanto de Humanidades, que por muito tempo haviam dormido nas bibliotecas, começaram a ser intensamente lidos e analisados. Isso, consequentemente, fez surgir a necessidade de um estudo mais preciso das línguas originais nas quais aqueles autores haviam escrito, para uma melhor compreensão e melhor vantagem ao interpretar e aplicar suas palavras. E daí veio, novamente, um gosto por sua maneira de estilo e frase, além de uma nova admiração por aquele tipo de escritos, promovido e precipitado pela inimizade e oposição que os propositores dessas opiniões puritas, mas aparentemente novas, tinham contra os homens da escola, que estavam geralmente no lado ocioso e cujos escritos eram todos de estilo e forma diferentes; tornavam a liberdade de cunhar e introduzir novos termos técnicos para expressar suas próprias idéias e para evitar desvios de discurso, sem consideração à pureza, agradabilidade e mesmo se podera chamá-la; legalidade da frase ou palavra. Além disso, como a grande questão daquele tempo tratava do povo grego, os fariseus costumavam dizer *Evangelis ista ratio quae non novit legem* [Malícia seja essa malícia que não conhece a lei], de parábola e persuasão. E daí surgiu a exigência preciosa e necessária da eloquência e da variedade do discurso, por ser essa a forma mais adequada e eficaz de atingir a capacidade da espécie vulgar; de forma que essas quatro causas concorrentes — a admiração pelos antigos autores, o ódio pelos escolásticos, o estudo exato das línguas e a eficácia da pregação — restauraram um estudo afeiçoado da eloquência e da copiosidade do discurso, que começaram então a prosperar. Isso rapidamente tornou-se excessivo, pois os homens começaram a importar-se mais com as palavras que com o conteúdo, mais com a excelência da frase e a composição equilibrada e limpa da sentença, a doce sequência das orações e a variação e ilustração de suas obras com tropos e figuras que com o peso do tópico, a dignidade do assunto, a exatidão do argumento, a vitalidade da descoberta ou a profundidade do julgamento. Por isso o vago Dionísio de Osório, bispo de Partupal, foi tão valorizado. Foi por isso que Sêneca

empreendeu tantos esforços infinitos e curiosos em seus estudos a respeito de Cícero, o Orador e Hermógenes, o Retórico, além de seus próprios livros de Períodos, Imitação e semelhantes. Foi quando Carr de Cambridge e Ascham, com suas palestras e escritos, praticamente deturcaram Cícero e Demóstenes e cativaram todos os jovens estudantes com aquele tipo delicado e refinado de conhecimento. Erasmo aproveitou a ocasião para inventar o eco escoteador: *Ecce unaus notitiamus de legendo Cicerone* [Dediquei dez anos à leitura de Cícero]; e o eco respondeu em grego: "Uma, asno". Foi quando o conhecimento dos escolásticos passou a ser completamente desprezado e considerado bárbaro. Em suma, toda a inclinação e as propensões daquela época eram mais em direção à copiosidade que à consistência.

(3) Eis, portanto, a primeira enfermidade do conhecimento, quando os homens estudam palavras e não assuntos: esta, embora eu tenha dado um exemplo de tempos recentes, sempre existiu e existirá *secundum magis et minus* [mais ou menos] em todos os tempos. E como seria possível que ela não tivesse o efeito de desacralizar o conhecimento, mesmo entre as capacidades vulgares, quando vemos as obras dos eruditos como a primeira letra de um livro real ou diminuído, que embora tenha grandes títulos não passa de uma letra? Parece-me que a loucura de Pígnatário seja um bom exemplo ou representação dessa vaidade, pois as palavras são apenas as imagens da matéria e, exceto por terem vida de razão e invenção, não podem se por elas é como abastecer-se por uma imagem.

(4) Mas digamos assim: há algo que não deve ser precipitadamente condenado, que é vestir e adornar a obscuridade, mesmo a da própria essência, com uma elevação sensata e plausível. Disso tenho grandes exemplos em Xenofonte, Cícero, Sêneca, Plutarco e Platão, também em certo grau; e tem isso grande utilidade, muito embora, para a severa inquirição da verdade e o profundo progresso da Filosofia, represente um obstáculo, por ser prematuramente satisfatório à mente do homem e extingua o desejo por mais indagação antes que se eleque a uma conclusão verdadeira. Todavia, se um homem tiver de usar esse conhecimento em ocasiões públicas, debates, conselhos, persuasão, discursos ou semelhantes, pode encontrá-lo preparado para suas mãos nos autores que escrevem dessa maneira. Mas o excesso é tão inexcusavelmente desprezível que, assim como Hércules no

ver a imagem de Adão: o favorito de Vênus, em um templo, disse: esta deusini, *nil recta est* [não é nada sagrado], assim também nenhum seguidor de Hércules no campo da conhecimento, ou seja, o tipo mais ansteto e abunioso de inquiridores da verdade, deriva de desprezar estes refinamentos e afetações, pois esses de fato são incapazes de divindade. Isso é o bastante sobre a primeira doença na enfermidade do conhecimento.

(5) A segunda, que se segue, é em natureza pior que a primeira: pois, assim como a substância da matéria é superior à letra das palavras, de modo contrário a matéria vã é pior que as palavras vãs; e nisso parece que a repreensão de São Paulo não apenas seria apropriada em nosso tempo, como profética para os tempos que se seguirão, e não apenas no que diz respeito à Teologia, mas estendendo-se a todo o conhecimento. *Deriva profanas vocem venitates, et oppositonas falsi nominis scientias* [afasia-se das inovações profanas das palavras e das oposições da falsamente chamado Ciência]. Atribua duas marcas e assim a Ciência suspecta e falsificada, a primeira, a novidade e estranheza dos termos, a outra, o rigor de posições, que necessariamente induz a oposições e, assim, a questões e altervações. Certamente, como outras tantas substâncias sólidas na natureza apodrecem e se corrompem em vermes, assim também a propriedade do conhecimento bom e adequado se putrefaz e dissolve em diversas questões sumas, venozas, insalubres e, como poxema chamá-las, verminadas, que têm de fato uma espécie de vivacidade de espírito, mas nenhuma integridade de matéria ou excelência de qualidade. Esse tipo de conhecimento degenera, reusce principalmente entre os escolásticos que, tanto espírito agudo e forte, abundância de tempo livre e pequena variedade de leitura, mas com o espírito encetado nas regras de uns poucos autores (principalmente Aristóteles, seu doutor), assim como suas pessoas eram encamadas nas células de mosteiros e colégios, e conhecendo pouca história, seja natural ou do tempo, a partir de pequena quantidade de matéria e infinita agitação do espírito, teceram para nós as laboriosas teias de conhecimento existentes em seus livros. O espírito e a mente do homem, se trabalharem na matéria, na que vena o estudo das criaturas de Deus, trabalharão de acordo com o material e serão por ele limitados, mas se trabalharem em si mesmas, como a aranha tece sua teia, sua obra será infinita e produzirá teias de aranha de sobre, admiráveis pela finura do fio e do trabalho, mas sem nenhuma substância ou proveito.

(6) Essa mesma sutileza na metida novidade impronunciável é de dois tipos: ou se refere ao próprio assunto com que lida, quando se trata de uma intrufira especulação ou controvérsia (das quais existe um número nada pequeno tanto na Teologia quanto na Filosofia) ou a maneira ou modo de lidar com um conhecimento, que entre elas está o seguinte: sobre cada proposição ou asserção particular, fazer objeções, e a essas objeções, soluções; soluções essas que, na maior parte, não usam refutações, mas distinções, já que de fato a força de todas as rúbricas está, como a força do feixe de unha de um velho, na fita que o amarra. A harmonia de uma ciência, cada uma sustentando a outra, e a deve ser a verdadeira e prove refulgência e supressão de todas as objeções mentores. Mas, por outro lado, se você tomar cada axioma, como os gravetos do feixe, um a um, pode lhes objetar e quebrá-los ou quebrá-los a seu bel-prazer e, assim como se disse de Séneca, *urbem inania rerum trahit pondere* [ou, uma poeira de palavras, ele rompe o véu das coisas], da mesma maneira podemos realmente dizer dos escolásticos: *quaestionum minutis transitarum, diuagunt soliditatem* [eles tomam a solidez das ciências com questões minúsculas]. Não seria melhor para um homem em um quarto escuro acender um grande luminária ou um candelabro de muitos braços do que vagar pelos cantos com um candil? Porém, e esse ser incluído, que não repousa tanto sobre os indícios da verdade precedidos por arguências, autimidades, semelhanças, exemplos, quanto em refutações particulares e soluções para cada escrupulo, cavalação e objeção: quase sempre dando origem a uma questão tão rápida quanto resolve outra e, como na comparação anterior, quando levamos a luz para um canto, escurecemos o restante: de forma que a fábula ou ficção de Nela parece uma imagem viva dessa tipo de Filosofia ou conhecimento: ela foi transformada em uma virgem graciosa nas partes superiores, mas no restante *candela succientem lucantibus vigina monentis* [na nível da pura virgula, era criada de monstros ladradores]; assim os principios (reus) dos escolásticos são, até certo ponto, bons e proporcionados; mas quando você desce por suas distinções e decisões, ao invés de um útero fértil cheio de utilidade e benefício para a vida humana, eles terminam em monstruosas altervações e questões radiadoras. Assim, não é possível, que essa qualidade de conhecimento deve de cair sob o mesmo popular, senão as pessoas leva-



das a desprezar as verdades sob forma de controversas e alegações e a pensar que aqueles que nunca se encontram estão fora de seu caminho, e quando vêem tal digladição a respeito de trivialidades e matérias de nenhuma utilidade para o momento, facilmente concordam com a opinião de Dionísio de Siracusa, *Verba otiosorum semper ostentantur* [Falsas são palavras de velhotes ociosos].

(7) Não obstante, é certo que se esses escolásticos, à sua grande sede de verdade e incansável trabalho de saber, houvessem unido vaidade e universalidade de leituram e estudos, tornari-se mostrados excelentes juizes para o mar avante de toda saber e conhecimento; mas da forma como são, mostram-se grandes empreendedores, mas tornados ferozes por seu encarceramento. Mas, assim como na busca pela verdade divina, seu orgulho se inclinava a deixar o oráculo da palavra de Deus e a desaparecer na neblina de suas próprias invenções, também na inquirição da natureza eles sempre deixavam o oráculo das obras de Deus e adoravam as imagens enganosas e deformadas que o espelho desigual de sua própria mente, ou um pedaço de autores ou princípios recedidos, representavam para eles. E é o bastante sobre a segunda infirmitude do conhecimento.

(8) Quando ao terreno vem ou doença do conhecimento, relacionado à fraude ou à inverdade, e de todas o mais imundo; e o que destrói a forma essencial do conhecimento e que nada mais é senão uma imitação da verdade; pois a verdade do ser e a verdade do saber são uma só, não se diferenciando mais que o raio de luz directo e o reflectido. Esse vício da ideia se em dois tipos, o deente em enganar e a aptidão para ser enganado, impostura e credulidade, as quais, embora pareçam ser de natureza diversa, uma vindo da velhacaria e a outra da simplicidade, muitas assim na maior parte elas concordam. Como nota o verso:

*"Percontatorem fugito, cum garrulus idem est"*  
[Foge daquele que vem perguntar, pois é a própria loquacidade.]

Um homem inquisitivo e um palrador, assim, seguida o mesmo raciocínio, um homem crédulo é um enganador, como percebemos pelo que se diz, aquele que facilmente acredita em rumores os aumentará com a mesma facilidade e lhes acrescentará algo por sua conta, coisa que Tácito sabiamente notou ao dizer *linguae semel credantque* [éles inventam e acreditam naquilo], tão grande atinidade têm a ficção e a crença

(9) Essa facilidade de dar crédito, de aceitar e admitir coisas mal inventadas ou fracamente garantidas e de dois tipos, de acordo com o assunto: pois trata-se de uma crença em uma história ou, como dizem os advogados, uma questão de fato, ou ainda matéria de arte e opinião. Em relação a primeira, vemos a experiência e a inconveniência disso em a história eclesiástica, que com demasiada facilidade recebeu e registrou relatos e narrativas de milagres realizados por mártires, crentes ou monges do deserto e outros homens santos, e recebeu suas reliquias, santuários, capelas e imagens; essas coisas, embora tenham tido legitimidade em certa época por causa da ignorância das pessoas, a simplicidade supersticiosa de alguns e a tolerância política de outros que os consideravam coisas sagradas, após um certo período, quando as brumas começaram a dissipar-se, passaram a ser julgadas apenas fábulas de velhas senhoras, imposturas de clero,ilusões de espíritos e amais do Arterista, para grande escândalo e detrimento da religião.

(10) Do mesmo modo, na história natural, vemos que as escolhas e o discernimento necessários não estão sendo usados, como fica aparente nos escritos de Plínio, Celsino, Alberto e diversos outros, carregados de muita matéria fabulosa, grande parte não apenas não comprovada, mas notoriamente inventada, para grande deprecição do crédito da Filosofia natural junto ao tipo grave e sóbrio de espírito, não a sabedoria e integridade de Aristóteles são dignas de ser observadas, pois, tendo feito uma História tão diligente e primorosa das criaturas vivas, tratizou-a frugalmente com alguma matéria vã e falsa, e mesmo assim, por outro lado, reuniu muitas as narrativas prodigiosas que julgava merecedoras de registro em outro livro, discernindo de forma excelente o que era matéria de verdade manifesta, sobre a qual se deveria estabelecer a observação e a regra e que não devia ser mesclada ou enfiada com matéria de crédito duvidoso; mas percebeu também que as variedades e os relatos que parecem inacreditáveis não devem ser suprimidos ou negados à memória dos homens.

(11) E quanto a confiança facilmente atribuída as artes e opiniões, tem da mesma maneira dois tipos, seja quando demasiada crença é atribuída às próprias artes ou a outros autores de qualquer arte. As ciências que tiveram melhor entendimento e união com a imaginação do homem que com sua razão são três, Astrologia, Magia Natural e Alquimia, ciências das quais,



apesar disso, os objetivos e as pretensões são pokas. A Astrologia pretende descobrir a correspondência ou a conexão entre o globo superior e o inferior, a Magia Natural pretende chamar a Filosofia natural e abandonar uma variedade de especulações e voltar-se à magnitude das obras, e a Alquimia pretende fazer a separação de todas as partes diferentes dos corpos que estão incorporadas nas misturas da natureza. Mas as derivações e o modo de persecução desses objetivos, tanto na teoria quanto na prática, estão cheios de erro e vaidade, os quais mesmo os grandes professores buscaram velar e ocultar com escritos enigmáticos, referindo-se a tradições orais e outras semelhantes artificiais para proteger a credulidade das imposturas. E todavia, rectamente, devemos reconhecer à Alquimia que pode ser comparada ao campo sobre o qual Esopo escreveu em uma fábula, na hora da morte, disse ele aos filhos que havia enterrado ouro sob o vinhedo, eles escavaram tudo o solo e de ouro não encontraram nada, mas por tanto mexerem e cavaram a terra nas raízes das videiras tiveram uma grande vinha no ano seguinte, do mesmo modo, as pesquisas e as atividades na busca por fazer ouro trouxeram à luz um grande número de boas e fecundas investigações e experimentos, tanto para a descoberta da natureza quanto para o uso da vida humana.

(13) E quanto ao crédito excessivo concedido aos autores de ciências, tornando-os citados cujas palavras são permanentes, e não consultos que dessem conselhos, o dano assim realizado pelas ciências é infinito, já que foi a principal causa de estarem estacionadas, sem crescimento ou avanço. Dessa vem que, nas artes mecânicas, o primeiro inventor começa por baixo e o tempo aumenta e aperfeiçoa sua descoberta, mas nas ciências o primeiro autor é o que vai mais longe e o tempo extrema e domina sua obra. Assim, vemos que a artilharia, a navegação, a imprensa e semelhantes foram grosseiramente conduzidas no início e, com o tempo, aconchegadas e refinadas, mas, pelo contrário, as Filosofias e as ciências de Aristóteles, Platão, Demócrito, Hipócrates, Euclides, Arquimedes, de cujos vigor no início, foram com o tempo degeneradas e enfiadas para o que a razão não é contra senão que nas primeiras muitos espíritos e esforços se usaram para fazer um ao, e nas últimas muitos espíritos e esforços foram desperdiçados com o espírito de um só pessoa, a quem muitas vezes mais perseveraram que ilustraram, pois, assim como a água não pode subir mais alto que o nível

do nascente de onde vem, assim o conhecimento do modo de Aristóteles, se isentado do livro exato, não poderá elevar-se mais que o conhecimento de Aristóteles. E, portanto, embora a seguinte posição seja boa: *oportet discipulum credere* [aquele que aprende convém crer] deve ser empreendida com esta: *oportet edoctum iudicare* [aquele que aprendeu convém julgar], pois os discípulos devem a seus mestres apenas uma fé temporária e uma suspensão de seu próprio julgamento até estarem plenamente instruídos, e não uma desistência absoluta ou até mesmo perpétua; e, portanto, para concluir esse ponto, nada mais direi, a não ser que devem os grandes autores terem o que lhes cabe, mas não o tempo, que é o autor dos autores, não seja privado do que lhe é devido — que é, cada vez mais, descobrir a verdade. Passe assim, pelas três doenças do saber, há, além delas, alguns humores muito insalubres, mas do que doenças; apesar disso, eles não são secretos ou intenciosos, mas caem sob a observação e a difamação populares, portanto, não devem ser ignorados.



## V

(1) O primeiro deles é a extrema inclinação por dois excessos: um, a antiguidade, o outro, a novidade, e isso parece que os filhos do tempo proximam à natureza e à malignidade de seu pai. Assim como ele deturpava seus filhos, cada um deles buscava devorar e suprimir os outros. Enquanto a antiguidade inveja as novas indições, a novidade não pode contentar-se em acrescentar, mas deve desfigurar o que havia antes; certamente o conselho do profeta e a melhor orientação nesse assunto: *Mane super vias antiquas, et visita quem sit via recta et bona et ambulato in ea* [Mantenha-se nas rotas antigas, examine qual delas é a rota direita e boa e tome-a]. A antiguidade merece essa deferência, que os homens buscam seguir e desacham qual o melhor caminho, e descobrem esse caminho, avançam nele. Na verdade, *antiquitas vixit novitate sapienti* [a antiguidade e a juventude do mundo]. Novos tempos são os tempos antigos, pois o mundo é antigo, e não aqueles a que consideramos antigos, *antique mirigatio* [seguinto uma eideim retrógrada], contando para trás a parte de nós mesmos.

(2) Outro erro induzido pelo príncípio é uma crença de que nada do que o mundo já tenha perdido e deixado passar há muito tempo possa ser descoberto agora, como se pudéssemos fazer ao tempo a mesma objeção feita por Luciano a Júpiter e aos outros deuses pagãos: a respeito deles, perguntava porque geraram tantos filhos nos tempos antigos, e nenhum em seu próprio tempo; e perguntava se tinham se tornado septuagenários e se a lei pagua, promulgada contra o casamento de velhos, havia restringido-os. Assim, parece que as pessoas temem que o tempo tenha passado da idade de ter filhos e progênie, mas, pelo contrário, vemos comumente a lexand-

de e uma instância dos julgamentos dos homens, que, até que algo seja feito, duvidam que possa ser feito; e assim que esteja feito, novamente se perguntam por que não havia sido feito antes; isso pôde ser comprovado na expedição de Alexandre à Ásia, que no início foi prejudicada como uma enorme e impensável empreitada, e mesmo assim, mais tarde, agraciada a Lísia, que disse isto: *Nihil aliud quam bene ausus tota contemneret* [Nada mais lhe senão a audácia de desprezar os temores vãos]; o mesmo aconteceu a Colombo na navegação ocidental. Mas em assuntos intelectuais isso é ainda mais comum, como pode ser visto na maioria das proposições de noelidos, que até que sejam demonstradas parecem estranhas à nossa aceitação; mas, uma vez demonstradas, nossa mente as aceita por uma espécie de reatividade (como durante os jurisconsultos), como se já as conheçésemos antes.

(3) Outro erro, que tem também certa afinidade com o anterior, é a ridia de que, dentre as antigas opiniões ou sentas, graças à sua variedade e exatões innumeras, as melhores prevaleceram e suprimiram o restante; de forma que, se alguém começasse o trabalho de uma nova indagação, quase certamente lançaria luz sobre algo anteriormente rejeitado e em consequência da rejeição, abandonado ao esquecimento: como se a imitação, ou os mais sabios em nome da maioria, não estivessem prontos para transmitir antes o que é popular e superficial do que aquilo que é substancial e profundo, pois, a verdade é que o tempo parece ter a natureza de um rio ou regato que nós traz aquilo que é leve e cheio de ar e afunda e atira o que é pesado e sólido.

(4) Outro erro, de natureza diversa de todos os anteriores, é a redução prematura e peremptória do conclusamento em ares e apresentações metódicas; a partir desse momento, as ciências normalmente recebem pouco ou nenhum acréscimo. Mas, assim como os jovens, uma vez perfeitamente formados e moldados, raramente aumentam mais de estatura, assim também o conhecimento, enquanto está sob forma de aforismos e observações, está em crescimento; mas assim que é inserido em apresentações metódicas exatas, pode, às vezes, ser ainda mais polido, ilustrado e adaptado para uso e prática, mas não cresce mais em massa e substância.

(5) Outro erro que sucede a este anteriormente mencionado é que, após a distribuição das artes e ciências particulares, os homens abandonaram

a universalidade, ou *philosophia prima*, o que não pode ser tão fazer cessar e interromper todo progresso. Nenhuma descoberta perfeita pode ser feita sobre uma superfície plana ou um unico nivel, também não é possível descobrir as partes mais remotas e profundas de qualquer ciência se ficarmos apenas no nivel de uma mesma ciência, sem ascender a outra mais elevada.

(6) Outro erro procede de uma reverência excessada, um tipo de adoração pela mente e o entendimento humanos, por sua causa os homens se afastaram demasiadamente do estudo da natureza e das observações da experiência e duram comha noites para cima e para baixo em suas próprias razões e ideias. A esses intelectualistas, que não obstante são comumente considerados os mais sublimes e vivos filosofos, Heráclito faz uma justa censura, dizendo: "Os homens baseiam a verdade em seus próprios pequenos mundos, e não no grande mundo que lhes é comum"; pois descenderam de soietras e assim, progressivamente, de ler, ao volume das obras de Deus, pelo contrário, por continua meditação e agitação de juizo mutuo e, por assim dizer, invocam setas próprias espíritas para que os inspirem divinamente e lhes transmitam oráculos, e assim são incessantemente aludidos.

(7) Outro erro que tem certa ligação com esse ultimo e que os homens costumam muito infetar suas meditações, opiniões e doutrinas com algumas ideias que muito se aproximam ou certas inclinações a que muito se apegaram, dando assim a todas as outras coisas uma cultura conforme essas primeiras, totalmente incorreta e impropria. Foi assim que Platão mistou sua Filosofia com Teologia e Aristóteles com a Lógica, e a segunda escola de Platão, Paulo e os outros, com as Matemáticas, pois essas eram as artes que tinham, respectivamente, uma espécie de primogenitura entre eles. Assim, os alquimistas fizeram uma Filosofia a partir de alguns experimentos com a fornalha; e Galileu, nosso contemporâneo, trouxou uma Filosofia das observações de um imã. Assim, Cícero, ao enumerar as diversas opiniões a respeito da natureza da alma, e encontrando um mistico que sustentava que a alma era apenas uma harmonia, disse: *hic ab arte sua non recessit etc.* [Este não se afastou da sua arte, etc.]. Mas dessas ideias fixas Aristóteles falava seriamente: com superdria quando disse: *Qui respondent ad pauca delecta probant, multae* [Aqueles que se produzem com um pequeno número de coisas decidem facilmente]

(8) Outro erro é uma impaciência na dúvida e uma pressa de asserção sem a devida e madura suspensão de julgamento. Os dois modos de estudo não são diversos nos dois modos de ação de que comumente falam os antigos, o primeiro é plano e suave no inicio e intransponível no final, o segundo é irregular e dificultoso na entrada, mas depois de um trabalho torna-se regular e plano. Assim é com o estudo, se um homem começar com ceteras, terminará em dúvidas; mas se comentar se em começar com dúvidas, terminará em certeza.

(9) Outro erro encontra-se na transmissão e no modo de discussão do conhecimento, que é na maior parte registral e participativa, e não acesa e fiel, de modo que possa ser aceito o mais rápido possível e não facilmente examinado. É verdade que, em tratados compendiosos destinados a prática, tal forma não deve ser desaprovada, mas no verdadeiro manejo do conhecimento, os homens não devem cair nem para o lado de Velício, o Epicurista, *nil tam incertum, quam ne dubitare aliquis de se nihil esse* [nada tem a tanto quanto parecer estar em dúvida, o propósito de qualquer coisa], nem para o outro lado, o de Sócrates e sua dúvida eterna sobre todas as coisas, mas apresentar as coisas sinceramente, com maior ou menor asserção, conforme sejam mais ou menos provadas pelo juízo independente.

(10) Outros erros há no objetivo que os homens propõem para si, pois o qual incluem suas obrigações, por visto que os mais constantes e devotos professores de qualquer ciência a devem pospor se a de fazer algumas adições, elas trocaram seus livros para obter certas segundas prêmios, como se um paulão intérprete ou comentarista, um agudo campeão ou defensor ou um manipuleador ou compendiador metódico e assim, o patrimônio do conhecimento acaba sendo melhorado, mas raramente aumentado.

(11) Mas o maior erro de todos é confundir ou aplicar mal o ultimo ou mais recente livro do conhecimento; pois os homens foram tentados por um desejo de aprendizagem e conhecimento, algumas vezes por natural curiosidade e apetite inquisitivo; por vezes, para enstretar sua mente com variedade e deléite; por vezes, pelo ornamento e a reputação que sera adquirida, por vezes para capacitar-se a vitória no espirito e na contadição; e, na maior parte das vezes, pelo lucro da profissão; mas muito raramente para prestar contas com sinceridade e respeito ao seu dono da razão, trabalhando pelo beneficio e utilidade para os homens, como se houvesse no



conhecimento um dádiva para descansar um espírito curioso e incansável; ou um terrazo em que uma mente vagante e volúvel possa passar, gozando de uma bela vista; ou uma torre vibrante para que uma mente orgulhosa se eleve, ou um forte (e cidadela) para comandar luta e contenda; ou uma loja para lucro e comércio; e não um rio armazem para a glória do Criador e o alívio da condição humana. Mas o que de fato dignificará e exaltará o conhecimento será estarem o estudo e a ação mais próximos e mais estreitamente unidos do que sempre estiveram, uma conjugação semelhante a dos dois planetas mais elevados. Saturno, o planeta do descanso e da contemplação, e Júpiter, planeta da sociedade política e da ação, todavia, não quero repetir, quando falo de utilidade e de ação, aquela finalidade anteriormente mencionada da aplicação do conhecimento ao lucro e a uma profissão: pois não ignoro a quanto isso distrai e interrompe o progresso e o avanço do conhecimento, como a bola de ouro atirada contra Atalanta, que interrompeu a corrida para desviar seu caminho e apanhá-la:

*"Declinat cursum, aurumque volubili tollit"*

[Interrompeu a corrida e apanhou o ouro que corria.]

Nero é muita intenção, como se diz ser a de Sócrates, fazer que a Filosofia desça do céu para que viva sobre a terra, ou seja, deixar a Filosofia natural de Judo e aplicar o conhecimento apenas aos costumes e à Política. Mas, assim como o céu e a terra conspiram e concheguem para produzir o que é útil e o que é bom para o homem, assim também a finalidade deve ser buscar e reunir, das duas Filosofias, as vãs especulações, e preservar e alimentar o que for sólido e fértil; de maneira que o conhecimento não possa servir, como uma cortesã, apenas para o prazer e a vaidade, ou como uma escrava que foi adquirida por seu senhor e lhe é útil, mas como uma esposa, para a procriação, frutos e conforto.

(12) Dessa forma, penso ter descrito e aberto, como em uma espécie de dissecação, os humores insalubres (os principais) que não apenas foram um impedimento à proficiência do conhecimento como também deram ocasião a sua difamação: nesse aspecto, se fui demasiado superficial é preciso lembrar que *fidelis vulnere amant, sed doliva cocula mitigant* [São de boa-fé as feridas causadas por quem ama, mas há maldade nos beijos de um inimigo]. A cegueira que ganhei no seguinte, deve ser mais acreditada no que diz respeito à recomendação, pois uncelei com muita frequência ao que trata-

va de ensinar. E mesmo assim não tenho o propósito de enciar uma Joviação do conhecimento nem de compor um livro às musas (embora seja de opinião de que há muito tempo seus nomes não são devidamente celebrados); minha intenção é, sem disfarce ou exagero, peser com exatidão a dignidade do conhecimento, pondo-a na balança com outras coisas, e medir seu verdadeiro valor por testemunhos e argumentos divinos e humanos.





## VI

(1) Em primeiro lugar, portanto, busquemos a dignidade do conhecimento no arquétipo ou primeira plataforma, que está nos atributos e atos de Deus até o ponto em que são reflexões ao homem e podem ser observados com calma e sobriedade: não devemos procurá-la pelo nome de conhecimento, por o todo conhecimento é conhecimento adquirido, e todo conhecimento em Deus é original, e, portanto, devemos procurar por ela por outro nome, o de sabedoria ou sapiência, como o chamam as Escrituras.

(2) De forma que na obra da criação vemos uma dupla emanção da virtude de Deus: uma referindo-se mais apropriadamente ao poder, a outra, a sabedoria; uma expressa na produção da substância da matéria, e outra, em dispor a forma da forma. Isso suposto, deve-se observar que, para qualquer coisa que apareça na história da criação, a confusão material, matéria do céu e da terra, foi feita em um momento, e a ordem e disposição desse caos ou massa foi trabalho de seis dias; tal marca de diferença agradou a Deus por sobre as coisas do prazer e as obras da sabedoria, isso está de acordo com o fato de que, nas primeiras, não se indica que Deus tenha dito "Que haja o céu e a terra", como é indicado para as obras que se seguiram, na verdade, está dito que Deus fez o céu e a terra, trazendo o primeiro o estilo de um trabalho manual e a outra o de uma lei, decretou o trabalho.

(3) Continuemos com aquilo que vem imediatamente depois de Deus, os espíritos: se pudermos dar crédito à hierarquia celestial do pseudo-Paradiso, senado de Ananias, o primeiro lugar os grau cabe aos anjos de amor, que são chamados serafins, o segundo, aos anjos da luz, chamados querubim, e o terceiro, e os lugares que se seguem, tronos, principados e os outros, que

são todos anjos de poder e ministério; de forma que os anjos de conhecimento e iluminação são postos antes dos anjos de serviço e dominação.

(4) Descontos nos espíritos e formas intelectuais as formas sensíveis e materiais, jesus que a primeira forma criada foi a luz, que tem uma relação e correspondência, na natureza e coisas terrenas, com o conhecimento nos espíritos e coisas incorpóreas.

(5) Assim, na distribuição dos dias, vemos que o dia em que Deus descansou e contemplou suas próprias obras foi abençoado acima de todos os dias em que Ele os realizou e executou.

(6) Depois de terminada a criação, fomos criada que o homem foi posto no jardim para ali trabalhar; trabalho esse que, dessa forma a ele designado, não podia ser outro senão o trabalho do estudo, ou seja, a finalidade do trabalho era apenas o exercício e a experiência, não a necessidade: pois, não havendo emão nem relutância da criatura, nem suor na frente, o emprego do homem deveria, consequentemente, consistir no prazer de experimentar não um labor tendo em vista o útil. Além disso, as primeiras atos que o homem realizou no Paraíso consistiam dos dois aspectos principais do conhecimento: olhar as criaturas e imprimir-lhes marcas. Quanto ao conhecimento que levou à queda, não foi, como mencionado anteriormente, o conhecimento natural das criaturas, mas o conhecimento moral do bem e do mal, esse pressuporia que os mandamentos ou as realizações de Deus não tivessem origem no bem e no mal, mas outras origens, que o homem aspirava conhecer, com a finalidade de fazer uma total apostasia a Deus e depender inteiramente de si mesmo.

(7) Privatização no primeiro evento ou ocorrência após a queda do homem, vemos (já que as Escrituras contêm infinitos mistérios, sem violar em nada a verdade de sua história ou a terra) a imagem de dois estados, o estado contemplativo e o estado ativo, representados nas duas pessoas de Abel e Lamech e nos dois mais simples e primitivos modos de vida, e de pastor (que, por ter tempo livre, permanece tranquilo em um lugar e, destituido de custos, olhando para o céu, é uma imagem viva de uma vida contemplativa) e o de agricultor, tomem aqui vemos que o favor e a preferência de Deus recaíram sobre o pastor e não sobre o lavrador do solo.

(8) Do mesmo modo, na era anterior ao Dilúvio, os santos registras dignaram-se, dentre os poucos memoriais que existem arcaizados e registados, a mencionar e honrar o nome dos inventores da música e dos trabalhos em metal. Na era posterior ao Dilúvio, o pecado grande cometido de Deus sobre a ambição do homem foi a confusão das línguas: nessa ocasião, o "terre caméreo e o intercurso do saber e do conhecimento foram grandemente entravados".

(9) Para chegar a Moisés, o legislador e primeira pluma de Deus, as Escrituras lhe concedem ainda esta comenda: "Era versado em toda a ciência do conhecimento dos egípcios", não está que sabemos ter e só uma das muitas antigas do mundo, pois que Platão mostra um sacerdote egípcio dizendo a Sólon: "Vocês, gregos, sois sempre crianças; não têm conhecimento de Antiguidade nem antiguidade de conhecimento". Que se observa a lei cerimonial de Moisés, ali descrebemos, além da prefiguração de Cristo, e sua distintivo ou diferença do povo de Deus, o exercício e a marca da obediência e mais outros usos divinos e seus frutos, que alguns dos muitos cultos rabenos trabalharam com proveito e profundidade para retirar, alguns um senso natural, outros um senso moral, de muitas das cerimônias e regulamentos, e trazê-los para esses sentidos. Como na lei da lepra, em que se diz: "Se o branco tiver se espalhado pela carne, o paciente pode circular e ser considerado puro, mas se restar alguma carne salta, deve ser confinado como impuro"; um deles faz notar um princípio da natureza, que a profusão é mais contagiosa antes do que após a maturidade da doença; e outro nota uma idéia de Filosofia moral, que os homens abandonados ao vício não contempem tanto os castigos quanto aqueles que são meio bons e meio maus. Assim, nesse e em muitos outros artigos dessa lei, pode-se encontrar, além do sentido teológico, grande esparsão de Filosofia.

(10) O mesmo se vê no excelente livro de Job: se perseguido com atenção, ver-se-á que está cheio e abarrotado de Filosofia natural, como, por exemplo, a cosmografia e a rotundidade do mundo, que *convulit aquilonem super saxum, et appropinquavit terram super nubem* [ele estende o Norte sobre o vazio e suspenso a terra sobre o nada]; ali se trata claramente do fato de a Terra estar suspensa, do Pólo Norte e da limitude e convexidade dos céus. E também assuntos de Astronomia: *Speritum erat in aëre, cœlique re obscurantem, namque iuxta electas est Coluber tortuosus* [Ele criou os céus

com seu espírito, e sua mão, como a de uma serpente, fez sair a serpente tortuosa). E, em outro ponto: *Mingua conjungere valebit micantes stellas Pleiadas, aut quoniam Arcturi patris dissipare?* [Podes unir as pléiades caciontes ou romper o círculo de Arcturus?], a fixidez das estrelas, sempre a igual distância, e como grande elegância descreve. Ainda em outro ponto: *Quo facit Arcturum et Orionem et Hyadas, et sidera Austri* [que faz Arcturus, Orion e as pléiades, e os segredos do Sul], também toma conhecimento da depressão no Polo Sul, chamando a ser os segredos do Sol, pois as estrelas austrais arde, naquela região, invisíveis. Sobre a oração: *Annus sequi lac mulierum me, et sicut coesum compulsi me?* [Não me derramastes como leite e deixastes coagular como queijo?], etc. Sobre os minerais: *Habet argentum venasque marum principia; et cum locis est in quo confusum ferrum de terra tollitur, et lapis voluit calore in aëre reverti* [Há certamente principia para os veios de prata e um lugar para o ouro que se refina; o ferro é tirado da terra e o mineral dissolvido pelo calor se transforma em ouro]; e assim por diante neste capítulo.

(11) Da mesma maneira, na pessoa de Salomão, o rei, vemos que o dom e a dotação da sabedoria e da erudição, tanto no reio de Salomão quanto no assentimento que Deus lhe concede, era profundo acima de qualquer outra felicidade terrena e temporal. Foi por virtude dessa graça ou presente de Deus que Salomão se tornou capaz não apenas de escrever aquelas excelentes parábolas ou aforismos a respeito da Filosofia divina e moral, como também de compor uma história natural de todas as plantas, desde o ceuro sobre a montanha até o musgo na parede (que não passa de um rudimento entre a putrefação e uma erva), e também de todas as coisas que respiram ou se movem. Mais que isso, o mesmo rei Salomão, embora resplandecesse com a glória de possuir tesouros e magníficos edifícios, pelas nações e a arte da navegação, pelo séquito e os servos, por sua fama e renome e coisas semelhantes, não reclamava nenhuma dessas glórias, mas apenas a glória da inocência da verdade: pois dizia expressamente: "A glória de Deus é ocultar algo, mas a glória do rei é descobri-lo", como se imitando o inocente jogo infantil, a divina Majestade se deleitasse em esconder Seus trabalhos, com o intuito de que sejam descobertos; e como se os reis não pudessem obter um honra maior do que ser companheiros de jogo de Deus nessa brincadeira, considerando que têm sob seu comando tantos espíritos e recursos que nada precisa ser oculto para eles.

(12) Também a dispensação de Deus não variou depois que nosso Salvador veio ao mundo, pois Ele procriou muitos Seus filhos para subjugar a ignorância em Sua essência com os sacerdotes e doutores da lei, antes de mostrar Seu poder de subjugar a natureza com Seus milagres. E a vinda do Espírito Santo foi principalmente representada e expressa no símbolo do dom das línguas, que são nada mais que *verba insonata* [verboles da cécia].

(13) Assim também na eleição dos instrumentos que a Deus agradeu usar para a senhadura da fé, mostrou que, na ação, Ele tenha empregado pessoas completamente mentais, exceto pela aspiração, muito evidentemente a fim de declarar que age diretamente e para rebasar toda sabedoria e conhecimento humanos, logo que foi cumprido esse desígnio, na sucessão seguinte Ele enviou Sua verdade divina para o mundo escotada por outros conhecimentos, como se fossem servas ou criadas. Vemos assim que São Paulo, o único erudito entre os Apóstolos, muito contribuiu com sua pluma para as Escrituras do Novo Testamento.

(14) Desembemos também que muitos dos antigos bispos e Pais da Igreja foram extremamente lidos e estudados em tudo o conhecimento das pagãos, tanto que o título do Imperador Juliano no qual ele proíbe que os Cristãos fossem admitidos em escolas, palestras ou exercícios de conhecimento foi considerado o maior honrário como um tratamento e uma maquiagem mais penetrante contra a fé e isto do que hassem sido todas as perseguições sangüinárias dos predecessores, também a discautidade e a inveja de Gregório, primeiro do nome, bispo de Roma, nunca foram vistas como ato de prezação e devoção, mas, pelo contrario, foi reprovada como caprichosa, maligna e perisilante, mesmo entre os homens santos, pois tomaram como objetivo suprimir e extinguir a memória da Antigüidade e dos autores pagãos. Mas, pelo contrario, foi a Igreja Cristã que, entre a inundação dos vícios de um lado, a fome e a us saracenas a leste, perseverou em seu culto e sem sagradas as preciosas reliquias, mesmo as do saber pagão, que de outra maneira teriam sido extintas como se jamais houvessem existido.

(15) E vemos diante de nossos olhos que, em nossa própria era e na de nossos pais, quando agradeu a Deus pedir contas à Igreja por seus costumes e cerimônias degenerados e suas diversas doutrinas condená-

veis forçadas para sustentar os mesmos abusos, exatamente ao mesmo tempo foi ordenado pela divina providência que houvesse uma penetração e um novo influxo de todos os outros conhecimentos. E neli outro livro vemos os jesuitas que, parte diretamente e parte pela emulação e pela instigação de seu exemplo, em muito aceleraram e reforçaram o Estado do conhecimento; vemos (digo eu) o serviço notável e reparador que prestaram a Sé romana.

(16) Assim, para concluir esta parte, observemos que há dois principais deveres e serviços, além de ornamento e de illustração, que a Filosofia e o conhecimento humano prestam à fé e à religião. Primeiros elles induzem com efficacia a exaltação da glória de Deus. Como os Salmos e outras Escrituras com frequencia nos convidam a observar e celebrar as grandes e maravilhosas obras de Deus, se peccarducéssimos apenas na contemplação de seu exterior quando se mostram a nossos sentidos, ammirariamos a majestade de Deus, como se julgássemos ou interpretássemos o estyque de um excelente joalheiro apenas por aquilo que e mestradão em sua obra. Em segundo lugar, elles fornecem uma ajuda e uma protecção singulares contra a descrença e o erro. Nosso Salvador disse: "Erisis, não conhecendo nem as Escrituras nem o poder de Deus", depositando diante de nós dois tomos ou volumes para estudar, se quisermos nos pararmos contra o erro; em primeiro lugar as Escrituras, que revelam a vontade de Deus, e em seguida as criaturas, que expressam seu poder, das quaes as ultimas são uma chave para as primeiras, não apenas através nossa comprehensão para perceber o verdadeiro sentido das Escrituras segundo as noções gerais de razão e regras de discurso, mas também abrem nossa creança, ataindo-nos a uma meditação sobre a omnipotência de Deus, que esta assinalada e gravada em Suas obras. Isso é o bastião a respeito do testemunho divino e das provas da verdadeira dignidade e do valor do conhecimento.





## VII

(1) Quanto às provas humanas, esse campo é tão vasto que, em um discurso dessa natureza e brevidade, é preferível escolher os elementos que produziremos do que abraçar toda sua variedade. Em primeiro lugar, portanto, dentre os graus da honra humana entre os pagãos, o mais alto a obter era ser venerado e adorado como um Deus. Para os Cristãos, isso é como o fruto proibido. Mas agora estamos tratando separadamente do testemunha humano e, seguindo este, aquilo a que os gregos chamam *apoteose* e os latinos *relatus inter deos* [ser posto à altura dos Deuses] era a honra suprema que o homem poderia conferir a si mesmo, especialmente quando não era dada por decreto formal ou ato de Estado (como era costume entre os Imperadores Romanos), mas por um assentimento interior e uma crença. Essa honra, sendo tão elevada, também tinha uma hierarquia ou termo médio, pois, assim às honras humanas, havia as honras heróicas e as divinas, na atribuição e distribuição dessas honras, vemos que a Antiguidade as distinguiu do seguinte modo: enquanto fundadores e unificadores de Estados e cidades, legisladores, extirpadores de tiranos, pais do povo e outros personagens eminentes em crédito cívico eram honrados apenas com os títulos de valerosos ou semideuses, como ocorreu com Hércules, Jeseu, Mínon, Romulo e outros, por outro lado, os inventores e autores de novas artes, que enriqueceram a vida humana com benéficas e coisas úteis, eram sempre consagrados entre os próprios deuses, como foi com Ceres, Bacch, Mercúrio, Apolo e outros. E isso era justo, pois o mérito dos príncipes se restringe apenas a uma época em uma nação e ele como as chuvas úteis à agricultura, que mesmo sendo preventivas e boas servem apenas para aquela estação e para o espaço de solo em que caem; mas os



outros são, de fato, como os benefícios do céu, permanentes e universais. O primeiro vem permeado de lutas e perturbações, mas o último tem o verdadeiro caráter da presença divina, que vem *in nota levi* [com um leve sopor], sem nada os agitação.

(2) Claramente o outro mérito do consolamento, que é reduzir as incoerências que surgem entre os mortais, não é em nada inferior ao primeiro. Lúcio é avarar as necessidades impostas pela natureza, mérito esse vivamente retratado pelos antigos na ficção do teatro de Urbeu, quando todos os animais e passáros se reúnem e, esquecendo seus muitos apetites, alguns por caça, outros por jogo, outros por luta — ficavam todos juntos socialmente, ouvindo os meloios e os acordes da harpa, assim que esse som era interrompido ou acobertado por um ruído mais alto, cada animal retornava à sua própria natureza; nessa fábula viaham muito bem descretas a natureza e a condição dos homens, que são cheios de desejos selvagens e brutes de lucro, de luxuria, de vingança, enquanto deca, ouvindo a preceitos, a leis, a religião, docemente tocados pela eloquência e a persuasão de livros, sermões e arengas, a sociedade e a paz serão mantidas, mas se esses instrumentos se silenciarem, ou se a sedição e o tumulto os tomarem maudizes, tudo se dissolve em anarquia e confusão.

(3) Mas isso aparece mais manifestadamente quando os próprios reis, ou pessoas com autoridade abaixo deles, ou outros governantes em comunidades políticas e Estados populares, são dotados de consolamento. Embora pudesse parecer parcial em relação à sua própria profissão aquele que disse que “os povos e Estados serão felizes quando os reis forem filósofos ou os filósofos reis”, a experiência confirma que os melhores foram aqueles de príncipes e governadores insuados: pois quaisquer que fossem as imperfeições nas paixões e costumes dos reis, se estes fossem alimentadas pelo conhecimento teriam as noções de religião, política e moralidade que os preservariam e os afastariam dos erros e excessos perniciosos e irreversíveis, que ainda sussurram em seus ouvidos quando conselheiros e servos apontam mudos e silenciosos. É da mesma maneira senadores ou conselheiros, quando auscultados, procedem segundo princípios mais seguros e substanciais que conselheiros que sejam apenas homens de experiência, os primeiros evitam os perigos enquanto estão longe, enquanto os outros os descobrem apenas quando

se aproximam demais e confia então na agilidade de seu talento para proteger-se ou evitá-los.

(4) A felicidade dos tempos regidos por príncipes cultos (para manter a regra da brevidade, citamos apenas os exemplos mais eminentes e selecionados) melhor se mostra na era que se passou entre a morte do imperador Domitiano até o reinado de Cómodo, essa compreendeu uma sucessão de seis soberanos, todos instruídos em gramáticas e patrocínios sirpulares do conhecimento, período que, do ponto de vista temporal, foi o mais feliz e próspero de todo o Império Romano (que era então um modelo do mundo) – algo revelado e prognosticado a Domitiano em um sonho na noite anterior a seu assassinato, pois lhe pareceu que, por trás de seus ombros, surgiram um porco e uma cabeça de ouro, o que realmente aconteceu nos tempos aureos que se sucederam; desses príncipes, devemos louvar a memória, embora o assunto seja vulgar e possa parecer mais adequado a uma declamação do que a um tratado teológico como este, por ser mesmo assim pertinente para o assunto analisado *semper in omni tempore Apollo*. [o nem sempre Apolo distende seu arco], e como apenas dizer seu nome seria demagógico e ru e superficial, não deixarei de fazê-lo. O primeiro foi Nerva, de cujo governo a ascensão notável e trágica vida por uma alhadela em Cincinato Tacito: *Postquam deus Nerva rex animi invariabiliter mansuisset, imperium et libertatem*. [Depois de a diviso Nerva reunir as coisas de lá nutiu a liberdade] Exemplos de sua cultura, o último por lembrado de seu curto reinado foi uma missiva para seu filho adotivo, Trajano, tratando de algum descontentamento íntimo com a ingratidão de seu tempo, em verso tirado de Homero:

*"Tollis, Phoebe, quae laetibus absistere noceras"*

[Féto, vinga minhas lágrimas com tua seta]

(5) Trajano, que o sucedeu, não era pessoalmente instruído; mas se escutamos com atenção o discurso de nosso Salvador, que dizia: "Aquele que recebe um profeta por este ser profeta receberá uma recompensa de profeta", ele merecerá ser posto entre os mais cultos príncipes; pois não houve maior admirador ou defensor do conhecimento, maior fundador de bibliotecas famosas, perpétuo promotor de honras

eruditos e cargos públicos e intersecção familiar de eruditos professores e preceptores, que tinham então enorme crédito na corte. Por outro lado, certamente nenhum testemunho da história séria e fiel retrata o quanto a virtude e o governo de Trajano foram admirados e renomeados de maneira mais vivida que a história lendária de Gregório Magno, bispo de Roma, notório pela extrema inveja que tinha de toda a excelência pagã, embora, graças ao amor e à estima que tinha pelas virtudes morais de Trajano, tenha dirigido a Deus orações apaixonadas e fervorosas para que sua alma fosse poupada do Inferno, e tenha obtido essa graça, com a condição de que não fizesse mais tais pedidos. No tempo desse príncipe também as perseguições contra os cristãos foram suspensas, como atesta Plínio Segundo, um homem de excelente erudição e favorecido por Trajano.

Por Adriano, seu sucessor, em a homem mais curioso que já viveu e o inquietador mais universal de tal maneira que era visto como cruel de sua mente este desejo de compreender todas as coisas e não se reservar para as coisas mais dignas, recaído em capricho semelhante ao que muito antes havia sido notado em Felipe da Macedônia, que quando quis superar e derrotar um excelente músico em uma discussão sobre música, recebeu dele esta bela resposta: "Deus trilha, senhor", disse ele, "que o senhor tenha o deleitamento de saber essas coisas melhor que eu". A Deus agradei servir-se da curiosidade desse imperador para induzi-lo a paz em sua igreja naqueles tempos, pois, mesmo venerando Cristo não como um Deus ou Salvador, mas como uma curiosidade ou novidade, e tendo seu terrão em sua guerra lutando um conjunto com o de Apolo (pois sua fúria imaginária os julgava parecidos), isso serviu para suavizar o antigo ódio daqueles tempos contra o nome cristão, de forma que a Igreja teve paz durante seu reinado. E quanto a seu governo político, embora não tenha igualado ao de Trajano em glória de armas e perseguição de justiça, superou-o na busca pelo bem-estar de seus súditos. Trajano erigiu muitos monumentos e construções célebres, tanto que Constantino, o Grande, com ciúmes, acabou por chamá-la *perpetua er.* "fita-paradas" porque seu nome aparecia em muitos túmulos; mas suas construções e obras eram mais fá-

\*A. J. *Discursos de Plínio*, introduzido como "fita-paradas".

glória e triunfo que de utilidade e necessidade. Mas Adriano passou todo seu reinado, que foi pacífico, em uma perambulação ou peregrinação pelo Império Romano, dando ordens e instruções por onde passava para a reedificação de cidades, vilas e fortes em ruínas, para a escavação da nascente de rios e legatos, para a construção de pontes e passagens, para o regulamento de cidades e comunidades com normas, decretos e constituições e outorgando novas licenças e a abertura de corporações, de forma que todo seu reinado foi uma verdadeira restauração de toda a declínio e ruínas dos períodos anteriores.

(7) Antonino Pio, que o sucedeu, era um príncipe de excelente instrução, com o espírito paciente e vital de um homem de escola, tanto que no rumor popular (que não possui nenhuma virtude) era chamado *quasi actor*, escultor ou diretor de grãos de cereais, que é uma das menores sementes. Tinha em sua paciência e sua firmeza de espírito, que lhe permitiam tratar das menores e mais exatas nuances das questões, tudo sem dúvida da excessiva tranquilidade e serenidade de sua mente, que por não ser de forma alguma carregada ou obstruída seja por temores, rencores ou hesitações, mas tendo sido considerado como o homem da mais pura bondade, sua verdadeira razão ou atenção, que já morreu ou viveu, tornando sua mente continuamente presente e plena. Também ele aproximou-se mais um pouco do Cristianismo, e tomou-se, como disse Agripa e São Paulo, "meio cristão", pois tinha boa opinião sobre essa religião e sua lei e não apenas pôs fim às perseguições como também abriu espaço para o avanço das cristãs.

(8) Sucederam-lhe os primeiros *divi fratres* [irmãos divinos], os dois irmãos adotivos — Lucio Ulpiano Vero, filho de Hélio Vero, que se destacava na forma mais leve de cultura, e chamava ao poeta Marco seu Virgílio; e Marco Aurélio Antonino, dos quais o último, que peligou seu colega e sobreviveu-lhe por muito tempo, era apelidado "o filósofo", pois, além de destacar-se dos outros em saber, ainda se destacava pela perfeição de todas as virtudes reais de tal forma que o imperador Juliano, em seu livro intitulado *Córoas*, pasquim ou sátira com o objetivo de ridicularizar todos os seus predecessores, imagina terem sido todos convidados a um banquete dos deuses, e Sileno, o beirão, sentado na ponta da mesa, saudava os que chegavam com uma toca, mas quando entrou Marco Filósofo, Sileno ficou em

haraçado e perdeu a compostura, sem saber como criticá-lo, mas ao fim fez uma observação maldosa sobre a paciência de Marco Aurélio para com sua esposa. A virtude desse príncipe, junto com a de seu predecessor, tornou o nome dos Antoninos tão sagrado no mundo que, embora extremamente desotrado por Cômodo, Caracala e Heliogábalo, que também o trouxeram, quando Alexandre Severo recusou a honra por não pertencer à família, o Senado em aclamação disse: *Quoniam Augustus vir et Antoninus* [Que o nome de Antonino seja como o de Augusto]. Tal reverência e veneração tinha o nome desses dois príncipes naqueles tempos que foi para sempre acrescentada ao título tríplice pelos imperadores. Também no reinado desse imperador a Igreja, na maior parte do tempo, foi deixada em paz, de forma que, nessa sequência de seis príncipes, vemos os efeitos benéficos do conhecimento entre os soberanos pintados na maior quadra do mundo.

(9) Mas para um quadro ou pintura de menor volume (sem pretender falar de Vossa Majestade, que está viva), em minha opinião é mais excelente e o da rainha Elizabeth, sua predecessora imediata nesta parte da Grã-Bretanha, se Plutarco estivesse vivo para escrever vidas paralelas teria problemas, imagino, em encontrar para essa soberana um paralelo entre as mulheres. Essa dama era investida de conhecimento singular para seu sexo, raro mesmo entre príncipes masculinos — em talentos de conhecimento, de línguas ou de Cômica, moderna ou antiga, Teologia ou Humanidades — e até o último ano de sua vida habitava-se a reservar algumas horas para a leitura, com muita regularidade e seriedade de que qualquer estudante de universidade. Quanto a seu governo, asseguro (não exagerei ao afirmá-lo) que esta parte da ilha nunca conheceu melhores 45 anos, e isso não se deveu à calma da educação, mas à sabedoria de sua administração. Se considerarmos, por um lado, o estabelecimento da verdade da religião, a constante paz e segurança, a boa administração da justiça, o uso moderado das regalias, nem muito limitado nem muito estendido, o próspero Estado da emblecência, de acordo com tão excelente patrocinadora, a situação conveniente da riqueza e dos recursos, tanto da coroa como dos súditos, o hábito da obediência e a moderação dos descontentes; e se considerarmos, pelo outro lado, a ambição da Espanha e a oposição de Roma, e que ela em solitária e só contava con-



siigo mesmo digo que, considerados essas fatos, eu não poderia ter escolhido exemplo mais recente e apropriado, e por isso suponho que não poderia ter escolhido um mais notável ou enigmático para a proposta de que trato, que se relaciona à conexão entre o saber da natureza e a felicidade do povo.

(10) O conhecimento não tem apenas uma influência ou eficácia sobre o mérito político, a virtude moral, o gosto pela paz e a arte do governo pacífico; mas não é menos poderoso e eficaz no capacitar príncipes e virtudes marciais e militares, como se pode perceber notavelmente nos exemplos de Alexandre, o Grande, e de César, o Ditador (mencionados antes, mas que merecem ser citados apropriadamente), cujas virtudes e atos na guerra prescindem de uma ou outra — já que foram as maravilhas do tempo nesse domínio; mas é adequado falar um pouco de sua adição pelo conhecimento e sua excelência nessa área.

(11) Alexandre foi educado e instruído por Aristóteles, o grande filósofo, que lhe dedicou diversos de seus livros de Filosofia: tinha a seu serviço Calístenes e diversos outros eruditos que o seguiam nas expedições durante suas viagens e conquistas. O apreço e a estima que tinha pelo conhecimento aparecem principalmente nestes três pontos em particular: primeiro, na inveja que dizia ter de Aquiles, pois este trocava, por loucas e nada menos que a trambola dos versos de Homero, em segundo lugar, no julgamento ou na solução que deu quanto ao processo-fútil de Dario, encerrando entre suas jóias na questão era a respeito de que seria digno de ser pesto ali dentro, e ele decidiu pelas obras de Homero; em terceiro, em sua carta a Aristóteles depois de este ter escrito seus livros sobre a natureza, na qual ele é repreendido por publicar os segredos ou mistérios da filosofia, dando a entender que ele próprio preferia superar os outros homens em erudição e conhecimento que em poder e império. Quanto ao uso que empregava para o conhecimento, este aparece, em antes brilha, em todos os seus discursos e respostas, orações de ciência e de uso da Ciência, e de Ciências bem variadas.

(12) Pode parecer um exercício escolar, e um tanto vazio, recitar coisas que todos já sabem, mas, mesmo assim, uma vez que o argumento que sustenta me levou a isso, estou feliz por perceberem que quero honrar (como certamente dirão) um Alexandre, ou um César, ou um Anônimo, que morreram há muitos anos, tanto quanto alguém que ainda vive, meu objeti-

vo, pois, é mostrar a glória do conhecimento nos soberanos, e não um capricho de declarar o elogio de qualquer um. Observe-se, então, a resposta de Diógenes por ele usada e perceba-se se não atinge o verdadeiro estado de uma das maiores questões de Filosofia moral: qual será a maior felicidade, se o gozo das coisas exteriores ou seu desprezo, pois quando viu Diógenes tão contente com tão pouco, disse: àqueles que invejavam de sua condição: “Se eu não fosse Alexandre, gostaria de ser Diógenes”. Mas Sêneca inventou a ordem e disse: “*Pius erat, quod hic nollet accipere, quam quod ille passet dare.*” Havia muito mais coisas que Diógenes recusaria do que aquelas que Alexandre poderia oferecer ou que poderia ter.

(13) Observe-se, também, o discurso que lhe era usual: “Que ele sentia sua mortalidade principalmente em duas coisas: na sono e na luxúria”; e veja se esse discurso não vem nas profundezas da Filosofia natural, e que poderia antes ter saído da boca de Aristóteles ou de Demócrito do que da de Alexandre.

(14) Considere-se, ainda, seu discurso de humanidade e piedade quando, ferido e sangrando, chamou a si um de seus seguidores, que estava habituado a atribuir-lhe honras divinas, e disse: “Veja, isso é sangue de verdade, não é aquele sium de que falava Homero, que jorrava da nuca de Vênus quando foi ferida por Diomedes”.

(15) Da mesma maneira sua prontidão na correção da Lagone, no discurso que fez a Casandra a respeito de uma guerra feita contra seu pai, Antipatro, pois, quando Alexandre disse: “Você acha que esses homens temam virão de tão longe para se queixar, se não tivessem uma causa justa para isso?” e Casandra respondeu: “Sim, essa foi a razão, pois eles acharam que não deixariam de ser atendidos”; e Alexandre disse, rindo: “Veja se essas sutilezas aristotélicas, como tratar de um assunto segundo os dois pontos de vista, pró e contra, etc”.

(16) Mas note-se, também, com que maestria ele usava a mesma arte que reprovava em favor de seu próprio capricho ressaltando-se secretamente contra Calístenes, por ser este contra a nova cerimônia de adoração, em certo feste de banquete, quando o próprio Calístenes estava à mesa, admitindo, que, depois da refeição, pediriam que este falasse sobre algum tema ou assunto de sua própria escolha, e que Calístenes fez, escolhendo como discurso o elogio da ação macedônica e realizando-o com maneiras tais que os

ouvintes ficaram encantados, ao que Alexandre, nada satisfeito, disse: "É fácil ser eloquente a respeito de um assunto tão bom, mas", disse ele, "trouxe de registro e vejamos o que pode dizer contra nós"; e que Calistenes executou de forma tão piagente e vívida que Alexandre o interrompeu dizendo "Antes, a excelência da causa o fez eloquente, agora, fix o despeto".

(17) Que se considere ainda, nos tropos de Retórica, o excelente uso de uma metáfora ou transposição que fez com o Antipátrio, um governador soberbo e tirânico; quando um dos amigos de Antipátrio falou a Alexandre sua moderação, pois Antipátrio não degenerara, como seis outros leiteses, no orgulho das penas e no uso da púrpura, mas mantivera os antigos trajes da Macedônia, que eram negros: "Verdade", disse Alexandre, "mas Antipátrio é púrpura por dentro". Há um outro exemplo, quando Parmênio veio ter com ele na planície de Arbela e lhe mostrou a inumerável multidão das tropas inimigas, mais impressionante porque, por causa do número infinito de luzes, pareciam ser um novo firmamento, e o aconselhou a atacar à noite, ele respondeu que "não ousaria a vitória".

(18) Quanto às questões políticas, que se considere a significar a distinção, reconhecida por todas as eras, que fez entre seus dois amigos "Telêstes e Cratero, ao dizer que "um amava Alexandre e o outro amava o rei", descrevendo assim a principal diferença entre os melhores servos dos príncipes, ao seja, que alguns por afeição amam sua pessoa e outros, por dever, amam a coroa.

(19) Que se pese também a excelente crítica que fez sobre o erro comum, entre conselheiros de soberanos, de aconselhar seus mestres de acordo com o modelo de sua própria mente e fortuna, e não a de seus mestres. Quando, sobre as grandes oferendas de Dario, Parmênio declarou, "Certamente eu aceitaria essas oferendas se fosse Alexandre", este respondeu, "tu também, se eu fosse Parmênio".

(20) Por último, que se pese a resposta rápida e aguçada que deu ao oferecer grandes presentes a seus amigos e servos, quando lhe perguntaram o que guardava para si e ele respondeu: "Esperança". Que se avalie, digo eu, se não havia determinado bem seu quinhão, pois a esperança deve ser a parte de todos aqueles que meditam sobre grandes empreitadas; pois essa foi a porção de César quando foi pela primeira vez a Gália, uma vez que sua generosidade havia dilapidado grandemente sua fortuna, e essa foi

também a porção daquele príncipe devorado pela ambição, Henrique, duque de Guise, do qual costumava-se dizer que era o maior usurário de França, pois havia transformado toda sua fortuna em títulos de dívida.

(21) Para concluir, portanto, assim como costumam dizer hiperbolicamente certos críticos: "Se todas as ciências forem perdidas, poderão ser encontradas em Virgílio"; da mesma maneira se poderia dizer em verdade que as impressões e pegadas do conhecimento podem ser encontradas nos poucos discursos desse príncipe que chegaram a nós. Eu o admirei tanto, não como Alexandre, o Grande, mas como aluno de Aristóteles, que acabou avançando demais.

(22) Quanto a Julio César, a excelência de seu conhecimento não precisa ser demonstrada mediante sua educação, sua companhia ou seus discursos; mas, em grau mais elevado, declara a si mesmo em seus escritos e obras, das quais algumas ainda existem e permanecem e outras infelizmente desapareceram. Dentre as primeiras, sabemos que nos resta a excelente história de suas próprias guerras, à qual juntou apenas *Comentários*, cuja solidez foi admirada pelos séculos que se seguiram, além dos acontecimentos reais e imagens vívidas de ações e pessoas, expressas com grande propriedade de palavras e clareza de narração; isso não era efeito de um dom natural, mas do conhecimento e regras adquiridas, como testemunhado por seu trabalho intitulado *De Analoxia*, uma Filoxenia da Gramática, ali, ele se esforça para transformar a voz *ad parvum* [a palavra como quecemos] em voz *ad fortius* [a palavra como se deve] e mudar o discurso usual as regras do discurso correto; e fazia, de certa forma, o retrato das palavras tomando como modelo a razão.

(23) Recebemos assim dele, como um monumento de seu poder e de seu conhecimento, o seu estilo corrigido de ano, bem expressando que ele considerava uma glória tão grande observar e conhecer a lei dos céus quanto fazer a lei dos homens na Terra.

(24) Da mesma maneira, em seu livro *Anti-Cicero*, é fácil perceber que ele aspirava tanto à vitória intelectual quanto à vitória na guerra, e a venceu para isso batalha contra o maior campeão da pluma que então vivia, Cicero, o Orador.

(25) E em seu livro dos *Apologmas* que compôs, vemos que julgou mais honroso recitar-se em dedicar a si mesmo apenas um par de linhas,

para assim destacar as palavras sábias e piedosas de outros, que fazer de cada uma de suas palavras um apotegma ou um oráculo, como os príncipes frivolos, por costume ou falta de habilidade, pretendem fazer. Todavia, se eu fosse contar com detalhe muitos de seus discursos, como fiz com os de Alexandre, ficaria claro que eles são, como disse Salmão, *verba sapientum tanquam aculei, et tanquam clavi in altum desce* [As palavras dos sábios são como agulhões e como pregos profundamente cravados], deles recitar, apenas três, não tão deliciosos pela elegância, mas admiráveis por seu vigor e eficácia.

(26) Na primeira, percebe-se porque é considerada um mestre das palavras que, com uma palavra, podia aplacar um inimigo em sua exortação quando os generais romanos fazavam as tropas usarem a palavra milites [soldados], mas quando os magistrados fazavam ao povo usavam a palavra quiritis [cidadãos]. Os soldados estavam em tumulto e exigiam sediciosamente ser dispensados, não que o quisessem realmente, mas sim, com a discussão nascida disso, levou César a conceder com outras condições: mas não resistindo a não ceder, começou seu discurso depois de um silêncio. Ego Quiritis! "Eu, cidadãos!", admitindo-os já dispensados – como o que ficaram tão surpresos, atônitos e confusos, que não quiseram que ele continuasse seu discurso, mas renunciaram à suas exigências e pediram apenas para ser novamente chamados pelo nome de milites.

(27) O segundo discurso foi o seguinte: César aspirava fortemente ao título de rei: algumas pessoas decidiram que, quando ele passasse, iriam fazê-lo rei por aclamação popular. Mas achando o grito débil e pobre, César dispensou-o com uma espécie de brincadeira, como se houvessem confundido seu sobrenome: *Non Rex, cum sed Caesar* [Não sou rei, sou César], discurso que, se analisado, é cheio de uma vida e uma plenitude que dificilmente podem ser expressas. Em primeiro lugar, era uma recusa do título, mas que mediante assim não era seria, em segunda, significava uma infinita confiança e magnanimidade, como se ele presumisse que César era um título mais elevado, coisa que, por seu próprio valor, acabou por ser até noras duas. Mas acima de tudo foi um discurso muito convincente para seu próprio objetivo, como se ele e o Estado discutissem apenas por causa de um nome que pertencia à família infernal, pois *rex* era um sobrenome entre os romanos, assim como *king* [dos Reis] entre nós.

(28) O último discurso que mencionarei foi proferido a Metelo, quando César, depois de declarada a guerra, tomou posse de toda a de Roma, nesse momento, ao entrar César na sala interior de tesouro para pegar o dinheiro ali acumulado, Metelo, que era tribuno, proibiu-o de fazê-lo. Ao que César disse que "se ele insistisse, o deixaria morto naquele mesmo lugar". Em seguida, referendo-se, acrescentou: "Jovens! não, para mim é mais difícil falar do que fazer" – *Adulescenti, dignum est mihi hoc dicere quam facere*. Um discurso composto pela maior ameaça e a maior elocução que podem ser de boca de um homem.

(29) Para concluir esse oratório e evasiva que ele próprio combateu bem a excelência de sua erudição e que a recordava, como mostrou no episódio em que alguém comentou sobre a estranha resolução tomada por Lúcio Sula de renunciar a suas funções de ditador, e César, pelo escameando em seu próprio ato, respondeu que "Sula não tinha o dom das letras e, portanto, não sabia como ditar".

(30) Agora seria adequado deixar a questão da concomitância de virtude militar e de conhecimento (por qual exemplo poderia ter algum exemplo diante de Alexandre e César?), mas quero ainda dizer algo, em virtude da raridade da circunstância que encontro em outro caso particular: alguém que passou repentinamente de uma posição extremamente desprezível para outra extremamente admirável: trata-se de Xenofonte, o Tíofonte, que deixou a escola de Sócrates para juntar-se à expedição de Ciro, o Jovem, contra o rei Artaxerxes, na Ásia. Este Xenofonte era muito jovem na época e nunca havia estado no guerra, nem tivera nenhum comando no exército, mas acabou seguindo a guerra como voluntário pelo amor à companhia de Proxeno, seu amigo. Estava presente quando Falco chegou com uma mensagem do grande rei dos gregos, depois de Ciro ser morto no campo de batalha e eles, um punhado de homens, terem sido abandonados à própria sorte em meio aos territórios de rei Artaxerxes, separados de seu país por mares não navegáveis e inúmeras centenas de milhas. A mensagem dizia que eles deviam entregar suas armas e submeter-se à mercê do rei. A respeito dessa mensagem, antes de dar resposta, diversos membros do exército conversaram amigavelmente com Falco, e entre eles, Xenofonte por acaso disse: "Então, Falco, agora só nos restam duas coisas, nossas armas e nosso valor: e se entregarmos nossas armas,



que usas fazemos de nosso valor?". Ao que Falino, com um sorriso, respondeu: "Se eu não me engano, jovem cavalheiro, és ateniense, e acredito que estudes Filosofia, e é belo o que dizes; mas estás muito enganado se pensas que teu valor pode resistir ao poder do rei". Esse foi o desprezo, seguiu-se a admiração — pois esse jovem estudante ou filósofo, depois de todos os capitães terem sido mortos por tração durante as conferências, conduziu os dez mil a pé, pelo coração de todas as terras do rei, da Hablana até a Síria, em segurança — apesar de todas as forças do rei, para espanto do mundo e encorajamento dos gregos, nos tempos que se seguiram — para organizar invasões contra os reis da Pérsia, como foi mais tarde proposto por Jasão, o Tessalano, tentado por Agexlau de Esparta e cumprido por Alexandre Macedônio, tudo graças à atitude daquele jovem estudante.



## VIII

(1) Passemos agora da virtude imperial e militar à virtude moral e particular; em primeiro lugar, há uma verdade assegurada contida nos seguintes versos:

*Sollicita ingenia didicisse fideliter artes Emollit mores, est sicut esse ferus.*

[Certamente, estudar as artes com sinceridade suaviza os costumes e expulsa a ferocidade.]

O saber afasta a selvageria, o barbarismo e a ferocidade da mente humana; mas na verdade o homem deve estar sobre *fideliter* (com sinceridade), já que um pouco de conhecimento superficial produz antes o efeito inverso. Ele afasta toda levandade, temeridade e insolência, sugerindo todos os dilemas e dificuldades e habituando o mente a equilibrar as razões de ambos os lados e a rejeitar as primeiras ofertas e idéias da mente, sem aceitar nada que não tenha sido examinado e experimentado. Ele afasta a vã submissão por quaisquer coisas, que é a raiz de todas as fraquezas. As coisas são admiradas por serem novas ou por serem grandiosas. No que toca à novidade, nenhum homem que esteja imerso no conhecimento ou no estudo deixara de encontrar, impresso em seu coração, *nil novi super terram* (nada de novo sobre a terra). Ninguém pode maravilhar-se com um teatro de manobras se for zitéis da cortina e observar bem os movimentos. E quanto à magnitude, Alexandre, o Grande, quando já estava habituado aos grandes exércitos e as grandes conquistas das vastas províncias da Ásia, no receber cartas da Grécia sobre algumas batalhas e assuntos militares de lá, que eram normalmente a invasão de um forte ou, no máximo, de

uma cidade fortificada, dizia que "Parecia que estavam: lha contando as batalhas entre os anjos e os ratos de que falam as antigas fabulas". Da mesma maneira, se um homem medir bastante sobre o grande quadro da natureza, a tanta com os homens que aí vivem (excluindo-se a divindade das almas) não parecerá muito diferente de um formigueiro, em que algumas formigas carregam trigo, outras as filhotes e outras nada, e todas entram e saem de um montão de poeira. O conhecimento afasta ou mitiga o medo da morte ou da fortuna adversa, que é um dos maiores obstáculos à virtude e que deturpa os costumes. Se a mente de um homem estiver profundamente impregnada pela consideração da mortalidade e da natureza corruptível de todas as coisas, concordará facilmente com Epicteto, que certo dia viu uma mulher chorando por ter quebrado seu jarro de argila, e no dia seguinte viu uma mulher chorando por seu filho morto, e disse então: *Hic vidit fragilium frangi, hodie vidit mortalem mori*. [Ora, vi um objeto fragil quebrar-se, e hoje um morto morrer.] E, por isso que Yulgio avança de natureza excelente e profunda o conhecimento das causas e a conquista de todos os ramos como *concomitantes* (concomitantes).

*Felix, qui potuit rerum cognoscere causas, quodque neque sinitur  
neque minuitur fatum. Subiecta pedibus, sit potentis diuinitis arce.*  
[Feliz quem pôde conhecer as causas das coisas e que esteja com os pés  
sobre todos os rédis, e o dest. no inacessível, e o harão de avare Aqueducto.]

(2) Será demasiado extensa a lista dos remédios particulares ministrados pelo conhecimento para todas as doenças da mente, por veres purgando os humores ruins, outras vezes desobstruindo, outras ajudando na digestão, outras aumentando o apetite, outras curando as feridas e ulcerações, etc., nunca conclusão sera agudo que tem *rationem totius* (a razão do todo) o conhecimento dispõe a constituição da mente a não se fixar ou se insular em seus próprios defeitos, mas a ser ainda capaz e susceptível ao crescimento e à reforma. O homem humilde não sabe o que é descer em si mesmo, ou pedir contas a si mesmo sem o prazer da *conversione* (reversão) *sentire se fieri meliorem* (a vida mais doce, aquela em que cada dia sentimos que estamos melhorando). Ele aprenderá a mostrar totalmente as partes boas e a usá-las com destreza, mas não a subtrai-las. Aprenderá a

examinar e colorir os defeitos, mas não a cortá-los, como o mau ceifeiro que continua a ceifar e nunca afia a foice. É bem diferente com o homem instruído, que sempre mistura ao uso da mente sua correção e aperfeiçoamento. Mas que isso, para dizer tudo, é certo que *veritas* (verdade) e *bonitas* (bondade) se diferem entre si como o selo e o sino, pois a verdade atipone a bondade, e as nuvens de erro saem nas tempestades de paixões e perturbações.

(3) Passemos da virtude moral à questão do poder e do comando, e consideremos se, de acordo com a razão, haveria algo comparável ao que nos dá o conhecimento investido e como a natureza do homem. Vemos que a dignidade do comando está de acordo com a dignidade do comandado, o poder que os pastores têm sobre o rebanho é desprezível; o poder que os mestres-escola têm sobre as crianças e coisa de pouca honra; ter poder sobre os escravos das galas e mais súditos que honra. O poder dos tiranos não é muito melhor, pois é exercido sobre pessoas que perderam a nobreza de seu espirito: e por isso sempre se considerou que a honra das monarquias livres e repúblicas é mais suave que nas tiranias, já que o poder se estende mais sobre a vontade dos homens e não apenas sobre seus atos e serviços. Por conseguinte, quando Virgílio se empenhou em atribuir a Augusto César as melhores honras humanas, o fez nestas palavras:

*Victorque vincens Rex populos dat, iura, viamque officiat Olympo.*  
[O vencedor faz leis para povos que as aceitam de boa vontade e torna  
o caminho do Olimpo.]

Mas ter poder sobre o conhecimento é uma honra maior que ter poder sobre a vontade, pois é um poder sobre a razão, a crença e o entendimento do homem, que é a parte mais elevada da mente e que faz as leis sobre a vontade em si. Não há poder sobre a Terra que estabeleça um trono ou cadueta de Estado no espirito e na alma dos homens e em suas reflexões, imaginações, opiniões e crenças, a não ser o conhecimento e a educação. Vemos, portanto, o detestável e extremo prazer a que os fundadores de heresias, falsos profetas e impostores são transportados quando descobrem que têm uma superioridade sobre a fé e a consciência dos homens; é tão grande esse prazer que, tendo-o provado uma vez, dificilmente uma tortura

ou perseguição os fará desistir dele ou abandoná-lo. Mas, assim como fez a isso me o autor de Apocalipse chamou de profundidade ou abismo de Satanus, assim também, seguida a lei dos contrários, a soberania justa e legítima sobre o empobrecimento do homem, pela força de verdade verdadeiramente interpretada, é a que mais se aproxima do poder divino.

(4) Quanto à riqueza e ao progresso, o caráter benéfico do conhecimento não se limita apenas a fazer a fortuna dos Estados e comunidades políticas, mas também a fazer a fortuna de pessoas particulares. Há muito tempo já se notou que Homero deu vida a mais homens que Sila, César ou Augusto, mesmo com todas as larguezas, doações e distribuições de terras que estes fizeram a tantas legiões. E sem dúvida é difícil dizer se foram os armamentos ou o conhecimento que fizeram avançar mais pessoas no mundo. E no caso da soberania vemos que, se anas ou Indagem transpura o reino, o conhecimento transmuta o sacerdócio, que sempre teve uma relação de competição com o imperio.

(5) Além disso, o prazer e o deleite do conhecimento e da erudição ultrapassam em muito todos os outros da natureza. De fato, não seria verdade que os prazeres das afecções excedem tanto os prazeres das verdades quanto a potência de desejos ou da vitória excedem os de uma canção ou janta? Conseqüentemente, não deveriam os prazeres do intelecto ou do entendimento exceder os prazeres das afecções? Vemos que em todos os outros prazeres há a variedade e, depois que nos acostumamos a eles, seu prazer desaparece e que mostra que não são mais que aparências de prazer e não prazeres, e que em a novidade e que aprazível, não a qualidade. É por isso vemos homens voluptuosos tornarem-se fúidos, e príncipes ambiciosos tornarem-se melancólicos. Mas do conhecimento não há saciedade, mas a satisfação e o apetite são perpetuamente renováveis, e, portanto, o saber parece bom em si mesmo simplesmente, sem falácia ou acidente. Também não tem pouca eficácia ou satisfação para a mente do homem esse prazer que o poeta Lucrécio descreveu com elegância:

*Itaque auti magno, turbantibus aequora ventis, etc.*

"É uma visão deleitosa", diz ele, "estar na costa e ver no mar um navio castigado pela tempestade, ou estar em uma torre fortificada e ver dois exercitos se confrontarem em uma planície. Mas é um prazer incompa-

nível ter a mente instalada, aturada e fortificada na certeza da verdade, e, dali, a vista e contemplar os erros, as perturbações, os labores e a agitação dos outros homens".

(6) Para terminar, deixemos de lado os argumentos vulgares de que o homem instruído distingue-se do homem assim como o homem se distingue das bestas, ou que o homem instruído ascende aos céus e observa seu movimento, indo aonde seu corpo não pode ir, e coisas assim concludentes esse exame da dignidade e da excelência do conhecimento e da erudição evocando aquilo a que a natureza humana mais aspira, que é a imortalidade ou continuidade; pois essa é a finalidade da reprodução e da construção de casas e famílias, essa é a fina idade de edifícios, fundações e monumentos; essa é a finalidade do desejo de memória, fama e celebração; e, de fato, da força de todos os outros desejos humanos. Vemos então o quanto os monumentos da inteligência e do conhecimento são mais duradouros que os monumentos construídos pelo poder ou pelas mãos. Não permaneceram os versos de Homero, sem a perda de uma sílaba ou letra, por 2.000 anos ou mais, durante os quais infinitos palácios, templos, castelos, cidades foram devastadas e demolidas? Não é possível obter verdadeiros retratos ou estátuas de Cícero, Alexandre, César, nem dos reis ou grandes personagens de algum outro posterior, pois os originais não podem durar e as cópias perdem inevitavelmente em vida e em verdade. Mas as imagens da inteligência e do saber aos homens permanecem nos livros, imunes aos agravos do tempo e capazes de perpétua renovação. Não podem ser adequadamente chamadas de imagens, pois continuam a produzir e a abstrair suas sementes na mente de outros, produzindo e causando um número infinito de atos e opiniões nos tempos que se seguem. De forma que, assim como a invenção do navio foi considerada coisa muito nobre, pois ele carrega riquezas e mercaderias de lugar a lugar e associa as regiões mais remotas na participação de suas utilidades, quem mais não deveriam ser louvadas as letras, que como navios atravessam os grandes mares do tempo e fazem tempos tão distantes participar da sabedoria, invenções e invenções uns dos outros? Mais que isso, vemos que alguns filósofos, dos menos divinos e mais inertes nos sentidos, que negaram de forma petal a imortalidade da alma, reconheceram mesmo assim, que todos os movimentos que o espírito humano pode realizar sem os órgãos do corpo podem persistir após a morte, sendo apenas do entendimento, e não da criação,



de tanto que o conhecimento lhes parecia mortal e incomprível. Mas nos, que sabemos por revelação divina que não apenas o entendimento como as emoções purificadas, não apenas o espírito mas o corpo transformado devem ascender à imortalidade, renunciamos a esses rudimentos oferecidos pelos sentidos. Mas é preciso lembrar, tanto neste último ponto como também viver, em outros lugares, que para experimentar a dignidade do conhecimento ou do saber separei desde o início o testemunho da mo do humano, metida este que segui rigorosamente, tratando assim um separadamente do outro.

(7) Mesmo assim, não tenho a intenção, e sei que será impossível para não fazê-lo, de inventar o pagamento, seja o do galo de Frópe, que preferiu o grão de cevada à pedra preciosa, seja o do Midas, que escolhido como juiz entre Apolo, padroeiro das musas, e pã, Deus dos rebanhos, julgou em favor da espúria; ou o do Pãris, que premiou a beleza e o amor em vez da sabedoria e do poder; ou o de Agripina, *exidit maron, modo superet* [que ele mate sua mãe no momento em que venha a reinar], que preferiu o império sob qualquer condição detestável; ou o de Ulisses, qui *vetulam proculat immortalitati* [que preferiu sua velha esposa à imortalidade], sendo daqueles que preferem o costume e o hábito a qualquer excelência. Ou qualquer semelhante julgamento popular. Essas coisas continuarão como sempre foram; mas uma outra continuação também, com a qual o conhecimento sempre costou e que jamais lhe f'hou. *Justifata est sapientia a filis suis* [A sabedoria é justificada por seus filhos]



## O SEGUNDO LIVRO

AO REI

P

ode parecer mais conveniente, embora com frequência as coisas se passem de outro modo (excelente rei), que os que são firmes em progêrie e tenham em si a presença da imortalidade em seus descendentes devam também dar mais atenção ao bom estado dos tempos futuros, aos quais sabem que devem transitar e recomendar seus queridos penhores. A rainha Elizabeth foi uma hospede do mundo, por causa da sua vida celibatária, e uma bênção para seu tempo, tanto que a impressão deixada por seu bom governo, além de sua feliz memória, não deixa de ter ainda efeitos que lhe sobrevivem.

Mas a Vossa Majestade, que Deus já abençoou com tal descendência real, digna de continuá-la e representá-la para sempre, e cujo leito juvenil e fecundo promete ajuda muitas renovações semelhantes, é próprio e agradável ocupar-se não apenas dos aspectos transitórios do bom governo, mas também dos atos que são, por sua própria natureza, permanentes e perpetuos. Entre eles (se a emoção não me arrebatou) nenhum há mais digno que continuar a dotar o mundo de conhecimento sólido e fecundo.

Com efeito, por que uns poucos autores reconhecidos deveriam esquecer-se como Colunas de Hércules, além das quais não há navegação ou descoberta, à que temos uma estrela tão brilhante e benigna como Vossa Majestade para nos conduzir e fazer prosperar? Para voltar, portanto, ao

portã em que pisamos, resta considerar de que tipo são os atos empreendidos e realizados por nós e outras pessoas para o aperfeiçoamento e o aumento do conhecimento, sobre os quais não precisamos e falamos ativamente, sem divagar ou estender demais meu discurso.

2. Estabeleçamos então esta base fundamental: que todas as tarefas são cumpridas graças ao tamanho da recompensa, a solidez da orientação e a quantidade de trabalhos. A primeira multiplica a diligência, a segunda evita o erro e a terceira evita a fragilidade do homem. Mas a principal delas é a orientação, pois *cienciae in via converte cursumque errorum lo maneo* que ainda na estrada ultrapassa o corredor que sai da estrada]. E Salomão diz muito bem: "Se o ferro não estiver afiado, requer muito mais força, mas a sabedoria é a que prevalece", em seja a descoberta em a escolha de meio são mais efetivos que qualquer esforço redobrado ou acumulado. Foi levado a falar disso porque, sem desacreditar a nobre atenção dos mercedeiros do Estado do conhecimento, observei mesmo assim que suas obras e atos são antes questões de magnificência e memória que de progresso e desenvolvimento, e que tendem mais a aumentar a massa do conhecimento na multidão de eruditos que a reduzir ou elevar as próprias ciências.

3. As tarefas ou atos mercedeiros em relação ao conhecimento estão quase sempre ligados a três objetos – os lugares do conhecimento, os livros do conhecimento e as pessoas dos eruditos. Assim como a água, seja o orvalho do céu ou as nascentes da terra, se dispersa e se perde no solo, a menos que seja recolhida em algum recipiente em que possa, recolhendo-se, fertilizar-se e sustentá-lo, e para isso a indústria do homem fabricou e moldou fontes, canais, cisternas e reservatórios, os quais o homem também se acostumou a parmentar com ornamentos de magnificência e grandeza e com equipamentos úteis e necessários, assim também o excelente lugar do conhecimento, venha ele de divina inspiração ou jure do sentido humano, logo pereceria e desapareceria no esquecimento se não fosse preservado em livros, tradições, conferências e lugares espaciais, como universidades, colégios e escolas que o recolhem e fortificam.

4. As tarefas relacionadas às sedes e lugares do saber são quatro: fundações e construções, concessão de renda, concessão de isenções e

privilégios, organização e direção da instituição. Tudo isso tem em vista a quantidade e privacidade da vida e a ausência de preocupações e aborrecimentos, muito semelhante ao local reconhecido por Virgílio para as colmeias de abelhas:

*Principio sedes an bar ratiouque petenda. Quae neque sit ventis adita via.*

[É preciso primeiro procurar um lugar para as abelhas, onde nem os ventos possam entrar, etc.]

5. As tarefas relacionadas aos livros são duas: primeiro as bibliotecas, que são como os santuários em que todas as relíquias dos antigos santos, cheias de real verdade, sem ilusão ou impostura, são depositadas e preservadas, segundo, nos as cópias de autores, com impressões mais corretas, traduções mais fiéis, comentários mais úteis, anotações mais diligentes e outras coisas semelhantes.

6. As tarefas relacionadas à pessoa dos eruditos (além de sua promoção e proteção em geral) são duas: a recompensa e a designação de leitores (professores) para as cátedras já existentes e inventadas e a recompensa e designação de escritores e pesquisadores para todos os campos do saber que não tenham sido suficientemente trabalhados ou examinados a fundo.

7. Essas são, em resumo, as tarefas e os atos a que os méritos de muitos excelentes príncipes e outros dignos personagens foram associados. Quanto a lembrar de exemplos particulares, vem-me à mente o que Cícero dizia quando fazia agradecimentos gerais: *Difficile non aliquid, ingratus quoniam praeterit* [Será difícil lembrar de todos e ingratos esquecer de alguém]. Em vez disso, de acordo com as Escrituras, vamos olhar o caminho que ainda temos diante de nós e não aquilo que já foi atingido.

8. Portanto, para começar, dentre tantas importantes fundações de colégios na Europa, acho estranho que sejam todas dedicadas a profissões e nenhuma aberta às artes e às ciências ao largo. Se os juízes julgam que o conhecimento deve ser associado à ação, julgam bem, mas disso recai no erro descrito na antiga fábula, em que as outras partes do corpo suplicam que o estômago era inútil porque não realizava um trabalho de

novamente, como os membros, nem de sensação, como a cabeça, apesar disso, é o estômago que digere e distribui o alimento para todo o resto. Assim, se alguém pensar que a Filosofia e a universalidade são estudos inúteis, estará deixando de considerar que todas as profissões são por elas servidas e alimentadas.

Considere que essa seja a causa de um entrave ao progresso do saber, porque esses conhecimentos fundamentais foram estudados apenas de passagem. Se você quiser que uma árvore produza mais frutos do que costuma, não há nada que possa fazer nos ramos, mas se revolver a terra e acabar as raízes, certamente conseguirá. Também não devemos esquecer que o fato de se dedicarem fundações e dotações ao conhecimento profissional não apenas teve uma influência maligna sobre o crescimento das ciências, como também foi prejudicial a Estados e governos.

Disso advém, pois, que os príncipes encontrassem um deserto ao procurar homens capazes para servi-los nas coisas do Estado, pois não há educação universitária livre na qual os que estivessem dispostos a isso possam entregar-se ao estudo da Filosofia, das línguas modernas, dos livros de Política e eloquência pública e outras capacidades do mesmo tipo, úteis ao serviço do Estado.

8. É como os fundadores de colleges pleam e os fundadores de outros regens, parece análogo falar da deficiência dos cursos públicos, em seja, da meagera e mesquinhez do salário ou remuneração que em muitos lugares lhes são atribuídos, tanto no ensino das artes liberais quanto nas das profissões particulares. É necessário, pois, para o progresso das ciências, que os leitores [professores] sejam homens dos mais capazes e competentes: eles são nomeados para a geração e a propagação das ciências, e não para um uso transitório delas.

Isso só será possível se as condições e remunerações forem suficientes para contentar o ânimo mais capaz e o estimularem a consagrar seus trabalhos e a continuar por toda a vida nessa função e suas exigências; por isso, deve haver uma proporção justa entre a meritocracia ou excelência do progresso real, a fio, segundo o que se espere de uma profissão ou da prática de uma profissão. De forma que, se você quiser ver florescer as ciências, deve observar a lei militar de Davi, que era: "os que ficam com os carneiros devem

receber o mesmo que os que vão ao combate", de outro modo, os carneiros não serão bem guardados. Por isso, os que ensinam ciências são de fato os guardiões das armazéns e provisões das ciências, nos quais os homens que realizam os tarefas práticas vêm se abastecer e, por isso, devem ter igual acolhimento, se, ao contrário, os pais das ciências forem da espécie mais fraca ou mantidos nas piores condições, *ex patrum insidias referunt juvenis ius* [as fraquezas dos pais reaparecem nos filhos].

10. Não ainda outra imperfeição, sobre a qual pedi ter nada a almot alquimista, que contrata homens para vender seus livros ou construir fortificações, que abandona e renuncia a Minerva e às musas como virgens estúpidas e deposita sua confiança em Vulcano. Mas certo é que no estado profundi formado e eficiente de muitas ciências, especialmente a Filosofia natural e a Medicina, os livros não são os únicos instrumentos; a generosidade dos homens não deixou a deixar nesse ponto. Vemos que esferas, globos astronômicos, mapas e semelhantes foram construídos como acessórios de Astronomia e da Cosmografia [Geografia]\*, assim como livros. Da mesma maneira, vemos que certos institutos consagrados à Medicina apresentaram a continuidade de jardins para amostras de todos os tipos e, da mesma maneira, recomendaram o uso de cadáveres para o estudo da Anatomia. Mas isso só diz respeito a um punhado de coisas.

Em geral, é difícil que haja progressos maiores na revelação da natureza, exceto se houver subsídios para despesas com experimentos, sejam experimentos pertencentes a Vulcano ou a Dédalo, formalis ou menor em qualquer outro tipo. Portanto, assim como secretários e espiões de príncipes e Estados apresentam contas por suas informações, você também deve permitir que os espiões e informantes da natureza apresentem suas contas; senão, você será mal informado.

11. E se Alexandre fez a Artémides uma doação tão liberal do tesouro para a remuneração de caçadores, passarinheiros, pescadores e assembleiados, para que assim ele pudesse compilar uma história da natureza, muito mais merecem aqueles que trabalham nos ares da natureza

\*N.T.: Atlas Geográfico.



12. Outro defeito que noto é que aqueles que dirigem as universidades deixam de lado, ou negligenciam, a discussão das idéas, e que os príncipes ou pessoas superiores deixam de lado ou negligenciam a inspeção para verificar e considerar se as leituras, os exercícios e outros costumes referentes ao conhecimento, iniciados na Antiguidade e até hoje praticados, estão ou não bem instruídos, assim, é possível corrigir ou reformar aquilo que possa ser considerado inconveniente. Essa é uma das máximas mais sábias e príncipescas de Vossa Majestade: "Para os costumes e precedentes, deve-se considerar a época em que começaram; se esta tiver sido cabul e ignorante, o costume perde sua autoridade e passa a ser considerado suspeito". E visto que a maioria dos costumes e ordens das universidades deriva-se de épocas mais obscuras, é de extrema necessidade que sejam reexaminados. Para ilustrar esse ponto, darei um exemplo ou dois de coisas que são bastante claras e familiares.

A primeira é um assunto que se julga antigo e geral, mas que sustenta-se em um erro: os estudantes das universidades chegam demasiado cedo, ainda imaturos, à Lógica e à Retórica, artes mais adequadas a alguns formandos que a crianças e noviços. Essas duas, se convenientemente compreendidas, são as mais graves e úteis, as bases das artes; a primeira pelo julgamento, a outra pelo ornamento. São as regras e instruções sobre a apresentação e a disposição de uma matéria, e, portanto, para mentes vazias e não carregadas de matéria, que ainda não adquiriram o que Cícero chamava *ratio e sapientia* (a floresta e a bagagem), iniciar-se nessas artes (como se uma pessoa desse aprender a pensar, medir ou pintar o vento) produz apenas o seguinte efeito: a sabedoria dessas artes, que é grandiosa e universal, torna-se quase desprezível e degenera em sofística pueril e afectação ridícula. Mais que isso: seu aprendizado produz um conhecimento seu ensino superficial e pouco proveitoso, ou seja, como convém à capacidade das crianças.

Observe também uma lacuna nos exercícios usados nas universidades, que operam um divórcio deploável grande entre a leitura e a memória. Ou os discursos são premeditados em *verbo concepta* (palavras preparadas) e neles nada é deixado à invenção, ou, meramente improvisados, e neles pouco é deixado à memória. Todavia, na vida e na acção há pesquisa

no uso de uma delas sem a outra, mas antes se usam misturas de premeditação e invenção: notas e memórias. Assim, o exercício não corresponde à prática nem a imagem à vida: uma boa regra para os exercícios diz que devem ser meditados de forma que se aproximem ao máximo da vida e da prática, pois de outra maneira pervertam os movimentos e faculdades da mente, em vez de prepará-los.

A verdade aí contida não é nada óbvia quando os estudantes começam a exercer suas profissões ou outras ações de vida pública, logo essa carência é percebida por eles mesmos e, mais rapidamente ainda, pelos outros. Mas concluirei este ponto da reforma das instituições e ordens das universidades com a frase da carta de César a Cícero e Balbo: *Hoc quærendum fieri potest: nomalia non in mentem veniant, et multa experiri possunt, de his rebus rogo vos ut cogitatis cum suscipiatis* [Sobre a maneira de fazê-lo, algumas idéias me vêm à mente e outras podem ser percebidas; peço-lhes que comecem a reflectir sobre essas questões].

13. Outro defeito que noto fica em nível um pouco mais elevado que o anterior. Como o progresso do saber baseia-se em grande parte nas ordens e instituições das universidades dentro dos mesmos Estados e reinos, seria ainda mais avançado se houvesse mais inteligência mútua entre as universidades europeias do que há agora. Vistos que há muitas ordens e fundações que, embora divididas entre diversos Estados soberanos e territórios, tomam a responsabilidade de uma espécie de contrato, fraternidade e correspondência umas com as outras, no ponto de terem províncias e generais. É certamente, assim como a política cria a unidade nas famílias, as artes mecânicas reúnem imensidades nas comunidades e a união de Deus acrescenta uma imensidade nos reis e bispos, assim também se pode haver uma fraternidade no conhecimento e na iluminação, relacionada a paternidade atribuída a Deus, que é chamado Pai das iluminações e das luzes.

14. O último defeito que notei é que não houve, ou houve muito raramente, nomeações públicas de escritores ou pesquisadores para as áreas do conhecimento que possam parecer ainda não ter sido suficientemente trabalhadas ou exploradas, sobre esse ponto há a necessidade de injetar-se um exame das áreas do conhecimento que foram elaboradas e das que

foram orações. Frente as carências da carência está a crença na abundância de conhecimento, mas a grande quantidade de livros mostra antes um excesso de supérfluidade do que uma carência; esse excesso, porém, não deve ser remediado deixando-se de produzir livros, mas sim produzindo mais livros bons, os quais, como a serpente de Moisés, poderão devorar as serpentes dos encantadores.

15. A supressão de todos os defeitos anteriores irei enumerados, exceto pelo último, mas também a parte ariva criada no último (a saber, a nomeação de escritores), são iguais *bonafide* [obras reais], os esforços de um único homem, nesse sentido não podem ser mais que uma indicação em um ensaamento, que aponta o caminho mas não pode segui-lo. Todavia, a parte preparatória do último ponto (a indagação do conhecimento) pode ser iniciada por trabalho particular. É por isso que tentarei agora realizar uma perambulação geral e fiel pelo conhecimento, buscando sempre as partes que permanecem frescas e novas, e não aperfeiçoadas e convertidas pela indústria do homem, com a finalidade de que, uma vez cumprido e registrado na memória, esse plano possa levar a luz para qualquer escolla dos pesquisadores e também sirva para estimular emprezas voluntárias. Não obstante, minha proposta, neste momento, é notar apenas as necessidades e deficiências e não fazer nenhuma redarguição dos erros ou de realizações incompletas. Uma coisa é apontar e outra que são ló adubado e outra e corrigir a má lavoura daquilo que foi adubado.

Não ignoro, no que toca à realização e funcionamento deste trabalho, o que representa esse projeto que ponho em movimento num estado inconsciente de minha própria fraqueza para sustentar minha proposta. Mas tenho a esperança de que, se meu extremo amor ao conhecimento me levar longe demais, eu possa obter a desculpa da cegueira; pois "o homem não tem a certeza de amar e ser sábio". Mas bem sei que não posso gozar de uma liberdade de julgamento diferente da que devo recomendar aos outros; por meu lado, ficarei igualmente feliz, seja por realizar eu mesmo ou por ver outras pessoas realizar o seguinte dever da humanidade: *nam qui errant comites monstrant viam etc.* [quem tem a bondade de mostrar o caminho, aquele que vague, etc.]. Prezo também que muitas pessoas me censuram por julgar que, dentre as coisas que apresentarei e registrarei como deficiências e emissões, algumas já foram feitas e existem; outras são apenas curiosidades e

sem uso prático; as outras são demasiado difíceis e quase impossíveis de ser apregoadas e realizadas. Mas quanto às duas primeiras, respeito a cada uma em particular. Quanto à última, que respeita à impossibilidade, acho que as coisas devem ser consideradas possíveis se puderem ser feitas por algumas pessoas, embora não por todas, se puderem ser feitas por muitos, embora não por um só; e se puderem ser feitas na sucessão dos anos, embora não no alcance da ampulheta de uma vida humana, e se puderem ser feitas por desgraça pública, mesmo que não pelo esforço particular. Não obstante, se um homem quiser antes tomar a si, a frase de Salomão *Dicit piger, Leo est in via* [O preguiçoso diz que há um leão atravessado na estrada] do que a de Virgílio, *Pervenit quia posse videtur* [Eles podem porque lhes parece que podem], ficarei satisfeito por serem meus labores considerados o melhor espécie de desejo, pois assim como é preciso certo conhecimento para fazer uma pergunta que não seja impertinente, também é preciso um certo bom senso para formular um desejo que não seja absurdo.



## I

(1) As partes do conhecimento humano correspondem às três partes do entendimento do homem, que é a sede do saber: a história a sua memória, a poesia a sua imaginação e a filosofia à sua razão. O conhecimento divino recebe a mesma distribuição, pois o espírito do homem é o mesmo, embora a revelação do oráculo e dos sentidos seja diversa. Assim, a Teologia consiste no conhecimento da história da Igreja, em parábolas, que são poesia divina, e na doutrina ou preceito sagrado. Quanto a parte que pertence exclusivamente à filosofia, não passa de história inventa, que tem sobre a história humana o privilégio de ser narrada tanto antes quanto depois do fato.

(2) A história é natural, política, eclesiástica e literária; embora eu saiba que as três primeiras existem, vejo a quarta como defectiva. Ninguém jamais se propôs a descrever e representar o estado geral do conhecimento ao longo das eras, como muitos fizeram com as obras da natureza, do Estado, das polítrias e eclesiásticas; sem a história das letras, a história do mundo me parece como a estátua de Príamo sem um olho, sendo a parte que falta a que mais mostra o espírito e a vida da pessoa. Todavia, não ignoto que, em diversas ciências particulares, como a dos juristas, os súltos, dos matemáticos, dos retóricos, dos filósofos, na memória das escolas, autores e livros, há igualmente algumas histórias estóricas e invenção das artes ou costumes. Mas uma história exata do saber, que compreendesse a história antiga e original dos conhecimentos e suas escolas, descobertas, tradições, suas diversas administrações e direções, seu desenvolvimento, suas opiniões, seu declínio, sua decadência, seu esquecimento e seu desaparecimento, com as causas e ocasiões disso tudo e todas as outras acontecimentos

relacionados ao saber ao longo das eras da vida, posso sinceramente afirmar que ainda falta. O uso e a finalidade desse trabalho não será, a meu ver, a curiosidade ou a satisfação dos que amam o saber, mas principalmente algo mais sério e grave que, em poucas palavras, será oferecer aos estudiosos a sabedoria para o uso e a administração do conhecimento. Não são as obras de Santo Agostinho nem de Santo Ambrósio que tornam útil o conhecimento, mas a história da Igreja cuidadosamente lida e observada; o mesmo raciocínio vale para o conhecimento.

(3) A história da natureza é de três tipos: da natureza em curso, da natureza errante ou divergente e da natureza alterada ou fugada. Ou seja, história das criaturas, história das maravilhas e história das artes. A primeira delas sem dúvida existe, e com bastante perfeição; as duas últimas têm sido tratadas de maneira tão débil e inaproveitável que seu obrigatório considerá-las defectivas. Não encontro compilação suficiente ou competente das obras da natureza que tragam uma digressão ou desvio do curso ordinário das gerações, produções e movimentos, sejam singularidades no local ou região, os estranhos acontecimentos do tempo ou do espaço, os efeitos de propriedades ainda desconhecidas ou exceções à espécie em geral. É verdade que encontro diversos livros de experiências e segredos fabulosos e impossíveis frios para o prazer e o esbanjamento, mas não pude encontrar uma compilação severa e substancial das coisas heteroceltas ou irregulares da natureza, bem examinadas e descritas, especialmente alguma que rejeitasse as fábulas e os erros populares. Da forma como as coisas estão, se uma verdade da natureza foi posta de pé, ocorre que, seja por negligência de exame ou aparência de antiguidade, ou pelo uso desse espírito em analogias e ornamentos de discurso, a ciência é deturpada.

(4) A utilidade deste trabalho, honrado com um precedente em Aristóteles, é para quem quer contenter o apetite dos espíritos curiosos e literos, à maneira das narrativas de metáforas, mas por duas razões, ambas de grande peso. A primeira, corrigiu a paternalidade de axiomas e opiniões, que comumente são constituídos apenas a partir de exemplos comuns e familiares, a outra é que, nas maravilhas da natureza, iniciava-se o caminho e a compreensão mais direta para as maravilhas da arte, pois é simplesmente seguindo na, por assim dizer, perseguindo a natureza em suas perambulações que conseguimos levá-la de volta ao mesmo lugar. Também



não sou de opinião, dessa história de maravilhas, de que as narrativas superstitiosas de feitiçaria, bruxaria, sonhos, divinhações e coisas semelhantes, caso haja uma prova segura e clara do fato, devam ser totalmente excluídas. Ainda não se sabe em que casos e até que ponto os efeitos atribuídos à superstição têm causas naturais; portanto, mesmo que essas práticas sejam condenáveis, a especulação e a consideração a seu respeito podem trazer alguma luz, não apenas no caso em estudo das ofensas que consistem, mas para melhor explorar a natureza. Não se deve ter exemplos errados em penetrar nessas questões para buscar a verdade, como Vossa Majestade mostrou em pessoa, achando profundamente e com sabedoria, com os dois olhos claros da religião e da Filosofia natural, para essas trevas, provando ser de natureza do sol, que atravessa a poluição e permanecendo puro como antes. Mas a mim parece conveniente que essas narrativas, que se misturam à superstição, formem uma categoria a parte e não sejam misturadas aos relatos simples e sinceramente naturais. Mas quanto as narrativas que tratam dos prodígios e milagres das religiões, de não são verdadeiras ou não são narradas, são, portanto, pouco pertinentes à história da natureza.

(5) Não que toca a história da natureza manufaturada ou mecânica, encontro algumas compilações sobre agricultura e artes manuais, mas, comumente, elas rejeitam as experiências familiares e vulgares, pois julga-se uma espécie de desonra ao conhecimento descer até o nível de indagações ou meditação a respeito de assuntos técnicos, a menos que sejam considerados segredos, raros ou obra de particular habilidade; esse gosto ditado pela arrogância vai e sobranceira à com justiça ridicularização em Platão, quando este apresenta Hippias, um jactancioso sofista, em uma discussão com Sócrates, um verdadeiro e autêntico aquiridor da verdade, nesse diálogo, cujo assunto era a beleza, Sócrates, segundo seu modo habitual de indução, deu primeiro o exemplo de uma bela virgem e depois de um belo cavalo, e em seguida de um belo vaso bem envernizado; Hippias ofendeu-se com este último e disse que, se não fosse pela questão da coresia, não estaria discutindo com alguém que dava exemplos tão abjetos e súditos. Ao que Sócrates respondeu: "Você tem razão, e isso lhe vai muito bem, um homem tão bem vestido, etc." e assim prossegue com a ironia. Mas a verdade é que não são os exemplos mais elevados que fornecem a informação mais segura, como é bem expresso no conhecido conto do filósofo

que, enquanto olhava as estrelas, caiu na água, se tivesse olhado, pois, para baixo teria visto as estrelas na água, mas olhando para cima não viu a água nas estrelas. Assim, com frequência, ocorre que as coisas pequenas e vulgares revelam as grandes, mais do que as grandes revelam as pequenas; e por isso Aristoteles observa "que a natureza de todas as coisas é mais bem observada em suas menores partes". E, por isso, ele pesquisou a natureza de uma conchidade primeiro em uma fêmur e das simples associações de marido e mulher, pai e filho, senhor e servo, que existem em qualquer cidade. Da mesma maneira, a natureza da grande cidade, que é o mundo e sua política, devem ser primeiro buscadas em conchidades locais e nas partes pequenas. Assim percebemos que aquele segredo da natureza, o movimento em direção ao norte do ferro tocado pelo ímã, foi descoberto em agulhas, e não em barras de ferro.

(6) Mas se minha opinião tem alguma valia, a utilidade da história mecânica é, dentre todas as outras, a mais primordial e fundamental para a Filosofia natural; essa Filosofia não deve desaparecer nas brumas de uma especulação sutil, subtilime ou deliriosa, mas ser oportuna para o empobrecimento e benefício da vida humana. Não apenas indicará e sugerirá para o presente muitas práticas engenhosas em todos os ofícios, concluindo e transierindo as observações de uma arte para o uso de outra quando as experiências de diversas técnicas forem abraçadas pela mente de um só homem, como ainda fornecerá mais luzes a respeito das causas e axiomas que jamais se conseguia até agora. Assim como a disposição de um homem nunca é bem conhecida até que ele seja contrariado, e segurado com firmeza, também as mutações e variações da natureza não podem aparecer tão plenamente em liberdade como nas provocações e tormentas da arte.



## II

(1) Quanto a História política, é de três tipos, que pode ser adequadamente comparada com os três tipos de imagens ou pinturas. De todas as pinturas ou imagens que vemos, algumas são inacabadas, algumas são perfeitas e outras estão danificadas. Também da História encontramos três tipos: memoriais, histórias perfeitas e antiguidades; pois os memoriais são história inacabada, ou os primeiros e rústicos rascunhos da História; as antiguidades são história danificada, ou alguns vestígios de História que casualmente escaparam ao naufrágio do tempo.

(2) Os memoriais ou história preparatória são de dois tipos: um deles pode ser chamado de comentários e o outro, de registros. Os comentários são aqueles que registram uma continuação dos acontecimentos e ações em estado puro, sem motivos ou designs, deliberações, discursos, pretextos, razões e outras transições da ação. Essa é a verdadeira natureza de um comentário (embora tenha agradado a César, um imbestia mealhada a grandeza, a aplicação do nome de "comentários" à melhor história do mundo). Registros são coleções de atos públicos, como decretos de assembleias, procedimentos judiciais, declarações e correspondência de Estado, discursos e assemelhados, sem continuidade ou contextualização perfeita do fim da narrativa.

(3) As antiguidades ou vestígios de história são, como já foi dito, *tanquam tabula naufragii* [como os destroços de um naufrágio], quando pessoas industriosas, por diligência e observação exatas e escrupulosas, extraem e recuperam alguma coisa de monumentos, nomes, palavras, provérbios, tradições, registros e testemunhos particulares, fragmentos de re-

ales passagens de livros que não tratam de história, salvando-os ao díficil do tempo e recuperando-os.

(4) A essas espécies de histórias imperfeitas não atribuo deficiências, pois são *tanquam imperfecte mixta* [resultados de uma obedição imperfeita], e por isso qualquer deficiência nelas pertence apenas à sua natureza. Quanto às corrupções e traças da história, que são os epitomés, seu uso merece ser banido, como todos os homens de bom julgamento reconheceram, já que desgostaram e corromperam o corpo perfeito de muitas excelentes Histórias e fizeram delas detritos vulgares e sem proveito.

(5) A história que pode ser chamada de fiel e perfeita é de três tipos, de acordo com o objeto que propõe ou pretende representar: pois ou representa um tempo, ou uma pessoa, ou uma ação. Ao primeiro chamamos crônicas, ao segundo vidas e ao terceiro narrativas ou relatos. Desses três, embora o primeiro seja o tipo de história mais completo e absoluto e goze de maior estima e glória, é superado pelo segundo em proveito e utilidade e pelo terceiro em verdade e sinceridade. A história dos tempos representa a magnitude das ações, as figuras políticas e o comportamento das pessoas, mas passa em silêncio pelas transições e movimentos rápidos e do destino e das causas. Mas tão grande é a habilidade de Deus que pode suspender o maior dos pesos com o mais fino dos fios, *maxima e minima suspendens*, tanto que muitas vezes as histórias desse tipo mostram mais a pompa dos negócios que seus resultados mais escondidos e verdadeiros. Mas as Vidas, se forem bem escritas, se propõem a representar uma pessoa cujas ações, maiores e menores, públicas e privadas, ligam-se umas às outras, por isso, devem necessariamente conter uma representação mais verdadeira, natural e viva. Assim também as narrativas e os relatos de ações, como a Guerra do Peloponeso, a expedição de Ciro, o jovem, e conspiração de Catilina, não podem deixar de ser mais puros e exatamente verdadeiras que as histórias das epetas, pois podem escolher um argumento que esteja dentro do conhecimento e das informações do escritor: enquanto aquele que tenta escrever a história de uma época, especialmente se for longa, inevitavelmente encontrará numerosos brancos e lacunas, que será forçado a preencher segundo seu próprio juízo e suposição.

(6) Quanto à história das épocas, ou seja, a história política, a própria providência divina cuidou de fazer a repartição. Agradou a Deus ordenar e tomar ilustres deus Estados exemplares do mundo pelas armas, inducimentis, virtude moral, política e leis: o Estado da Grécia e o Estado de Roma; suas histórias ocupam o meio do tempo, e as antigas mais antigas que elas podem ser chamadas pelo nome comum de Antiquidade do mundo; depois delas vieram as histórias que podem ser da mesma maneira, chamadas pelo nome de História Moderna.

(7) Falta-me agora das deficiências. No que toca a antiguidade parte do mundo, e não é muito que sua história é deficiente. Ela sem dúvida o é, por consistir principalmente de lâminas e fragmentos, mas a deficiência não pode ser excessiva, pois a antiguidade é como a fêmea, *caput inter nuda* *condit*, sua cabeça está embucada e não pode ser vista. Já a história dos Estados exemplares nos chegou de forma perfeita. Não ao ponto de não deixar a desejar uma história perfeitamente completa da Grécia, de Tesu até Filopomeno (em cujo tempo os negócios da Grécia afundaram e se extinguiram nos negócios de Roma, e de Roma, de Rômulo até Justiniano, que pode ser chamado em verdade *ultimus Romanorum* [o último romano]). Nessas seqüências de história, o texto de Tucídides e Xenofonte, na primeira e os de Lívio, Políbio, Salústio, Cesar, Africano, Tácito e Herodiano, na segunda, seriam mantidos em sua totalidade, sem nenhuma diminuição, sendo apenas completados e continuados. Mas essa é uma questão de memória, e deve ser antes recomendada que exigida; já agora agora de partes que suplementariam o conhecimento e não do que é super-natural.

(8) Quanto as histórias modernas, algumas há de muito valor, mas a maior parte fica abaixo da mediocridade; deixando a preocupação das histórias estrangeiras aos Estados estrangeiros, pois nãoerei *curiosus in aliena republica* [um curioso em na república alheia], não posso deixar de representar a Vossa Majestade a indignidade da história da Inglaterra em seu desordenar principal e a parcialidade e obliquidade de história da Escócia no mais recente e maior autor que conheço; supponho que seria grande honra a Vossa Majestade, e uma tarefa muito memorável, se a ilha da Grã-Bretanha, que agora está unida em monarquia pelas armas que virão, fosse assim unida em uma só história dos tempos passados, seguindo a

maneira da história sagrada, que conta juntas a história dos dez tribos e a das duas tribos, como se fossem gentes. E no caso em que a grandiosidade dessa tarefa pudesse levá-la ser realizada de forma menos exata, há um excelente período, muito mais breve, em relação à história da Inglaterra ou seja, desde a união das coroas até a união dos reinos, nesse lapso de tempo a meu ver, houve as mais raras mudanças do que em qualquer número semelhante de sucessões que qualquer monarquia hereditária possa ter conhecido. Iniciou-se com a obtenção de uma coroa, tanto pelas armas quanto pelo casamento, uma posse obtida pela guerra e reforçada por um casamento; portanto, tempos que foram como as águas após uma tempestade, agitadas e movimentadas, mas sem os excessos da borrasca; mas bem atraçados pelas graças a habilidade do piloto, um dos reis mais competentes de todos. Seguiu-se, então, o reinado de um rei cujas ações, quaisquer que fossem, misturavam-se muito com os negócios da Europa, equilibrando-os e meditando-os alternadamente, nessa época conseguiu também a grande alteração no estado eclesiástico, um ato tão importante representado nesse país. Vem então o reinado de um rei de idade, recebe uma proposta de casamento (embora tenha sido apenas *folias sperantia* [uma folha passageira]). Em seguida, o reinado de uma rainha casada com um estrangeiro. Depois, vem rainha que viveu solitária e celibatária, mas cujo governo foi tão bom que criou mais impressões e influência sobre os Estados estrangeiros que estes de qualquer maneira sobre si. E, por fim, esse acontecimento muito feliz e glorioso, quando a ilha da Bretanha, separada de todo o mundo, uniu-se em si mesma, e o círculo de repouso profecido a Eulias, *antiquam ex parte matrem*, [procura tua antiga mãe], podia agora realizar-se e cumprir-se nas nações da Inglaterra e da Escócia, reunidas sob a antiga denominação-única de Bretanha, completando um período cheio de instabilidade e perambulações. Assim como com os corpos macios, que têm certas trepidações e ondulações antes de fixar-se e imobilizar-se, assim também pela providência de Deus esta monarquia, antes que se estabelecesse com Vossa Majestade e seus descendentes (com os quais espero que se estabeleça para sempre), teve essas mudanças e variações preliminares.

(9) No que diz respeito as vidas, acho estranho que nestes tempos ardemem tão pouco a virtude dos séculos para que a escrita de vidas seja



tão pouco frequente. Embora não haja muitos príncipes soberanos ou comandantes absolutos e os Estados católicas reunidos em torno de um soberano, há, mesmo assim, muitos personagens dignos que merecem mais que mereces dispensas ou epítetos estereotipados. A esse respeito é apropriada a invenção de um poeta recente, enriquecendo muito uma antiga fábula. Imagina ele que ao final do fim ou seja da vida de todo homem há uma pequena medalha com o nome da pessoa, o tempo, as virtudes e, logo que a vida é cortada, atanha as medalhas e as leva para o Rio Lete; na margem desse rio há muitos pássaros voando e eles apanham as medalhas, as carregam por alguns instantes no bico e as deixam cair no rio. Mas ali há alguns poucos cascos que, quando apanham um nome, o levam a um templo, onde o consagram. Embora muitos homens, mas poucos em suas ações que em seus corpos, pensem que o desejo de ter um nome e permanecer na memória é apenas vaidade e van glória, *quasi in imagine laudis vivunt* [são as almas que não buscam o grande nome], esta opinião tem da seguinte natureza: *non minus laudes contumeliosas, quam laudanda ferre de laudibus* [não desprezamos o louvor, desde que não tenhamos deixado de merecê-lo], porém, isso não altera o julgamento de Salustiano, *Memoria iusti cum laudibus, in impium nomen patrescit* [A memória do justo é acompanhada de elogios, mas o nome dos ímpios apodreça] - um prospera, o outro se dissolve no esquecimento e assim torna um mau nome. Assim, para continuar no estilo no tema que há muito tempo vem sendo bem recebido e prestado, *felices memorias, quam memorias, bonae memoriae* [de feliz memória, de piedosa memória, de boa memória], reconheçamos o que disse Cícero, em prestando-o a Demóstenes, que *bona fama propria possessio defanctorum* [a boa reputação é a riqueza dos mortos]; riqueza que não posso deixar de notar estar abandonada em nossos tempos, e nisso há uma deficiência.

(10) Quanto as narrativas e relatos de ações particulares, seria desejável que houvesse mais empenho nesse sentido, pois não há grande ação sem pluma que a acompanhe. Não é utilidade comum escrever uma grande história, como fica claro pelo pequeno número delas; mesmo assim, se as ações particulares memoráveis fossem ao menos toleravelmente relatadas conforme acontecerem, poderíamos esperar a compilação de uma histó-

ria completa dos tempos, quando surgisse um escritor adequado, pois a coleção desses relatos seria como uma sementeira em que se poderia plantar um jardim magnífico e principesco em seu devido tempo.

(11) Há ainda outra espécie de história feita por Cornelio Tácito e que não deve ser esquecida, especialmente por causa da aplicação que ele associa a ela, que são os anais e registros diários, reservando aos príncipes as questões de Estado e aos súltimos, os atos e incidentes de natureza mais modesta. Descrevendo apenas ligeiramente certas circunstâncias importantes, ele acrescenta: *Cetera dignitate populi Romano operantur su, res illustres equalibus talia dicunt, sedis actis mandare* [que se reconheça, pela dignidade do povo romano, que as coisas ilustres são confiadas aos anais, mas essas coisas e isto ao registro diário da cidade]. Assim, haveria de algum modo escalar hierarquicamente nas escalas, assim como há na sociedade. E como nada diminui mais a dignidade de um Estado que a confusão de graus, também a autoridade de uma história não deixa de se aviltar quando mistura assuntos relativos ao tribunal, à criminalidade ou às negociações com assuntos de Estado. O uso de um registro diário, porém, não serve apenas para a história em tempo, mas também para a história das pessoas e principalmente das ações; pois os príncipes da Antiguidade tinham como ponto de honra quanto por questões políticas, mantiveram registros diários do que acontecia a cada dia. Vejo, nos que a crônica [da] para Assuero, quando este não conseguia dormir, continha narrativas de questões políticas, mas questões que ocorriam em seu próprio tempo ou pouco antes. Já o diário da casa de Alexandre expressava cada particularidade a respeito de sua pessoa e corte; e é ainda um uso apreciado em empreitadas memoráveis a manutenção de registros do que acontece todos os dias.

(12) Também não ignora a existência de uma forma de escrever usada por alguns homens graves e sábios, contendo uma história dispersa das ações que eles julgaram dignas de lembrança, misturadas a discursos políticos e reflexões, estas não são incorporadas à história, mas separadas, constituindo o ponto principal de sua intenção; algo que esse tipo de história minúscula deve mais adequadamente figurar entre livros de política, do que quaisquer salares mais adiante, que entre livros de história. E o verdadeiro ofício da história representar os próprios acontecimentos junto com as de-

liberações e deixar as observações e conclusões a respeito à liberdade e capacidade de julgamento de cada homem. Mas misturas são coisas irregulares que ninguém pode definir.

(13) Há também outro tipo de história que apresenta muitas misturas, a História da Cosmografia [Geografia] sendo composta de história natural, já que trata das próprias regiões; de história civil, pois trata das habitações, regimes e costumes das pessoas e de matemáticas, pois trata de climas e da situação em relação aos astros; essa parte do conhecimento é, dentre todas as outras, a que teve o maior desenvolvimento nos últimos tempos. Poderia louvar com sinceridade nossa época e sua virtuosa emulação com a Antiguidade, pois jamais essa grande construção que é o mundo havia sido perfurada para a luz passar até nossa época e a de nossos pais. Embora tivéssemos conhecimento dos antepassados.

*Ataque in primis equis Orient affluit caelitis, illis sera rubens  
accendit lumen Vesper.*

[Aqui o primeiro rai de Sol sopra sobre nós o bafo de seus corceis  
estafordos, lá a noite avermelhada eleva suas luzes.]

mas se devia a demonstração, não nos fatos, pois para ir até lá seria preciso percorrer apenas metade do globo. Mas dar a volta na Terra, como os corpos celestes, não foi feito ou compreendido até tempos recentes e é por isso que esses tempos podem com justiça usar como divisa *pau ultra* [outra mais longe], no lugar do antigo *non ultra* [não além], e também *instabile fulmen* [o relâmpago é instável], em vez do antigo *non ignoscibile fulmen* [o relâmpago não é ignoscível].

*Demens qui nubes et non ignoscibile fulmen, etc.*

[Bem insensato aquele que as nuvens e o relâmpago não ignoscível...]

E também *instabile caelum* [o céu é instável], por causa das muitas viagens memoráveis que a maneira dos céus, foram realizadas em torno do globo terrestre.

(14) E este progresso da navegação e das descobertas pode também fundar uma esperança em mais progresso e aumento de todas as ciências: pois parece que Deus ordenou que esses progressos fossem contemporâneos, ou seja, que se encontrassem em uma mesma época. O profeta Daniel, ao falar dos tempos recentes, predisse com efeito: *Plurimi partumstunt,*

*et multiplex ars scientia* [Muitas irão para cá e para lá e a ciência será multiplicada], como se a abertura e a travessia do mundo e o aumento do conhecimento estivessem designadas para ocorrer na mesma época; vezes que isso já se realizou em grande parte, e sabe dos tempos recentes é poucas vezes superado pelos dois períodos anteriores ou retornos de saber, dos gregos e dos romanos.



### III

(1) A história eclesiástica tem as mesmas divisões da história política, mas uma divisão mais específica compreendendo a história da Igreja em geral, a história da profecia e a história da Providência. A primeira descreve o tempo da Igreja militária, sem fundamento, como a Arca de Noé, transportada, como a arca no deserto, no exílio, como a arca no Templo, ou seja, o estado da Igreja peregrina, errante e em paz. Não vemos lá fazer alguma coisa parte com defeito: gostaria apenas que sua sinceridade e vontade expressora de acordo com sua massa e sua quantidade. Mas não vejo tratando de censuras, mas de omissões.

(2) A segunda, que é a história da profecia, consiste em duas coisas relacionadas: a profecia e sua realização, portanto, a natureza de um tal trabalho de uma vez, e a comparação de cada profecia das Escrituras com o acontecimento que a cumpriu ao longo dos séculos do mundo, tanto para melhor confirmação do fato como para melhor esclarecer a Igreja a respeito das profecias ainda não cumpridas, reconhecendo, além disso, a unicidade de tempo abrangido pelas divinas profecias, pois elas pertencem à natureza de seu autor, para quem mil anos não passam de um dia e, portanto, não são cumpridas de uma vez, mas têm pequenos jorros e geminações durante muitos séculos, embora seu pico ou plenitude possa ocorrer em uma época precisa. Isso é um trabalho que julgo defeituoso, mas que deve ser feito com sabedoria, sobriedade e reverência, ou então não ser feito.

(3) A terceira, que é a história da Providência, trata da excelente harmonia que há entre a vontade revelada de Deus e Sua vontade secreta: esta é tão obscura que, em sua maior parte, não é legível ao homem natural: mais que isso, muitas vezes nem aqueles que a observam a partir do tabernáculo,

mesmo assim, por vezes agradou a Deus, para nossa maior segurança e para confundir os que estão sem Deus no mundo, escrever esta vontade em letras grandes em um livro tal que, como disse o profeta, "Aquele que passa correndo pode ler" — ou seja, pessoas limitadas a seus sentidos, que não se detêm diante dos decretos de Deus e nunca se inclinam ou fixam seu pensamento sobre eles, e que mesmo assim, em sua corrida, são obrigados a percebê-los. Tais são os notáveis acontecimentos e exemplos dos decretos, castigos, libertações e bênçãos de Deus, e este é um trabalho que passou pelas mãos de muitos e que portanto não posso descrever como tendo sido perfeito.

(4) Há também outras partes do conhecimento que são agradáveis da História. Todos os procedimentos exteriores do homem consistem em palavras e coisas, a função da História é acolher e guardar na memória os fatos, se guardar palavras, seja apenas quando forem instigações aos fatos e houverem levado a eles: há muitos livros e escritos apropriados para a custódia e a guarda apenas das palavras — e que também são de três tipos, discursos, cartas e breves declarações ou ditos. Os discursos são suplicas, aconselhamentos, alegrias, invejas, desculpas, repreensões, alocuições de formalidade ou cerimoniais e semelhantes. As cartas são, de acordo com a variedade das ocasiões, informativas, de aconselhamento, de instrução, de proposta, de petição, de recomendação, de censura, de concordância, cumprimento, prazer, conversa e todas as outras transições da ação. As melhores escritas pelas mãos são, dentre todas as palavras humanas, as melhores, a meu ver, pois são mais naturais que discursos e alocuições públicas e mais ponderadas que conferências ou discursos improvisados. Da mesma maneira as cartas sobre negócios de Estado, escritas pelos que os administram ou estão próximos a eles, são dentre todas as cartas as melhores acontecimentos para a história e, para um leitor diligente as melhores histórias por si só. Quanto aos apotegmas, o livro de César foi uma grande perda; pois como sua história, e as poucas cartas dele que tenho, e seus próprios apotegmas superam os de qualquer outro homem, suponho que sua coleção de apotegmas teria feito o mesmo, pois quanto aqueles reunidos por outros, ou não demonstram nenhum gosto para essa matéria ou sua escolha não foi feliz. Mas não insistirei mais nesses três tipos de escritos, pois não tenho nenhuma deficiência a mostrar no que lhes diz respeito.



(5) Eis o bastante no que toca à História, que é a arte do conhecimento que responde por uma das células, domínios ou repartições da mente do homem, que é a da memória.



#### IV

(7) A poesia é uma arte do conhecimento que trata da medida das palavras; em sua maior parte é restrita, mas em todos os outros pontos é extremamente livre e se refere realmente à imaginação; esta, não estando atada às leis da memória, pode à vontade unir aquilo que a natureza separou e separar o que a natureza uniu, fazendo assim: uniões e diversões ilegais das coisas — *mixturae atque poese* etc. [aos pintores e aos poetas...]. A poesia tem dois sentidos, o das palavras e o do tema. O primeiro sentido não é mais que uma característica do estilo, pertence às artes da discurso e não é pertinente no momento. O segundo — como já se disse — é uma das principais partes do conhecimento, e nada mais é que história distorçada, que pode ser contada em prosa ou em verso.

(8) Já a história fictícia tem sido usada para trazer alguma sombra de satisfação à mente do homem nos pontos em que a natureza das coisas lhe recusa, sendo o mundo, em proporção, menor que a alma; por essa razão encontramos nela uma grandeza mais ampla, uma qualidade mais exata e uma variedade mais absoluta, agradáveis ao espírito do homem, do que se encontram na natureza das coisas. Portanto, como os atos e acontecimentos da verdadeira história não têm a magnitude que satisfaz a mente do homem, a poesia finge atos e acontecimentos maiores e mais heróicos. Como a verdadeira história conta os resultados bons e maus de ações não tão conformes aos méritos da virtude ou do vício, a poesia os finge de forma mais justa e mais de acordo com a providência revelada. Como a verdadeira história representa ações e acontecimentos mais regulares e menos diferenciados, a poesia os dota de maior variedade e variações mais inesperadas e alternativas. Fica claro, então, que a poesia serve e contribui

a magna verdade, à moralidade e ao deleite. E por isso sempre se julgou que participasse, de alguma forma, da divindade, já que eleva a mente submetendo as aparências das coisas aos desígnios da mente, enquanto a razão labra e anota a mente à natureza das coisas. E percebemos que, com essas insinuações e congruências com a natureza e o prazer do homem, associadas também à utilidade e à harmonia que tem com a música, a poesia foi admirada e estimada em épocas grossas e regiões bárbaras, quando outros conhecimentos permaneceriam excluídos.

(3) A divisão mais adequada da poesia, de acordo com suas propriedades (além das discussões que não temem com as da história, como as crônicas factuais, vidas factuais, e os apêndices da história, como epístolas factuais, discursos factuais e assim por diante), se faz em poesia narrativa, representativa e alusiva. A narrativa é mera imitação da História, com os excessos anteriormente lembrados, escolhendo convenientemente como tema as guerras e o amor, tormento e êxtase e, muitas vezes, o prazer e a alegria. A poesia representativa é como uma história vivível e é uma imitação das ações como se elas estivessem presentes, assim como a história conta as ações passadas da forma como são ou seja, passadas. A poesia alusiva ou parabólica é uma narrativa aplicada apenas a expressar algum propósito ou adão especial: esse tipo a saber conta parabolas, era muito mais usado na Antiguidade, como nas fábulas de Esopo, nos breves aforismos dos Sute e nos Libépticos. Isso porque (para ser muito necessário expressar dessa maneira qualquer observação da razão que fosse mais sutil ou penetrante que o vulgar) os homens daquele tempo queriam variedade de exemplos e sentença de idéias, e assim como os heróicos existiam antes das letras, também as parábolas existiram antes das argumentações, mesmo assim, hoje em dia e em todos os tempos, elas mantêm muito de sua vida e vigor, pois a razão não pode ser tão perceptível nem os exemplos tão adequados.

(4) Mas há ainda outra outra utilidade da poesia parabólica, aquela à que já mencionamos: enquanto aquela tende a demonstrar e ilustrar aquilo que é ensinado ou revelado, esta outra tenta afastá-lo e torná-lo obscuro, isso ocorre quando os segredos ou mistérios da religião, da Política ou da Filosofia são envolvidos em fábulas ou parábolas. Veremos que esse uso é autorizado na poesia sacra. Na poesia paga vemos que as fábulas por vezes

expõem as coisas de maneira muito feliz, como na fábula em que os gigantes são derrotados em sua guerra contra os deuses e a terra, sua mãe, se vinga criando a Fama.

*Hinc terra parvos, sua omnia Deorum, Evolvit, ut perhibent, Uxor Enceladusque sororem, Progenit.*

[A mãe terra, tomada de fúria contra os Deuses, engendra a filha a terra nascida ao que se conta, de Cino e Encélaço.]

A fábula revela assim tudo, quando príncipes e monarcas suprimem os rebeldes reais e assumidos, a utilidade do povo (que é a mãe da rebelião) produz contra os Estados licelos, calúnias e acusações que pertencem à mesma espécie que a rebelião, mas são mais femininas. Também na fábula em que os outros deuses conspiram para arremessar Júpiter, Féias chama Briareu das cem mãos para ajudá-la, essa fábula ensina que as monarquias não devem temer que sua soberania absoluta possa ser ameaçada por súditos poderosos, desde que tenham a sabedoria de manter o coração do povo, que certamente ficará a seu lado. Também a fábula em que Aquiles é criado sob os auspícios de Quíron, o Centauro, que era meio homem e meio animal, interpretada de maneira engenhosa, mas com caputela, por Maquiavel, ensina que pertence a educação e disciplina dos príncipes aprender a representar o papel do leão na violência, do raposa na astúcia e do homem na virtude e na justiça. Entretanto, em muitos debates semelhantes, penso que a fábula veio primeiro e a partir dela, imaginou-se a interpretação, em vez de a moral ter vindo antes e a fábula ser criada a partir dela, só que Cícero tinha uma preocupação muito fútil, pois se esforçava demasiado para ligar as afirmações dos Estóicos às trepções dos antigos poetas; mas quanto a idéia de que todas as fábulas e ficções dos poetas eram apenas prazeres e não figuras, não acho nenhuma opinião. Certamente, quanto aos poetas cuja obra ainda subsiste, inclusive o próprio Homero (embora sua obra tenha sido transformada em uma espécie de Escritura pelas escolas gregas tardias), não tenho nenhuma dificuldade em afirmar que suas fábulas não tinham, em seu sentido próprio, tal significação interior. Mas não é tão fácil afirmar qual significação tiveram em sua tradição mais original, já que ele não foi o criador de muitas delas.

(15) No que se revela a essa terceira âncora do saber, que é a poesia, não possa descobrir nenhuma deficiência, pois, como uma planta que nasce da lascívia da terra, sem uma semente essencial, ela brota e se expande mais que qualquer outro tipo. Mas a fim de atribuir-lhe o que é devido, quando se tratar da expressão de situações, paixões, vícios e costumes, contemplar-nos antes as obras dos poetas que as dos filósofos. É quando se trata de exprimir e eloquência, de vez em quando contemplá-las em pé de igualdade com as arengas dos oradores. Mas não é bom permanecer tempo demais neste terreno. Passamos agora à corte de justiça ou palácio da mente, que é preciso abordar e olhar com mais reverência e atenção:



## V

(1) O conhecimento do homem é como as águas: algumas provêm do alto, outras partam de baixo, um é ensinado pela luz da natureza, o outro, inspirado pela revelação divina. A luz da natureza consiste nas noções da mente e nos testemunhos dos sentidos, pois o conhecimento que o homem recebe da ensino é cumulativo e não original, como a água que, além de sua própria nascente, é alimentada por outras nascentes e córregos. Assim, de acordo com estas duas fontes de luz ou origens diferentes, o conhecimento é, em primeiro lugar, dividido em ciência do mar\* e Filosofia.

(2) Na Filosofia, os estudos do homem chegam a Deus ou são restritos à natureza, ou ainda refletidos e revertidos sobre ele próprio. Desse tipos diferentes de indagação nascem três conhecimentos: a Filosofia divina, a Filosofia natural e a Filosofia humana ou humanidade. Todas as coisas estão marcadas e seladas com este triplo caráter: o poder de Deus, a distinção da natureza e a utilidade para o homem. Mas como as distribuições e divisões do conhecimento não são como várias linhas que se cruzam em um ângulo, tocando-se assim em um só ponto, mas sim como galhos de uma árvore que se encontram em um tronco que tem uma diâensão, uma certa quantidade de interesse e continuidade antes de dividir-se e separar-se em braços e ramos, é bom, antes de entrar na distribuição indicada anteriormente, unir e constituir uma única ciência universal, com o nome de *Philosophia prima*, Filosofia primitiva ou condensada, como um caudal principal e comum, antes de chegar ao lugar em que os ramos se separam e se dividem, se deve ou não descrever esta ciência como defectiva, não ser. Entendo uma certa rapáida de Teologia natural e de diversas

\*N.T.: Atualmente conhecido como Teologia.



partes de Lógica, assim como daquela área da Filosofia natural que trata da alma ou espírito, todas essas coisas estabramente misturadas e confundidas, mas, examinadas, melhor, parece-me mais uma depredação das outras ciências, mistaleonadas e elevadas a uma certa altura de termos, que a algo autêntico e substancial por si só. Mesmo assim, não posso ignorar a distinção corrente segundo a qual as mesmas coisas são encaradas sob pontos de vista distintos. Por exemplo, a Lógica considera muitas coisas como são no entendimento e esta Filosofia as considera como são na natureza: uma na aparência, a outra na existência, mas acho que esse distorção é melhor feita do que posto em prática. Se as pessoas houvessem considerado quantidade, semelhança, diversidade e as outras nomenclaturas exteriores das coisas como filósofos, e portanto na natureza, suas indagações deveriam focosamente ter sido de uma espécie bem diferente da que são. Haveria um só que, ao tratar da quantidade, fale na torça de umão e de como a idé que ponto da multiplicação o efeito? Daria alguma a razão para algumas coisas na natureza serem tão comuns e em tão grande quantidade, e outras tão raras e em tão pequena quantidade? Haveria alguém que, ao tratar de semelhança e diversidade, explicasse por que a forma não atua a forma, que é mais semelhante, mas é mais próximo à imã, que é menos semelhante? Por que, em toda a diversidade das coisas, deve haver certos híbridos da natureza tão ambíguos que não se sabe nem a que espécie relacioná-los? Mas há um puro e profundo silêncio em relação a natureza e à ação desses atributos virtuais das coisas da forma como estão na natureza, e visto apenas uma repetição contínua de si a eficácia e utilidade no discurso ou argumentação. Portanto, como em um escrito dessa natureza deve evitar quaisquer sutilezas, minha interpretação dessa Filosofia original ou universal é a seguinte, em uma descrição simples e grosseira pelo negativa, "que ela é um receptáculo para todas as observações e axiomas úteis que não recaem na esfera de qualquer das áreas especiais da Filosofia ou das ciências, mas que são mais comuns e de um plano mais elevado".

(1) Não se deve duvidar que há muitos axiomas desse tipo. Por exemplo: não seria a regra *si inaequalibus aequalia addat, aequalia erunt aequalia* [se somares coisas iguais a coisas desiguais, o resultado serão coisas desiguais] um axioma tanto da justiça quanto da matemática? E não haveria uma verdadeira coincidência entre a justiça comutativa e a

distintiva e a propagação aritmética e a geométrica? Por acaso a outra regra, *quae in ordine sunt consentanea, et inter se consentiant* [dois termos de umido com um mesmo terceiro também estão de acordo entre si] não vem da Matemática, mas é tão poderosa na Lógica que não se baseiam todos os silogismos? Não seria a observação *omnia mutantur in terra* [todas as coisas mudam, mas nada se perde a idéia, no Filosofia, de que a quantidade de natureza e eterna? É em Teologia natural, a edia de que é precisa a mesma equipolência para tomar algo em vida e para tomar nada em algo? De acordo com as Escrituras, *Unusquisque curat opera quam fecit Deus, perseveret in perpetuum, non postquam eis quicquam addere vel auferre* [Retenhei que todas as obras feitas por Deus durarão sempre, não podemos acrescentar-lhes nem retirar-lhes nada]. Não seria a idéia proposta por Maquiavel com tanta afeição a respeito dos governos, segundo a qual o modo de estabelecer e conservar os é *reverti ad principia* [a seus princípios/princípios] uma regra em religião e na natureza, assim como na administração do Estado? Não seria a magia persa uma redução ou correspondência dos princípios e arquiteturas da natureza às regras e política dos governos? Não seria o preceito de um músico, que aconselha encadear uma dissonância ou acorde dissonante a uma consonância ou acorde harmonioso, igualmente verdadeiro para os sustentamentos? A figura musical que consiste em evitar um *glissando* ou uma cadência não teria algo em comum com a figura de Retórica que consiste em evitar a expectativa? O prazer de um *trémolo* na música não seria o mesmo ao jogo da luz sobre a água?

*Splendat tremolo sub lumine pontis.*

[O mar resplandece sob a luz tremelizante.]

Não seriam os órgãos dos sentidos do mesmo tipo que os instrumentos refletores, o olho como um espelho, o ouvido como uma caverna ou estroto delimitado e fechado? Essas não são apenas semelhanças, como homens de visão estreita poderiam pensar, mas as mesmas pegadas da natureza, pisando sobre diversos assuntos ou matérias e imprimindo ali sua marca. Essa ciência, portanto [de forma contida e estendida], só pode ser descrita como defectiva, pois encerra em si a que os espíritos mais profun-

dos, ao tratar de alguma argumentação particular, tiram de vez em quando um bocado d'água desse poço para seu uso naquele momento, parece-me que a fonte ainda não foi ventada, mesmo sendo de tanta utilidade para a descoberta da natureza e a condensação da arte.

— — —



## VI

(1) Sendo, portanto, essa ciência posta em primeiro lugar, unguento ancestral comum, como a Peregrina, que teve uma progentura tão celeste, *omnes colliculus, omnes apex alta tenetur* [todos os habitantes do céu, todos os habitantes das alturas], podemos voltar à distribuição anterior das três Filosofias — divina, natural e humana. Quanto à Filosofia divina ou Teologia natural, trata-se do saber ou rudimento de saber a respeito de Deus que pode ser obtido a partir do estudo de Suas criaturas, esse conhecimento pode ser denominado divino no que respeita a seu objeto e natural no que respeita à luz. Os Juízes desse conhecimento são os seguintes: ele basta para convencer o ateísmo de seu erro, mas não para ensinar a religião; portanto, Deus jamais operou um milagre para converter um ateu, pois a luz da natureza deveria levar esse último a confessar que existe um Deus, mas milagres foram operados para converter os idólatras e supersticiosos, pois nenhuma luz da natureza se estende a ponto de declarar a vontade de Deus e a verdade em maneira de adorá-lo. Assim como todas as obras mostram e manifestam o poder e a habilidade do artesão, e não sua imagem, assim também são as obras de Deus, que mostram a onipotência e a sabedoria do Criador, mas não Sua imagem. E, em nisso que a opinião dos pagãos difere da verdade sagrada — pois eles supunham que o mundo fosse feito à imagem de Deus e que o homem fosse um sumário ou uma imagem reduzida do mundo, já as Escrituras nunca se dignaram atribuir ao mundo essa forma de ser a imagem de Deus, mas apenas a obra de Suas mãos; também não falam de nenhuma outra imagem de Deus sendo o homem. E, por isso, induzir e reforçar o reconhecimento de Deus e demonstrar Seu poder, providência e bondade

pela contemplação da natureza é um excelente argumento que foi muito bem praticado por muitos, mas, por outro lado, sair do estudo da natureza, o terreno do conhecimento humano, para tentar indagar qualquer verdade em relação aos pontos da fé, em minha opinião, não é prudente; *de fidei quæ fidei sum* [a fé é o que é da fé]. Os próprios pagãos concluem, a respeito de sua excelente e santa tábua da verdade de ouro, que "homens e deuses não foram capazes de arrastar Júpiter à terra; mas, ao contrário, Júpiter foi capaz de arrastá-los para o céu". Por isso, não devemos tentar puxar para baixo ou sujeitar os mistérios de Deus a nossa razão, mas pelo contrário elevar e avançar nossa razão até a verdade divina. Por isso, nessa área do conhecimento que diz respeito à Filosofia divina, estou muito longe de notar qualquer deficiência. Notei antes um excesso; só entrei nessa digressão por causa do extremo dano que tanto a religião quanto a Filosofia receberam e podem receber por serem misturadas, já que isso certamente produziria uma religião herética e uma Filosofia imaginária e fabulosa.

(2) Por outro lado, essa área do saber pertence à natureza dos anjos e dos espíritos, que é um apêndice da Teologia, tanto divina quanto natural, e não é mesclável nem proibida, embora a Escritura diga "que nenhum homem vos engane com um discurso sublimado sobre o culto dos anjos, mistoando-se presunçosamente naquilo que não conhece", etc., se observarmos bem esse preceito ficará evidente que apenas duas coisas são proibidas – a adoração dos anjos e as opiniões fantásticas a seu respeito, seja para exaltá-los mais do que convém a seu grau de criatura ou para exaltar o conhecimento que um homem tem sobre eles além do que é fundamentado. Mas a pesquisa rigorosa e fundamentada, que pode vir das passagens das Sagradas Escrituras ou das seqüências graduais da natureza, não tem restrições. Assim, com os espíritos degenerados ou revoltados: ter comércio com eles ou empregá-los é proibido, e mais ainda qualquer veneração a eles; mas o estudo ou ciência de sua natureza, seu poder, suas ilusões, seja por meio das Escrituras ou da razão, é parte da sabedoria espiritual. É assim que declara o apóstolo: "Não ignoremos seus estratagemas". E não é mais ilegítimo indagar a natureza dos bons espíritos que indagar da força dos venenos no campo da natureza ou a natureza do pecado e do vício no campo da moral. Mas não posso afirmar

que seja defeituosa essa área dos anjos e espíritos, pois muitos se ocuparam dela; antes, eu poderia atacá-la, da forma como aparece em muitos escritos, por ser fabulosa e fantasiosa.





## VII

(\*) Deixando então a Filosofia divina ou Teologia natural (tão a Teologia sagrada ou inspirada, que deixamos para o fim, por ser o porto e o *sabbath* de todos os estudos de humana), passaremos agora à Filosofia natural. Se for verdade o que diz Demócrito, que "a verdade da natureza jaz oculta em certas cavernas e ruínas profundas", e se for verdade também ouvir que os alquimistas tanto se esforçaram para ocultar nas pessoas, isto é, que Vulcano é uma segunda natureza, que imita com destreza e rapidez aquilo que a natureza opera por meios indiretos e durante muito tempo, seria bom dividir a Filosofia natural entre a mineira e a familiar e fazer para os filósofos da natureza duas profissões ou ocupações — alguns seriam mineiros, outros familiares, alguns escavariam, outros refinariam e manufaturam. Certamente admito uma divisão desse tipo, porém em termos mais familiares e escolásticos, deve haver duas partes na Filosofia natural — a busca das causas e a produção de efeitos: a especulativa e a operativa; a ciência natural e a prudência natural. Assim como nos negócios de Estado há uma sabedoria de discussão e uma sabedoria de direção, também há nos negócios da natureza. E quero fazer aqui uma solicitação, que para a última (ou ao menos para parte dela) eu possa rever e reintegrar o nome mal aplicado e explorado de magia natural, que em seu verdadeiro sentido não trata e que sabedoria natural ou prudência natural, essa definição está de acordo com a antiga aceção, purgada de toda vaidade e superstição. Embora seja verdade, e bem o sei, que há um intercursos entre causas e efeitos, de modo que os dois conhecimentos, especulativo e operativo, têm uma grande ligação entre si, como toda Filosofia natural legítima e verdadeira tem uma dupla escala ou escada, que sobe de um lado e desce do outro, subindo das experiências à descoberta das causas e descendo das causas à

intenção de novas experiências, julgo ser absolutamente necessário que essas duas partes sejam separadamente examinadas e dirigidas.

(2) A Ciência da teoria natural divide-se em física e Metafísica, aqui desejo que se compreenda que uso a palavra Metafísica em sentido diferente do habitual. Da mesma maneira, não deixarei que fique claro aos homens de juízo que neste e em outras questões particulares, mesmo que minha concepção e noção possivelmente venha das antigas, procuro mesmo assim manter sempre os termos antigos. De fato, esperando evitar o máximo possível os mal-entendidos com um máximo rigor e clareza naquilo que proponho, procuro ter o cuidado de afastar-me tão pouco da Antiguidade, seja em termos seja em opiniões, quanto for compatível com a verdade e o desenvolvimento do conhecimento. E nisso não posso deixar de espantá-me com o filósofo Aristóteles, que procedeu com um espírito de exarata divergência e contradição em relação a toda a Antiguidade, buscando não apenas forçar novas palavras científicas a seu bel-prazer, mas também contumel e antiguar toda a antiga sabedoria, por isso, nunca nomeia ou menciona um autor ou opinião antigas, senão para relatá-las e reprovi-las nesse ponto, para obter glória e atrair seguidores e discípulos, ele tornou o caminho certo. Certamente na verdade humana ocorre aquilo que foi observado e pronunciado na verdade na natureza: *Veni in nomine patris, nos recipere nos, se qui vocat in nomine suo nos recipere* [Vem em nome do Pai, e não me recebesse, se vier alguém em seu próprio nome, nos e receberem]. Mas esse filósofo (cujo nome considero a quem se julicava, ou seja, ao Anticristo, o maior dos impostores), poderia bem discernir que quando um homem vem em seu próprio nome, seja em consideração de antiguidade ou paternidade, esse não é um bom augúrio de verdade, mesmo que se junte a boa fortuna e ao sucesso de um *nos recipere* [nos e receberem]. Mas quanto ao excelente Aristóteles, acredita que tenha adquirido esse temperamento com seu aluno, com o qual parecia rivalizar, ele conquistava todas as opiniões, assim como o outro conquistava todas as noções. Nessa, porém, não poderia, pelas mãos de alguns lucrativos de disposição mordaz, receber um título semelhante ao recebido pelo seu aluno:

*Felix terrarum praedix, non utrius mundo Editus exemplum sic*

[Um venturoso bandeirante de territórios, grande exemplo útil para o mundo.]

e assim,

*Felix doctrinae praedo.*

[Uma venturosa bandeira de doutrinas.]

Mas quanto a mim, que por outro lado desejo tanto quanto esteja ao alcance de minha pluma estabelecer uma relação amigável entre a Antiguidade e o progresso, pretendo-me melhor cumprir com a antiguidade (*logos ad artem* [até a religião não compreendida] e, assim, manter os antigos termos, embora por vezes altere seus usos e definições, de acordo com o procedimento moderado de um governo político, assim, mesmo que haja alguma alteração, permanece de acordo com a sábia observação de Tácito: *eodem usumque vocabantur* [os nomes das magistraturas permanecem os mesmos])

(2) Voltando, então, ao uso e à aceção do termo *Metafísica* como o entendo, fica aparente, pelo que já foi dito, que a meu ver a *Philosophia prima* [Filosofia suprema] ou Filosofia condensada e a *Metafísica*, que até agora têm sido confundidas e consideradas uma só, são duas coisas distintas. Fiz da primeira uma genitora ou ancestral comum de todo o conhecimento, e, da outra, um ramo ou descendente da ciência natural. Fica evidente também que atribui à filosofia condensada os princípios e axiomas comuns que são, indistinta e indiferentemente, os mesmos para diversas ciências. He atribuí também o estudo relacionado à separação de seus caracteres relativos e adventivos das essências, como a quantidade, a semelhança, a diversidade, a possibilidade e a resign, com a distinção e precaução de que fossem tratadas da forma como são eficazes na natureza, e não sob um ponto de vista lógico. Fica também aparente que a Teologia natural, que até aqui fora tratada conjuntamente com a *Metafísica*, foi por mim excluída e circunscrita em si mesma. Surge assim a questão do que restou à *Metafísica*: nesse questão, posso sem dano preservar grande parte do conteúdo da Antiguidade, ou seja, de que a física deve contemplar aquilo que é inerente a matéria e, portanto, transitório, e a *Metafísica*, aquilo que é abstrato e imutável. E também que a física deve tratar daquilo que, na natureza, supõe apenas um ser e um movimento, e a *Metafísica* aquilo que supõe na natureza uma razão, um emendamento e um designo. Mas a diferença claramente expressa, é mais familiar e palpável. Assim como dividimos a

Filosofia natural em geral na busca das causas e na produção de efeitos, assim também subdividiremos a parte que diz respeito à busca das causas de acordo com a divisão tradicional e bem fundamentada das causas. Uma das partes, que é a física, busca e trata das causas materiais e eficientes; a outra, que é a *Metafísica*, trata das causas formais e finais.

(4) A física (querendo o termo de acordo com seu sentido original, e não de acordo com a aceção inglesa, que faz dele um sinônimo de Medicina) situa-se em um ponto médio entre a história natural e a Mecânica. A história natural descreve a variedade das coisas e a física, as causas, mas as causas variáveis ou particulares, e a *Metafísica*, as causas imutáveis e constantes.

*Lignus ut hic durebit, et hinc ut cera liquebit. Una eademque ignis.*  
[O que endurece a argila e liquefaz a cera é um único e mesmo fogo.]

O fogo é a causa da solidificação, mas apenas quando diz respeito à argila, e fogo é a causa da liquefação, mas apenas no que respeito à cera. Mas o fogo não é causa constante nem da solidificação nem da liquefação; assim, as causas físicas são apenas o eficiente e a matéria. A física tem três partes, das quais duas se relacionam à natureza unida ou ajuntada e a terceira contempla a natureza difusa ou distribuída. A natureza é unida em uma totalidade de seus mesmos princípios ou sementes. Assim, a primeira doutrina toca a estrutura ou configuração das coisas, como *de mundo* [de universalitas, termo (do mundo, do conjunto) universal, das coisas]. A segunda é a doutrina que se relaciona aos princípios ou origens das coisas. A terceira é a doutrina que engloba toda a variedade e a particularidade das coisas, quer se trate de substâncias diferentes ou de suas diversas qualidades e naturezas, aqui não é necessária nenhuma enumeração, sendo esta parte nada mais que uma glosa ou paráfrase que acompanha o texto da história natural. Dessas três, não posso dizer que alguma seja defectiva. Quanto à verdade ou pertinência com que são tratadas, não farei nenhum julgamento, mas são partes do conhecimento que não foram abandonadas pelo labirinto do homem.

(5) Quanto a *Metafísica*, atribuímos à busca das causas formais e finais, essa atribuição, quanto às primeiras, pode parecer fútil e vã em virtude da opinião aceita e enraizada de que a pesquisa humana não tem competência